

**UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA**

**Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**

**José Belmiro Alves**

**Desafios no Século XXI: Terrorismo Islâmico e Crime  
Organizado**

**Mestrado em Relações Internacionais com o Mundo Árabe e Islâmico**

**Porto**

**2010**



**UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA**

**Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**

**José Belmiro Alves**

**Desafios no Século XXI: Terrorismo Islâmico e Crime  
Organizado**

**Mestrado em Relações Internacionais com o Mundo Árabe e Islâmico**

**Porto**

**2010**

José Alves

## **Desafios no Século XXI: Terrorismo Islâmico e Crime Organizado**

Trabalho apresentado à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Relações Internacionais com o Mundo Árabe e Islâmico.

## **Resumo**

Este estudo almeja dar a conhecer os perigos vários em que se encontra o mundo no século XXI dada a mutação ocorrida na forma de fazer terrorismo com a entrada em cena de novos actores assimétricos como a Al Qaeda, entre outros. Outro fenómeno motivo de grande preocupação é a simbiose entre o terrorismo e o crime organizado, capaz de colocar em causa as estruturas mais basilares do Estado-Nação. Sendo aqui que residirá o maior desafio do actual século que é tentar encontrar soluções que permitam aplacar a indisfarçável conexão entre terrorismo e crime organizado.

**Palavras-Chave:** Terrorismo islâmico, criminalidade organizada, Al Qaeda.

## **Abstract**

This study aims to raise awareness about the many dangers facing the world in the 21th Century, given the mutation that occurred in terrorism due to the appearance of new asymmetric actors on the scene such as Al Qaeda, *inter alia*. Another phenomenon of great concern is the symbiosis between terrorism and organised crime, which may threaten the most basic structures of the nation state. This is arguably the biggest challenge of this century: trying to find solutions to mitigate the connection between terrorism and organised crime.

**Keywords:** Islamic terrorism, organized crime, Al Qaeda.

## Résumé

Cette étude vise à diffuser les divers dangers que le monde affronte au XXIème siècle, du fait de la mutation produite dans les formes du terrorisme avec l'entrée de nouveaux acteurs tels que al-Qaeda, entre autres acteurs. Un autre phénomène de grande préoccupation est la symbiose entre le terrorisme et la criminalité organisée, capable de remettre en question les structures les plus fondamentales de l'État nation. C'est là le plus grand défi de ce siècle qui tente de trouver des solutions pour apaiser la connexion évidente entre le terrorisme et la criminalité organisée.

**Mots-clés:** terrorisme islamique, crime organisé, Al Qaeda.

## **Agradecimentos**

Agradeço, antes de mais, ao senhor Professor Rui Miguel Ribeiro, meu orientador, pela forma educada com que sempre me esclareceu todas as dúvidas expostas. Agradeço também aos senhores professores João Casqueira e Ivo Sobral pela simpatia e paciência que sempre demonstraram aquando das inúmeras dúvidas colocadas.

Gostaria de dizer obrigado aos senhores Magistrados do Ministério Público Dra. Cristina, Dra. Isabel e Dr. Luís, e ainda às senhoras Magistradas Judiciais Dra. Susana e Dra. Anabela pelas longas horas de discussão sobre alguns dos temas tratados como o terrorismo e a criminalidade organizada.

E por último agradecer à minha querida esposa, e filhas, pela compreensão dadas as horas que furtei ao convívio familiar.



## **Lista de Abreviaturas**

ADN – Ácido Desoxirribonucleico

CEO – Chief Executive Officer

CIA – Central Intelligence Agency

DEA – Drug Enforcement Administration

EUA – Estados Unidos da América

ETA – Euskadi Ta Askatasuna

FMI – International Monetary Fund

GATT – General Agreement on Tariffs and Trade

IRA – Irish Republican Army

ISI – Inter-Service Intelligence

KGB – Komitet Gosudarstveno Bezopasnosti

MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola

SCO – Shanghai Cooperation Organization

UNITA – União Nacional para a Independência de Angola

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

WTC – World Trade Center

## Índice Geral

	Página
Resumo.....	i
Abstract.....	ii
Résumé.....	iii
Agradecimentos.....	iv
Lista de Abreviaturas.....	v
Introdução.....	1
I. Cenários Internacionais.....	5
1. Actual Contexto Internacional.....	5
2. Geopolítica do Islão.....	23
3. Intensificação das actividades ilícitas na nova geografia.....	35
II. Questões (Geo) políticas e (Geo) estratégicas.....	50
1. O Islão e a violência política.....	50
1.1. Considerações históricas e raízes do terrorismo islâmico.....	57
1.2. (Re) aparecimento do Fundamentalismo Islâmico.....	66
1.3. Jihad e Terror.....	71
2. O crescente poder do sector religioso no apoio à expansão do islamismo.....	78
III. Organizações radicais, Terrorismo e Narcotráfico.....	85
1. Organizações Radicais islâmicas.....	85
2. Movimentos extremistas no mundo ocidental.....	94
3. A natureza do Terrorismo Islâmico.....	98
4. Aproximação das redes extremistas ao crime organizado.....	102
Conclusão.....	114
Bibliografia.....	117

# Índice

## **Introdução**

### **I. Cenários Internacionais**

1. Actual contexto internacional
2. Geopolítica do Islão
3. Intensificação das actividades ilícitas na nova geografia internacional

### **II. Questões (Geo) políticas e (Geo) estratégicas**

1. O Islão e a violência política
  - 1.1. Considerações históricas e raízes do terrorismo islâmico
  - 1.2. (Re) aparecimento do Fundamentalismo Islâmico
  - 1.3. Jihad e terror
2. O crescente poder do sector religioso no apoio à expansão do islamismo

### **III. Organizações Radicais, Terrorismo e Narcotráfico**

1. Organizações radicais islâmicas
2. Movimentos extremistas no mundo Ocidental
3. A natureza do terrorismo islâmico
4. Aproximação das redes extremistas ao crime organizado

**Conclusão**

Bibliografia

Obras de Referência

Documentação

Imprensa

Internet

Artigos e Revistas Especializadas

## **Introdução**

Esta dissertação tem como objectivo primordial demonstrar que o século XXI é um teatro de operações onde vários actores contracenam num cenário desdobrável em várias coreografias todas elas de novo tipo.

O mundo vê-se a braços com personagens atípicas na forma como concretizam os seus objectivos onde o radicalismo islâmico de inspiração religiosa ganha cada vez mais adeptos e onde organizações terroristas como a Al Qaeda, e associados, souberam otimizar o lado negro da globalização a um tal ponto que conseguiram abalar as fundações seculares dos Estados-Nação preparados para uma intervenção soviética e não para uma mutação repentina de todos os conceitos de segurança, seja interna, seja externa.

A queda do Muro de Berlim, e antes a retirada soviética do Afeganistão e subsequente desmoronar da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), trouxe para o palco das Relações Internacionais novos territórios negligentemente ignorados pelos países ocidentais e que prontamente foram absorvidos pelas novas personagens sem rosto cuja acção é assimétrica dado que o mundo viveu durante anos dividido entre uma «cortina de ferro» e um *american way of life*. E de repente passa a ter que lidar com um novo quadro referencial caracterizado pelo transnacionalismo, pela globalização, pela interdependência dos Estados e pela desterritorialização das questões de segurança. Foi todo o sistema Vestefaliano que foi colocado em causa.

Foi o transnacionalismo catapultado pelo processo de globalização que colocou aos Estados-Nação o desafio de novos riscos com potencial suficiente para fracturar os mais basilares princípios das infraestruturas que suportam as sociedades ocidentais. Mas foram estas mesmas sociedades ocidentais que lançaram as sementes da discórdia que floriram em pleno século XXI.

O 11 de Setembro de 2001 já vinha dando sinais de que aconteceria a qualquer momento, desde a Revolução iraniana de 1979, da invasão soviética do Afeganistão, da queda do Muro de Berlim, do desestruturar da URSS, sinais que não foram suficientemente audíveis devido à cegueira do Ocidente pelo «ouro negro». Cegueira essa que chegou ao cúmulo de o Ocidente criar tumores como os Taliban no Afeganistão através da cumplicidade entre serviços secretos americanos e paquistaneses onde financiamentos descomunais e tecnologia bélica de ponta foram entregues a grupos radicais islâmicos, em que o extremismo religioso é fonte de inspiração para uma «nova» Guerra-Fria que se está a travar entre o Ocidente e organizações terroristas como a Al Qaeda que dispõem de meios financeiros provenientes do tráfico de droga, do tráfico de armas, das redes de tráfico de seres humanos e da lavagem de dinheiro. Proventos esses partilhados objectivamente pelo crime organizado com quem são firmadas parcerias em áreas como a aquisição de materiais biológicos, químicos, radiológicos e nucleares. É este o legado do pós 11 de Setembro, um mundo onde os factores assimétricos, atípicos e imprevisíveis são a regra e não a excepção.

Outra grande ameaça para o Ocidente é a expansão das redes extremistas islâmicas onde países como o Irão possuem grande influência, nomeadamente no seio das comunidades de imigrantes que acabam por funcionar como um «Exército» de retaguarda que a qualquer momento poderá reagir implosivamente no Ocidente. Irão que levará a cabo uma nova Revolução iraniana aquando do domínio da energia nuclear.

A expansão das redes extremistas é uma crescente ameaça à segurança e à estabilidade internacionais onde é notório que a criminalidade se reveste de misturas perigosíssimas tais como o tráfico de droga, de armas e grupos radicais islâmicos que buscam financiamentos para as suas actividades. Uma minoria, no seio do Islão, cada vez mais activista aproveita uma certa ingenuidade das políticas ocidentais para introduzir em solo europeu fanáticos religiosos que constantemente incendeiam o social colectivo de muitos locais de culto com discursos aterradores sobre o regresso do Islão ao passado glorioso do Califado. Havendo até quem já advogue que as comunidades espalhadas pelo mundo são esse Califado. Em França, entidades ligadas ao Islão procuram

controlar bairros sociais como se já de um ensaio se tratasse. Áreas onde as legislações nacionais dos Estados não penetram, apenas os preceitos islâmicos.

Se há algo incontornável no pós 11 de Setembro é o novo inimigo ser não identificável o que obrigará os Estados-Nação a repensar todo o aparelho de segurança de forma a adequá-lo a um tipo novo de criminalidade que Bin Laden optimizou através da ligação em rede da Al Qaeda a outras organizações terroristas através da metástase de células espalhadas desde a Europa, passando pelos Estados Unidos, Canadá e América Latina que através das mais diversas actividades criminosas colectam fundos para a Jihad global. Fundos esses destinados ao financiamento de acções violentas no Ocidente.

No século XXI há vários «buracos negros» de difícil resolução política, ou até mesmo impossível, como o caso paquistanês, o caso afegão, o caso iraquiano, o caso iraniano, o caso da Ásia Central, e o caso mais paradigmático de todos que é a Arábia Saudita dadas as excelentes relações económicas e políticas que tem com a comunidade internacional. Estas áreas do globo são palco de jogos políticos extremamente complexos que escapam ao imaginário internacional. Nelas desenrolam-se enredos como o apoio financeiro e militar a extremistas islâmicos por parte da Arábia Saudita e do Paquistão aquando do abandono americano no período pós-soviético o que crispou ainda mais o radicalismo salafita ou a questão híbrida dos hidrocarbonetos e da Sharia (Lei Islâmica) na Ásia Central. Ou ainda a complexa questão do activismo sunita que se estende do subcontinente indiano ao Cáucaso.

Os grupos extremistas no Ocidente não podem mais ser vistos como alvos a reprimir mas sim a combater como se de uma guerra se tratasse. Esta guerra é contra grupos assimétricos que vivem em segredo e na clandestinidade. É esta a sua vivência no Ocidente, através de células (protoplasmas). Grupos sem rosto que preconizam como vida ideal para os muçulmanos a *Umma* conduzida por um califa. Alcançar um califado global onde todos os países obedecerão à lei islâmica. No caminho a percorrer montam-se palcos onde se misturam questões tão complexas como o tráfico de droga, tráfico de armas, entre outras, e violência política de inspiração religiosa.

No que tange à Primeira Parte, desta dissertação, tentou-se demonstrar a profunda alteração na geografia do mundo após o 11 de Setembro de 2001. Mas também os preliminares das relações diplomáticas que muito contribuíram para os ataques ao *World Trade Center* (Torres Gémeas).

Numa Segunda Parte, explanou-se que o verificado aumento da violência tem caracterizado a comunidade internacional ao mesmo tempo surpreendida com manifestações nefastas do terrorismo internacional alimentado pelo radicalismo religioso manipulado por um inimigo assimétrico.

No que toca à Terceira Parte pretendeu-se explicar as ligações entre o narcotráfico, o tráfico de armas e a lavagem de dinheiro assentes numa possível aproximação das redes extremistas ao crime organizado. Segundo Gunaratna: " (...) a Al Qaeda apoiou os *mujahidin* de Al Ansar no tráfico de armas por intermédio de criminosos russos, ucranianos e chechenos" (Gunaratna, 2002: 238).



# I. Cenários Internacionais

## 1. Actual contexto internacional

O mundo sofreu um recorte na já de si periclitante estrutura do pós Guerra-Fria (Wikipedia, 2010) ao assistir ao terror que foram os ataques em solo americano no dia 11 de Setembro de 2001<sup>1</sup> quando o *World Trade Center* (Torres Gémeas) foi destruído pelo impacto de dois aviões por um grupo com ligações à Al Qaeda, algo impensável há alguns anos atrás, dado que os Estados Unidos potenciavam para o exterior das suas fronteiras uma imagem de invencibilidade reforçada pela “vitória” sobre a ex. União Soviética na Guerra-Fria sem que tenha havido qualquer necessidade belicista, para além da barreira natural de defesa constituída por dois oceanos. Foi esta a ilusão em que o Ocidente viveu no período subsequente à Guerra-Fria, as ameaças externas tinham-se desvanecido.

No período antecedente ao 11 de Setembro de 2001 o mundo viveu num limbo apoiado numa balança de poderes distribuídos por dois países, Estados Unidos da América e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (de ora em diante utilizarei as siglas USA e URSS). Época essa marcada por uma ordem internacional caracterizada pelo confronto entre os Estados Unidos e a União Soviética, o que tornou a ordem internacional bipolar<sup>2</sup>, tal como Portugal e Espanha aquando dos descobrimentos e das políticas advindas do Tratado das Tordesilhas. Isto obrigou a que as relações internacionais

---

<sup>1</sup> Os **ataques terroristas de 11 de Setembro de 2001**, chamados também de **atentados de 11 de Setembro de 2001**, foram uma série de ataques suicidas contra alvos civis nos Estados Unidos perpetrados em 11 de Setembro de 2001 e atribuídos à organização fundamentalista islâmica Al-Qaeda. Na manhã desse dia quatro aviões comerciais foram sequestrados, sendo que dois deles colidiram contra as torres do World Trade Center em Manhattan, Nova York. Um terceiro avião, o American Airlines Flight 77, foi direccionado pelos sequestradores para uma colisão contra o Pentágono, no condado de Arlington, Virgínia. Os destroços do quarto avião, que atingiria o Capitólio, o United Airlines Flight 93, foram encontrados espalhados num campo próximo de Shanksville, Pensilvânia. A versão oficial apresentada pelo governo norte-americano reporta que os passageiros enfrentaram os supostos sequestradores e que, durante este ataque, o avião caiu. Os atentados causaram a morte de 2993 pessoas e o desaparecimento de 24.

<sup>2</sup> A ordem internacional bipolar durou cerca de 45 anos, desde o final da Segunda Guerra Mundial até por volta de 1989-91. Com o fim da Segunda Guerra Mundial iniciou-se uma disputa entre as duas superpotências vencedoras, União Soviética (socialista) e Estados Unidos (capitalista). Essa ordem obrigava os restantes países a tomarem uma posição perante as potências, ou seja, eles tinham que decidir entre os dois modelos económicos envolvidos, capitalismo e comunismo (socialismo). Após essa divisão o mundo era dominado por dois blocos económicos, daí a expressão ordem mundial bipolar. (Wikipedia, 2010).

ficassem reféns dos conceitos ideológicos, geopolíticos e geoestratégicos das superpotências.

Este “modo de vida” no espaço cénico das relações internacionais da altura obrigou a que as superpotências reinantes estabelecessem alianças, firmassem acordos, muitas vezes de circunstância, instigassem guerras, derrubassem governos, alterassem fronteiras, apenas no intuito de servirem os objectivos endógenos da bipolarização política mundial. Segundo Luís Tomé, “deslocando a parte “quente” do confronto para áreas mais periféricas”, zonas essas verdadeiros palcos de criações diabólicas como o conflito Israelo-Palestiniano, a formação dos Talibans no Paquistão, de forma a estancar a invasão perpetrada pelos Soviéticos, os vários governos fantoche como o caso do Irão, que mais tarde culminaria na Revolução Islâmica, um primeiro alerta para os Estados Unidos, com a ocupação da Embaixada americana em Teerão, de que algo, num futuro próximo, mudaria na cena internacional. Estas áreas de “testes” das potências reinantes não mais eram do que formas laterais, anexos, do verdadeiro confronto dada a improbabilidade da guerra directa entre os Estados Unidos e a União Soviética, de acordo com Luís Tomé:

Acresce que o desenvolvimento das armas nucleares tornou menos provável a guerra entre aqueles que as possuíam, pelo que um outro paradigma se desenvolveu: o da improbabilidade da guerra, de um conflito militar directo entre as superpotências. Na era nuclear, o paradoxo era o de que quanto mais aumentavam as capacidades nucleares, menos predisposição havia para as utilizar. A paridade nuclear e a dissuasão pela “destruição mútua garantida” impuseram uma nova racionalidade às superpotências, pelo que a bipolarização mundial convivia, de facto com a “guerra-fria” e o equilíbrio do terror (...) (Tomé, 2004: 12).

Em 1989 deu-se a queda do Muro de Berlim<sup>3</sup>, caindo também o confronto EUA-URSS e dando-se, subseqüentemente a implosão da União Soviética, não deixando o Vaticano

---

<sup>3</sup> O **Muro de Berlim** (em alemão *Berliner Mauer*) foi uma barreira física, construída pela República Democrática Alemã (Alemanha Oriental) durante a Guerra-Fria, que circundava toda a Berlim Ocidental, separando-a da Alemanha Oriental, incluindo Berlim Oriental. Este muro, além de dividir a cidade de Berlim ao meio, simbolizava a divisão do mundo em dois blocos ou partes: República Federal da Alemanha (RFA), que era constituída pelos países capitalistas encabeçados pelos Estados Unidos; e República Democrática Alemã (RDA), constituída pelos países socialistas simpatizantes do regime soviético. Construído na madrugada de 13 de Agosto de 1961, dele faziam parte 66,5 km de gradeamento metálico, 302 torres de observação, 127 redes metálicas electrificadas com alarme e 255 pistas de corrida

personificado pelo Papa João Paulo II e o Movimento Solidariedade<sup>4</sup>, liderado por Lech Walesa, de ter contribuído para o desarticular do tabuleiro Soviético, desmantelando-se o sistema bipolar das relações internacionais com o deslocamento das placas tectónicas que numa onda sísmica abriu fracturas no anterior palco de actuação das potências hegemónicas o que gerou um novo espaço na arquitectura mundial. Necessitando urgentemente de uma *update* à formatação do disco que foi a queda do Muro de Berlim a fim de evitar uma contaminação perigosa dadas as várias estirpes de vírus deixadas ao acaso pelos “laboratórios” de experimentação dos anteriores pares hegemónicos como a politização e radicalização dos muçulmanos.

A força originada pelas ondas de corpo ou de volume devido à mutação dos resultados orgânicos deixados ao acaso pelas anteriores potências deram azo ao aparecimento de novos coreógrafos com outros elencos de personagens à procura de ocupar o novo espaço aberto pelo desaparecimento da União Soviética tais como a Al Qaeda e grupos islâmicos revolucionários como a Jihad Islâmica Egípcia ou o Hamas Palestiniano, entre outros.

Todas estas mutações na genética do planisfério mundial acarretaram uma Nova Ordem Mundial<sup>5</sup> que segundo Luís Tomé:

Sem equilíbrio de poderes nem rival estratégico à altura, os Estados Unidos afirmaram-se como a “hiperpotência”, tornando obsoletos muitos dos paradigmas, conceitos e até expectativas que se haviam produzido (essencialmente daqueles que anteviam – ou desejavam – uma “ordem multipolar”) (...) (Tomé, 2004: 13).

---

para ferozes cães de guarda. Este muro provocou a morte a 80 pessoas identificadas, 112 ficaram feridas e milhares aprisionadas nas diversas tentativas de o atravessar.

<sup>4</sup> Foi na Polónia que a sociedade civil, ao juntar-se aos propósitos de uma organização independente do partido comunista, deu início à desintegração da União Soviética.

Das grandes manifestações de 1980 resultou o reconhecimento governamental da existência de sindicatos autónomos e independentes.

O Movimento Solidariedade, liderado por Lech Walesa, ganhou uma estrutura institucionalizada a que rapidamente se juntaram cerca de 10 milhões de trabalhadores. A participação cívica despertada pelo Solidariedade, e incentivada pela Igreja Católica, alargar-se-ia a vários grupos, sectores e regiões da Polónia.

<sup>5</sup> O termo *Nova Ordem Mundial* tem sido aplicado de forma abrangente, dependendo do contexto histórico pode ser definido como a designação que pretende compreender uma radical alteração, e o surgimento de um novo equilíbrio nas relações de poder entre os estados na cena internacional. (Wikipedia, 2010).

Esta Nova Ordem consagrou os Estados Unidos como o único poder mundial numas relações internacionais que passaram a um monólogo unipolar, sendo segundo Pesarat Correia:

A constituição da grande coligação internacional que, sob a liderança dos EUA, conduziu a intervenção militar contra o Iraque com o nome de código Tempestade no Deserto, seria o primeiro sinal da emergência da América como única superpotência sobrevivente da Guerra-Fria que, por um progressivo distanciamento das restantes grandes potências, iria conquistar o estatuto de hiperpotência e daria o tom a um novo sistema unipolar (...) (Correia, 2004: 63).

Este acentuar da unipolaridade dos EUA na cena internacional foi “ajudado” pela inconstância de uma Europa sempre reticente no que diz respeito a assuntos militares e de segurança, dado que viveu quarenta e cinco anos “encostada” aos EUA, relegando para estes toda a responsabilidade em matéria de defesa através da Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO)<sup>6</sup> o que lhe deu um certo conforto pois os gastos militares provinham do orçamento militar americano, e não europeu, o que permitiu à Europa desviar esses “lucros” para outros sectores da sociedade mas ao mesmo tempo possibilitou aos EUA aumentarem o seu raio de acção e influência, por todo o globo através da instalação de várias bases militares e do ponto de vista económico o reforço da presença das suas multinacionais em quase todas as praças financeiras. A inércia que caracteriza a Europa no campo militar encontrou-se, e encontra-se, bem patente na incapacidade de constituir um Exército europeu e essa falha foi notória na inépcia da Europa aquando da Guerra da Bósnia em 1992. Mais uma vez foi a pronta intervenção dos EUA que pôs cobro ao conflito gerado mesmo no seio da Europa.

Mais um reforço do monólogo unipolar americano foi a Guerra do Golfo em 1991, liderada pelos EUA, aquando da invasão do Kuwait pelo Iraque em que mais uma vez a

---

<sup>6</sup> A **Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN ou NATO)**, por vezes chamada **Aliança Atlântica**, é uma organização internacional de colaboração militar estabelecida em 1949 em suporte do Tratado do Atlântico Norte assinado em Washington a 4 de Abril de 1949. Os seus nomes oficiais são *North Atlantic Treaty Organization* (NATO), em inglês, e *Organisation du Traité de l'Atlantique Nord* (OTAN), em francês. Em Portugal utiliza-se mais frequentemente a palavra NATO (sigla em inglês) por, paradoxalmente, se parecer mais a uma palavra portuguesa. O seu secretário-geral é, desde 1 de Agosto de 2009, o dinamarquês Anders Fogh Rasmussen. (Wikipedia, 2010).

Europa esperou que os Estados Unidos dessem o primeiro passo a fim de os europeus só depois saberem de que forma poderiam actuar.

A hegemonia norte-americana é um facto bem patente na geopolítica mundial que se deve não só ao seu poderio militar, os americanos, mesmo com o fim da Guerra-Fria, continuaram a investir na descoberta de novas tecnologias militares, ao passo que os europeus desistiram desse investimento dado que o motivo principal, Guerra-Fria, tinha desaparecido, e continuaram “encostados” aos americanos, e a falta de uma visão geoestratégica da Europa para um mundo em que o espaço deixado pela implosão da União Soviética trouxe ao tabuleiro do xadrez mundial novas peças que exigem muito mais do que uma hábil política diplomática. Mas os americanos não devem a sua hegemonia apenas ao factor militar mas também ao aspecto económico com a forte expansão das suas indústrias, como a automóvel, do sector bancário e segurador, das grandes multinacionais e como não poderia deixar de ser das grandes firmas petrolíferas que em todo o globo se encontram implantadas, de acordo com Luís Tomé:

Hoje, os Estados Unidos são e estão omnipresentes, quer do ponto de vista militar, político e estratégico, quer do ponto de vista económico, quer ainda do ponto de vista cultural. A sua hegemonia não emana apenas do poder para impor e coagir, mas também de um grande capital de influência e de atracção (...) (Tomé, 2004: 19).

É óbvio que esta forte presença americana obriga a uma constante política de manutenção de interesses, a uma estreita interdependência, através de parcerias e coligações, muitas advindas da era bipolar, com outros países para que os Estados Unidos expandam o seu alcance estratégico a nível planetário que Luís Tomé considera:

Na presente conjuntura, os Estados Unidos gozam, de facto, de uma enorme disparidade de poder em relação ao resto do mundo. Não podem ser coagidos, não se lhes podem impor regras, condutas e comportamentos que os próprios não queiram assumir e respeitar e, no entanto, gozam, de uma posição que lhes permite intervir virtualmente onde, quando e como quiserem. Os limites são fixados por si (...) (Tomé, 2004:27).

Variando a forma de actuação nos múltiplos palcos geográficos de acordo com as orientações das sucessivas administrações norte-americanas. E como todas as

revoluções, a estratégica, após a Guerra-Fria, dado o unipolarismo americano que beneficiou com o declínio de uma Europa preguiçosa e indecisa no tomar de decisões vitais dos pontos de vista geopolítico e geoestratégico, despertou velhos, mas sempre recentes, ódios, muitos provindos do ventre das péssimas políticas colonialistas, que se foram multiplicando como um organismo celular. Durante a fase de expansão foram-se extremando posições políticas, sempre em simbiose com a religião, apoiadas umas em velhos, mas actuais, conflitos como o Israelo-Palestiniano onde beberam, e ainda bebem, a força que permitiu, e permite, incendiar as massas populares utilizando para o feito o fervor do radicalismo religioso, outras sustentadas nas políticas hegemónicas do Ocidente que apenas têm provocado abismos maiores na aproximação da troca cultural que deveria existir entre o Ocidente e o Oriente a fim de derrubar muitas das barreiras que tanto sofrimento têm causado.

Muito do que conduziu aos acontecimentos do 11 de Setembro de 2001 foi *mea culpa* do Ocidente, aliás era de prever que mais tarde ou mais cedo aconteceria algo do género dados os sinais já “enviados” pela crescente tensão provocada pela política unipolar norte-americana, bastando para o efeito ver as intervenções militares americanas em várias regiões do globo.

Quando se fala em *mea culpa* do Ocidente não nos podemos esquecer que quem escavou as fundações do 11 de Setembro foram os americanos, senão vejamos que quem criou os Talibans<sup>7</sup> foram os Estados Unidos em conjunto com o Paquistão num trabalho de equipa entre os serviços secretos americanos (CIA) e os serviços secretos paquistaneses (ISI), dotando os Talibans do mais moderno equipamento militar e meios financeiros.

---

<sup>7</sup> O **Talibã** (também transliterado **talebã**, **taliban** ou **taleban**; em farsi: طالبان, *estudantes*) é um movimento islamita extremista nacionalista da etnia afegane pashtu que efectivamente governou o Afeganistão, entre 1996 e 2001, apesar do seu governo ter tido o reconhecimento de apenas três países: Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita e Paquistão. Os seus membros mais influentes, incluindo o seu líder Mohammed Omar, eram simplesmente *ulema* (isto é, alunos e universitários) nas suas vilas natais. O movimento taliban derivou principalmente da etnia pashtu, porém também incluía muitos voluntários não-afegãos do mundo árabe, assim como de países da Eurásia, e do sul e sudeste da Ásia. (Wikipédia, 2010).

A figura do homem mais procurado em todo o mundo, Osama Bin Laden, e mentor, segundo parece, dos acontecimentos do 11 de Setembro, surgiu pela primeira vez no Afeganistão, embora de origem saudita, em combates contra o invasor soviético. Quem fez de Saddam Hussein a figura que foi, não só no Iraque, mas também no Ocidente, foram os Estados Unidos que, mais uma vez, equiparam o exército iraquiano de forma a contrabalançar o poder crescente do Irão o que conduziu a uma guerra que decorreu de 1980 a 1988. E como estas muitas outras situações de ingerência geopolítica dos Estados Unidos houve, não só no Médio Oriente como também nos países da América Latina com a mundialmente conhecida invasão do Panamá (1989).

Após a vitória no Afeganistão, com a retirada das tropas soviéticas, vários sinais de que algo de errado estava na política norte americana, um dos primeiros foi a Revolução Islâmica, promovida pelo Aiatolá Khomeini em 1979, com a conhecida invasão da Embaixada dos Estados Unidos em Novembro de 1979 que provocou a derrota, nas eleições, do então Presidente Jimmy Carter. Em seguida foi o violento atentado que os fuzileiros americanos sofreram no Líbano em 1984, depois seguiu-se o primeiro ataque ao *World Trade Center* em 1993, no ano 2000 o navio de guerra, *USS Cole*, da marinha dos Estados Unidos sofreu um atentado, em 1998 ocorreram os atentados na Tanzânia e no Quênia, entre muitas outras situações que os serviços de segurança americanos vão abafando. Todo este hibridismo de acontecimentos, provocados pela caixa de Pandora que é a política americana, num determinado sentido dados os interesses geoestratégicos disseminados por todo o globo, nomeadamente na região do Médio Oriente e da Ásia Central, Petróleo e Gás Natural, conduziu aos atentados do 11 de Setembro de 2001 que provocaram uma reviravolta geopolítica em todo o mundo.

O 11 de Setembro obrigou, julga-se que não foi mais que o parto há muito anunciado de uma nova entidade nas relações internacionais, a alterações profundas na forma de se pensarem as relações diplomáticas entre Estados que passaram a ter que incluir no “Grande Jogo” de xadrez que é o mapa-mundo uma nova figura, uma personagem cuja concepção reporta a um pretérito de acções padastras da realidade ambígua deixada pela velha ordem.

Segundo José Pacheco Pereira (in jornal “Público”, 20 de Maio de 2004):

(...) no dia 11 de Setembro de 2001 tudo mudou. O 11 de Setembro alterou radicalmente a política americana, que abandonou o isolacionismo, esboçado no início do mandato da Administração Bush, a favor de um novo intervencionismo com base na “guerra contra o terrorismo”. Este intervencionismo americano não significava o retorno ao “olimpianismo” de Clinton (mesmo assim interrompido por alguns ataques inconsequentes contra a Al Qaeda no Sudão), mas uma postura mais agressiva, em que o interesse nacional americano tinha um papel predominante e uma atitude intervencionista que prevalecia.

A implosão da ex. União Soviética deixou vazio um espaço ao qual a nova entidade se agarrou, tentando ocupá-lo através do terrorismo, do tráfico de estupefacientes, já para não falar da imigração ilegal e do tráfico de seres humanos, apoiado em Estados párias, falhados, como a Somália, o Sudão, ou Narco-Estados como a Guiné ou o México. A contribuir estão as dificuldades, devido aos interesses de cada Estado serem colocados em primeiro, e não o princípio basilar que é a convivência pacífica, o que provocou alterações nas relações por exemplo EUA-Rússia com a necessidade de cooperação do primeiro a servir de trampolim para a reintrodução da última no jogo geopolítico internacional, segundo Luís Tomé:

A reacção da Rússia aos atentados foi pronta e sem equívocos. O Presidente Putin compreendeu rapidamente que o 11 de Setembro iria provocar uma aceleração histórica brusca, anunciando um novo recorte geopolítico a que a Rússia se deveria adaptar (...) (Tomé, 2004: 105).

Ou nas relações EUA-China em que esta última reforçou a sua segurança estratégica do ponto de vista militar, tem investido na área espacial, bem como na criação de armamento mais sofisticado capaz de estar à altura dos Estados Unidos, embora ainda muito atrasada. Mas é no assunto economia que a China tem dado cartas, ao expandir-se tendo por base a ideia “Um país, dois sistemas.”, criada por Deng Xiaoping, ao ter-se catapultado para várias regiões do globo não só através de meios humanos especializados em várias áreas do saber, como também financeiramente. Tendo demarcado as suas posições geoestratégicas, até aqui contidas pela pesada ameaça do cerco soviético e o facto do Japão ser o “porta-aviões” dianteiro dos Estados Unidos na luta contra o comunismo, dado que como grande economia em evolução necessita para manter a locomotiva em andamento, tal como os americanos, de petróleo e de gás



natural, levou ao reactivar das velhas rivalidades sino-americanas quanto à forte influência que tenta exercer em zonas tão díspares como Angola e Ásia Central, de acordo com Luís Tomé:

(...) a estratégia de recuperação de um maior estatuto regional e internacional da RPC passou pela tentativa de afirmação de uma certa ordem “imperial chinesa” na Ásia e pela defesa intransigente do princípio de “não-ingerência”: manutenção musculada da sua integridade e unidade territorial e política (...); aposta na reorganização, redimensionamento e grande modernização militar (...); feroz insistência em não se submeter às prescrições externas, sobretudo as “Ocidentais” (...) (Tomé, 2004: 119).

Mas a maior alteração, talvez a mais notória de todas, nas relações diplomáticas, foi a da União Europeia-Estados Unidos. A União Europeia defende posições muito diferentes na forma de abordar a nova entidade que é o terrorismo de novo tipo (actores não estatais), guerras assimétricas, novas ameaças intra-estatais (narcotráfico, associação entre o crime organizado e o terrorismo em novas parcerias de actuação), a abordagem da crise iraquiana e afegã, já para não falar das armas de destruição massiva, e do nuclear, ou seja a forma como União Europeia e Estados Unidos vêm a solução para a globalização da violência pós-11 de Setembro, estes últimos tendem a resolver tudo com soluções militares ao passo que os primeiros dão preferência a soluções diplomáticas, segundo Robert Kagan:

É chegada a altura de parar de fingir que os europeus e os americanos partilham uma visão do mundo ou até que ocupam o mesmo mundo. A Europa está a distanciar-se do poder ou, por outras palavras, a deslocar-se para lá do poder, rumo a um mundo auto-suficiente de leis, regras, negociação e cooperação supranacionais (...) os Estados Unidos permanecem encerrados na História (...) ordem e liberdade dependem ainda da posse e utilização de poderio militar (...) (Kagan, 2003: 11).

O escalar da violência global através de novas entidades, surgidas a partir de alterações na política internacional, que não possuem rosto, ou demarcação territorial, assimétricas no modo de actuar na arena da globalização, está a ajudar a que o fosso transatlântico seja cada vez maior na procura de soluções antivirais para a deformação que a mãe geoestratégica de alguns Estados deu à luz.

O supra referido fosso transatlântico deve-se à falta de cultura estratégica que a Europa e os Estados Unidos deixaram de ter em comum no campo das questões de segurança e defesa, talvez mais por culpa da Europa que teima em não agir com firmeza em tudo o que envolva decisões sobre seguridade, seja ela referente a questões de índole policial ou de origem militar. E a prová-lo está a ainda, sempre adiada, não formação de um Exército único europeu com capacidade de intervenção em qualquer conflito que envolva a defesa dos interesses europeus ou manutenção da paz; a problemática da Guerra dos Balcãs onde a Europa não conseguiu agir de forma unânime, tendo que socorrer-se do “velho” escudo que são os Estados Unidos; verifica-se uma ligeira melhoria na cooperação policial ao nível da partilha de informações vitais para o combate ao terrorismo mas ainda muito longe do ideal dado que muitos Estados encaram esse altruísmo nas informações como perda da sua autoridade como nações soberanas. Estas divergências na política externa agudizaram-se aquando da decisão unilateral, que abriu um precedente inédito na Organização das Nações Unidas mais precisamente no Conselho de Segurança, tomada pelos EUA de invadir o Iraque, erro geoestratégico crasso dado que o regime político de Saddam servia de tampão à latente hegemonia iraniana e ao seu “exército” de retaguarda composto pela emigração para os países ocidentais; quando se verificou que os relatórios que davam como provada a existência de armas de destruição massiva no Iraque eram na realidade “guiões” de filmes produzidos por Oliver Stone o que descredibilizou os Estados Unidos na comunidade internacional, perdendo a pouca margem de manobra junto da já há muito desconfiada Europa. Mas há uma questão que europeus e americanos não devem esquecer quando se criticam na questão externa que foi o não aproveitamento da abertura demonstrada pelo regime taliban quando o mulah Mohammed Omar decidiu restringir a produção de ópio de forma a atrair o Ocidente para políticas de integração do regime na comunidade internacional. E que o Ocidente desaproveitou o que “ajudou” o regime taliban a aproximar-se ainda mais perigosamente do líder da Al Qaeda, Osama Bin Laden, possibilitando que o Afeganistão fosse um campo de treinos para actividades terroristas, radicalizando a questão religiosa, e pior do que tudo a produção de ópio disparou a fim de financiar a Al Qaeda e de uma forma omissa injectar nos mercados ocidentais almejando destruir a mais valia que é a camada jovem europeia ou seja algo parecido com a política interna americana na década de 60 com a produção de

crack para consumo da população negra e subsequentemente a sua diminuição face à população branca.

O já referido não aproveitamento da abertura oferecida pelo regime Taliban deveu-se em muito, segundo Michel Collon “ (...) há mais de vinte anos que Washington manobra e conspira no sentido de se apoderar do Afeganistão, cruzamento estratégico da Ásia (...) O cocktail petróleo-armas-droga é, aliás, um clássico da CIA (...) ” (Collon, 2001: 242).

A queda do Muro de Berlim foi sem dúvida alguma o perecer de uma Era e o nascimento de outra, embora haja algumas discordâncias de opinião, assim também o 11 de Setembro marca as relações entre Estados de uma forma contundente pois deu a conhecer ao Ocidente que os atentados terroristas ganharam uma dimensão catastrófica como demonstraram que as ideologias extremistas possuem no mundo muçulmano uma base de simpatias e apoios surpreendentes como o facto de Bin Laden continuar a ter apoios financeiros na Arábia Saudita. Deu ainda a conhecer que se deu início a uma nova guerra mundial e que a América afinal também era vulnerável no seu território. E a primeira consequência foi o desvanecer do conceito de Estado-Nação como garante da territorialidade, da segurança dos seus cidadãos, onde as guerras eram localizadas, o inimigo existia materializado e os conflitos giravam em torno de questões como os nacionalismos, os separatismos e os extremismos étnicos e religiosos. Tal como disse Eric Hobsbawm “ (...) o Estado-Nação está a ser esfacelado (...) por acção de forças transnacionais (...) ” (Hobsbawm, 2002: 17).

O desvanecimento do conceito de Estado-Nação, em parte devido, como diz Philip Bobbit, ao facto de se ter transformado num Estado-mercado o que o incapacita de gerar as adequadas respostas à altura das novas ameaças, aliado ao espaço deixado pela implosão da URSS, propiciou as coordenadas essenciais ao recrudescer de um terrorismo de novo tipo, diferente do conhecido terrorismo da década de 70 em que o mesmo era caracterizado por objectivos políticos e idealistas, onde os alvos eram as figuras e símbolos do Estado-Nação como as policias e o sector militar. Este novo terrorismo é desprovido de quaisquer valores, não possui rosto, nem se lhe conhece uma parcela de território politicamente organizada, apenas Estados falhados, na terminologia

americana *failed states*, que lhes dão suporte a vários níveis como a Somália e o Sudão, posteriormente o Afeganistão, à organização terrorista Al Qaeda de Bin Laden.

Há uma teia de ameaças globais, pós 11 de Setembro, que transformou radicalmente a ordem mundial, meticulosamente tecida com objectivos bem definidos com, segundo Emílio Vilar:

(...) deliberada intenção de afectar o modo de viver e estrutura político-institucional em múltiplas regiões do planeta, através de indivíduos ou grupos que se espalham por um significativo número de países ou áreas geopolíticas (...) (Vilar, 2006: 17).

Esta teia provocou uma mudança em vários sectores das sociedades ocidentais, uma alteração da geopolítica mundial, desde os serviços de informações ocidentais que verificou-se não estarem preparados para uma nova e radical realidade de estirpe de vírus pois a maior parte dos serviços de inteligência ainda se encontravam estruturados de acordo com as metodologias de actuação da Guerra-Fria onde o inimigo era conhecido, onde o terrorismo possuía um perfil de actuação que permitia identificar o grupo que agiu, formas de pensar, de análise completamente ultrapassadas face à evolução e complexidade da nova realidade de terror a que se tem assistido desde os atentados no *World Trade Center*, em Madrid, em Londres e em Bombaim, já para não falar do Iraque, do Afeganistão e do Paquistão. É um inimigo “novo”, bem preparado, que sabe fazer uso das tecnologias ocidentais, comunicando através de Cibercafés os atentados e os meios de financiamento, inclusivamente fazem chegar mensagens a locais tão inóspitos como as montanhas do Afeganistão, das ordens jurídicas ocidentais nas questões da imigração e do asilo político que aproveitam a fim de infiltrarem os membros das células espalhadas pelo Ocidente. Células essas que preparam os atentados assimétricos que as democracias ocidentais tentam desvendar desde as origens através de meios de combate eficazes, o recrutamento de novos membros e o financiamento através do tráfico de droga provinda sobretudo do Afeganistão e que as redes clandestinas de imigrantes ilegais introduzem na Europa onde a comercializam a par da venda de vários outros artigos na área alimentar e farmacêutica. Os indivíduos que compõem as células são pessoas que se adaptam com extrema facilidade ao modo de vida das sociedades onde se encontram instalados e que muito dificilmente são

descobertos pelos serviços de segurança dos Estados ocidentais dado que é impossível montar vigilância a todos os cidadãos imigrantes, é muito difícil infiltrar agentes nas redes, em primeiro lugar por que desconhecem materialmente as redes, apenas se sabe que existem no abstracto, e em segundo lugar tem havido a preocupação de criar novas formas de recrutamento de membros.

Têm chegado informações da perigosa parceria “comercial” estabelecida entre o terrorismo e o crime organizado no mundo ocidental em áreas como o tráfico de droga, tráfico de seres humanos, prostituição, tráfico de órgãos, imigração ilegal e lavagem de dinheiro oriundo de todas estas actividades ilegais. Resulta desta parceria uma perigosíssima simbiose que leva a dizer que a grande dificuldade do século XXI não é ganhar a guerra no Iraque ou no Afeganistão, mas sim fazer face à mutação a que se assiste nas redes radicais islâmicas e no mundo do crime organizado nos vários pontos do globo desde a Tríplice Fronteira na América do Sul, Paraguai, Brasil e Argentina, onde membros do Hezbollah - segundo Jessica Stern é “o grupo terrorista mais sofisticado do mundo”, apoiado na retaguarda pela Síria e pelo Irão - aparecem envolvidos com os narcotraficantes regionais, que o Congresso Americano considera que coloca em causa a segurança nacional dos Estados Unidos, passando pelas actividades conjuntas com a máfia siciliana, pela máfia turca e pela máfia albanesa na área do tráfico de droga proveniente do Afeganistão e prostituição. É esta mudança na face do crime, na alteração da sua composição genética, da estrutura molecular do seu ADN, da mudança do espaço cénico do *crime scene investigation*, que surpreendeu a comunidade ocidental não só a nível dos serviços de segurança, bem como do ponto de vista militar. É notória a predisposição para a proliferação de personagens não estatais, independentes dos Estados, provindas do *underground*. E nesta área é bem notória a dificuldade, por exemplo, das tropas americanas, e das restantes forças da coligação, que combatem no Iraque e no Afeganistão, em cenários de uma guerra assimétrica, contra um inimigo que não se conhece, apenas se sabe que é um estado de espírito, uma das possíveis definições da Al Qaeda, com uma metodologia táctico militar completamente adversa contra a qual a tecnologia militar de ponta das tropas da coligação pouco tem conseguido fazer em combate. Como derrotar se esse inimigo é desfigurado, sem território, sem organização política, sem sociedade, sem tropas

regulares? Muitas vezes são apenas meia dúzia de “soldados” dotados de uma fé inabalável, bem preparados militarmente em campos de treino clandestinos, que conseguem ultrapassar os mais modernos sistemas de escutas de comunicações, de imagem por satélite, e infligir nos militares ocidentais prejuízos humanos e materiais surpreendentes como se tem assistido pelos *mass media*, dentro daquilo que é autorizado transmitir. Steven Metz e Douglas V. Johnson II (ambos do Strategic Studies Institute (SSI)) disseram que os actores assimétricos se pautam por uma forma de organização diferente a fim de maximizar as vantagens encontradas na fraqueza do inimigo. A Al Qaeda é um exemplo dessa pura assimetria e apesar da guerra no Afeganistão ter prejudicado a sua estrutura logística, e uma disposição de medidas militares e policiais ter diminuído um pouco a sua eficácia organizativa, segundo algumas opiniões, depressa se adaptou à nova realidade conjuntural, diversificando a sua forma de actuação como por exemplo descentralizando a rede pelos quatro cantos do mundo, sendo a eficácia dos ataques de Bombaim a maior prova da continuação da sua tenaz eficácia.

É neste novo mundo de ameaças globais encadeadas dado que não podemos dissociar o que se passa em termos militares em zonas do globo como o Iraque, o Afeganistão, ou o Paquistão, e o recrudescer do islamismo na Indonésia, ou até mesmo a questão de Caxemira, entre a Índia e o Paquistão, com o que se passa no Ocidente com as supra referidas parcerias “comerciais” entre o terrorismo islâmico e os mundos do crime organizado. Senão vejamos os acontecimentos nos bairros pobres de França em que as próprias forças de segurança são as primeiras a admitir zonas de “não-direito” em que a autoridade do Estado deu lugar a “senhores da guerra” que controlam, tal como no Afeganistão e no Paquistão, os bairros por zonas territoriais ferreamente defendidas à semelhança dos países de origem. A Europa está perigosamente a tornar-se em algo parecido às zonas de conflito entre o Afeganistão e o Paquistão, áreas urbanas em tensão latente que à mínima fagulha explodem num ódio de violência como os distúrbios nos subúrbios de Paris no ano de 2005. Mas a França não é o único país da Europa com problemas sociais graves ao nível da comunidade imigrante. A Inglaterra também não está em melhor posição e a prova disso é a capital londrina ser conhecida por “Londonistão” o que já por si demonstra o pesado fardo das políticas *naif* dos

governos europeus que acabam por colocar em causa a segurança interna dos próprios Estados. E é aqui que organizações terroristas como a Al Qaeda exploram proveitosamente as vicissitudes dos sistemas democráticos ocidentais a fim de se infiltrarem nas suas sociedades de forma a implementarem uma *jihad* contra o Ocidente num género de Cavalo de Tróia. Ninguém tenha dúvidas de que os problemas suburbanos com as comunidades imigrantes têm sido “estudados” pelos grupos extremistas espalhados pelas democracias ocidentais de forma a observarem a metodologia de actuação dos serviços de segurança ocidentais. E com esta experiência obtida prepararem, como disse Gareth Evans, um “big one” ou seja um *cocktail* cujo *menu* inclua armas nucleares nada difíceis de obter no mercado negro dos países de leste através das máfias russa ou albanesa.

No cenário internacional actual não se pode destringir a questão do terrorismo do crime organizado pelo simples facto de ambos viverem numa simbiose sustentada pela globalização. Hoje os serviços de segurança não podem aplicar metodologias securitárias ignorando o que se passa no Afeganistão, ou no Paquistão, ou no Iraque, porque o inimigo sem rosto que tanto militares como serviços de segurança enfrentam desloca-se em torno do globo numa espécie de teia terrífica em constantes mutações como a junção do mundo do crime organizado ocidental às redes islâmicas terroristas ou, embora alguns autores considerem pouco provável mas não tão impossível quanto se possa pensar dado que no passado houve contactos entre terroristas ocidentais e terroristas islâmicos, a grupos terroristas tradicionais como a ETA ou o IRA. E se estes últimos firmassem acordos com a Al Qaeda e passassem a estar no movimento jihadista internacional?

Por isso é que a Europa e os Estados Unidos devem tentar dirimir as questões do chamado fosso transatlântico, segundo Emílio Vilar:

A crise de emergência do terrorismo, ao abater-se sobre os dois lados do Atlântico, poderia ter constituído uma ocasião de aprofundamento das relações transatlânticas, que infelizmente a intervenção unilateral dos Estados Unidos no Iraque veio em boa parte precluir. Poderia constituir também uma oportunidade para enquadrar uma verdadeira refundação da NATO, estrutura que não deve perder-se mas carece hoje de uma missão clara (...) (Vilar, 2006: 19)

Aproximando-se das políticas de combate aos fenómenos do terrorismo e do crime organizado através de um equilíbrio entre as diferentes formas de pensar o problema: a Europa prefere uma acção mais diplomática mas não pode esquecer, tal como disse Gijs de Vries, coordenador para o contraterrorismo na Europa, a Europa já não serve apenas de apoio para atentados terroristas em vários pontos do globo. É ela própria “origem e alvo de terrorismo”, ao passo que os Estados Unidos dão primazia a uma atitude mais musculada, por que os Estados Unidos apesar de serem um colosso militar inigualável no mundo necessitam da cooperação da Europa na longa batalha da irradicação do terrorismo e do crime organizado, em que o primeiro não assenta em estruturas como o “primo” afastado da década de 70 das Brigadas Vermelhas italianas (Renato Curcio), ou as alemãs Baader Meinhoff (Andreas Baader e Ulriche Meinhoff). E o segundo já percebeu que são muitas as vantagens em aliar-se às redes islâmicas como por exemplo a questão do ópio provindo do Afeganistão em que a Al Qaeda necessita de financiar toda a estrutura da organização e para isso tem que escoar a droga nos mercados ocidentais e ninguém melhor do que o crime organizado ocidental para colaborar nesse empreendimento.

Numa possível resposta, ou respostas, que o Ocidente venha a encontrar para a luta contra o terrorismo não poderá ser esquecido que o terrorismo actualmente é motivado pela religião, não sendo um problema apenas deste ou daquele país mas de todos no global, encontrando-se direccionado para desestabilizar a política internacionalmente. Na década de 70 do século passado era a ideologia esquerdista o combustível da motivação para os atentados, no século XXI essa motivação acrescentou um aditivo novo que é a religião. Esta revestiu-o de um impacto ainda mais letal por que desproviu os seus “mercenários” de qualquer valor humano que não seja a restauração da *Umma*<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> No Islão, o termo refere-se à comunidade constituída por todos os muçulmanos do mundo, unida pela crença em Alá, no profeta Muhammad (Maomé), nos profetas que o antecederam, nos anjos, na chegada do dia do Juízo Final e na predestinação divina. É irrelevante a raça, etnia, língua, género e posição social dos seus membros. Todo o muçulmano deve velar pelo bem-estar dos integrantes da Umma, sendo estes muçulmanos ou não.



Esta cegueira religiosa constitui o elemento central do terrorismo internacional, neste século, e ao mesmo tempo produziu uma forma mutante que é o fundamentalismo.

O mundo está a ser envolvido por um polvo composto por um tóxico de religião, fundamentalismo, jihad, células terroristas estruturadas por uma rede de activistas radicais islâmicos, tráfico de droga, lavagem de dinheiro, prostituição e tráfico de seres humanos. Foi este o legado das péssimas políticas colonialistas, das horríveis decisões assentes em interesses egoístas durante a Guerra-Fria e que não acautelaram as repercussões para as gerações vindouras como é o momento actual internacional.

A invasão do Iraque e do Afeganistão ajudou perigosamente a hegemonia latente do Irão mas outro péssimo erro estratégico foi o desmantelamento do Exército iraquiano e pior ainda foi a desarticulação dos serviços de informação iraquianos que, tal como os militares, se passaram para o lado de grupos terroristas, adstritos à Al Qaeda em *franchising* “ (...) trata-se de um “terrorismo novo, globalizado e franchisado” (Vilar, 2006: 17) onde colocam os seus conhecimentos ao serviço da organização de Bin Laden e do tráfico de estupefacientes como recentemente acontece no Iraque onde grupos colocaram o factor religioso de parte e metamorfosearam-se em máfias à semelhança das ocidentais. Ainda os qualitativos préstimos dos membros dos serviços de segurança foram utilizados no Ocidente dado serem estes regimes políticos os que melhor conhecem os países ocidentais por inerência das anteriores funções nos regimes depositos pelos militares americanos. Eram estes membros que, à semelhança de antigos agentes do KGB soviético, conheciam na perfeição as redes que infiltravam toda a espécie de actividades ilícitas nas democracias ocidentais, passando essas redes para o seu controlo, bem como todos os contactos com as máfias ocidentais.

Perante tudo aquilo que acima se disse as democracias ocidentais têm que colocar de lado muitos dos princípios pelos quais foi derramado muito sangue a fim de evitar que muito outro sangue seja derramado mas por motivos opostos ao da Revolução Francesa, por exemplo. Uma coisa é certa, o radicalismo islâmico não vai desistir dos seus objectivos e a América não vai regredir nas suas políticas de satisfação dos seus interesses políticos e económicos mas quem pagará a factura será a Europa. E esta não

está preparada para fazer face a estas ameaças da Nova Ordem Mundial pós-11 de Setembro. A Europa sempre andou e andará a reboque dos Estados Unidos e agora mais do que nunca terá que optar por políticas mais conformes com a NATO.

Há algo que ninguém poderá esquecer que é o Irão. Este país será a chave para o bem e para o mal. Para o bem, dado que o abrandamento, e até algumas resoluções em conflitos a decorrer ou que venham a decorrer passarão pelo Irão obrigatoriamente dada a cada vez maior hegemonia iraniana e como o Médio Oriente, o Cáucaso, a Ásia Central, o Golfo Pérsico, o Leste Europeu e o subcontinente Indiano são áreas onde os americanos têm interesses geoestratégicos, como petróleo e gás natural, e geopolíticos por não quererem perder a sua influência, o crescente poder iraniano tem sido um factor de enorme preocupação para a política externa americana. Além do “Exército” secreto que o Irão possui espalhado por todos os continentes materializado na imigração.

O Irão possui um ascendente muito grande na política palestiniana e no Hamas, bem como na Síria e no Líbano.

Para o mal, o Irão poderá deixar agravar as actuações dos grupos extremistas nas várias áreas onde os americanos possuem interesses o que à semelhança do que se está a passar na costa da Somália não augura um cenário nada bom para os ocidentais em termos económicos, numa primeira linha. Isto é mais uma prova de que a Europa tem que rever a sua política em relação à NATO e em relação aos Estados Unidos pois está demonstrado que não tem capacidade militar para intervir, no sentido de defender os seus interesses, em zonas tão distantes como a Somália ou a Ásia Central, ao contrário dos Estados Unidos.

Além da sua crescente influência, o Irão é ainda uma pedra no sapato para o Ocidente devido à questão do nuclear da qual não desistirá uma vez que Israel, a Índia e o Paquistão possuem armas nucleares. E não se iludam aqueles que pensam que o facto de o Irão ter cedido aparentemente em permitir aos inspectores da Agência Internacional de Energia Atómica realizarem algumas inspecções que isso é sinónimo de cedência face aos Estados Unidos. O Irão teme mais as fracturas sociais internas do que os Estados

Unidos. E esta aparente cedência é para tratar desses assuntos que ainda estão por resolver das últimas eleições. É a política iraniana.

É nas mãos do Irão que está a chave que poderá abrir a “mala nuclear” nas mãos dos actores assimétricos ou mantê-la fechada para alívio do Ocidente. É nas mãos do Irão que está a influência de todos os seguidores espalhados pelo globo.

## 2. Geopolítica do Islão

À política do Islão há muito tempo que foi acrescentado o prefixo «Geo» como forma de evidenciar o extrapolar das fronteiras que se encontra subjacente ao objectivo primordial que é o Califado<sup>9</sup>. Toda a energia política está a ser canalizada para o regresso à unidade do mundo islâmico.

Nesse caminho o Islão pretende expandir os seus tentáculos através da Europa, onde já actua perigosamente em silêncio, e da Ásia Central<sup>10</sup> onde um turbilhão de acontecimentos, como a questão afegã, está a alterar toda a estabilidade geográfica de uma zona do planeta que mexe com inúmeros assuntos mal resolvidos e que ao longo dos anos têm provocado mares de sangue.

Toda a Ásia Central é uma miscelânea de interesses geoestratégicos por parte de países como os Estados Unidos, a Rússia, a China, a Índia, o Paquistão, o Irão e a Arábia Saudita. Um autêntico caldeirão de jogos de poder num palco que a qualquer momento

---

<sup>9</sup> **Califado** (do árabe *خِلافة*, transl. *khilāfa*) é a forma islâmica de governo que representa a unidade e liderança política do mundo islâmico. A posição de seu chefe de Estado, o califa, baseia-se na noção de um sucessor à autoridade política do profeta islâmico Maomé.

O califado é a única forma de governo que tem a total aprovação na teologia islâmica tradicional, e "é o conceito político central do islamismo sunita, por consenso da maioria muçulmana nos primeiros séculos." (Wikipedia, 2010).

<sup>10</sup> A **Ásia Central** é uma região que compreende as estepes, montanhas e desertos entre o leste do mar Cáspio e o centro oeste da China, entre o norte do Irão e Afeganistão, e o sul da Sibéria, porém nunca houve uma demarcação oficial da área. As mudanças constantes de clima na região forçaram grandes movimentos migratórios de seus habitantes, o que trouxe tribos indo-europeias e hunos para o oeste, arianos e turcos para o norte, entre outros. (Wikipedia, 2010).

se desmorona como um baralho de cartas. É neste contexto «Geo» político que o Islão joga a futura constituição do Califado.

A Ásia Central é droga, tráfico de armas, corrupção, petróleo e gás natural. Uma perigosíssima miscelânea de condimentos que à mistura juntam actores como os Estados Unidos, a China e o Irão, entre outros, e factores de desestabilização como o Paquistão que apura o terrorismo, sendo a Arábia Saudita um dos seus principais financiadores pois não há interesse algum, juntamente com os Emirados, em que a China e os Estados Unidos, grandes consumidores de petróleo, e gás natural, passem a consumi-lo a partir da Ásia Central. Daí as relações políticas obscuras com o extremismo religioso por parte dos grandes produtores de petróleo que o alimentam perigosamente como foi o caso durante a ocupação Soviética do Afeganistão.

A Ásia Central é uma região com vastíssimos recursos energéticos, daí o aproveitamento americano que utiliza a “guerra contra o terrorismo” como forma subtil de penetrar nesta região, o que tem motivado a intervenção americana de forma a tentar equilibrar a geopolítica regional. No fundo esta região “agradece” que americanos, chineses e russos, se preocupem com a segurança geográfica dado ser uma fonte de extremismo religioso e crime organizado após o 11 de Setembro de 2001. Para o que muito contribuiu a implosão da União Soviética que deixou um *no man`s land* perigosíssimo e a prová-lo está a actual questão afegã, segundo Rouben Azizian e Elizabeth Davis:

After the breakup of the Soviet Union and since the early 1990s, the region has been experiencing a myriad of problems as part of a painful transition from Soviet Union authoritarianism to a more open society (...) (Azizian e Davis, 2007: 1).

Onde impera o tráfico de droga e de armas com grupos extremistas cuja religião foi posta de lado, metamorfoseando-se em crime organizado à semelhança do que se passa no Iraque, de acordo com Rouben Azizian e Elizabeth Davis:

Since the tragic events of September 11, Central Asia has been drawn into an intense international struggle against the forces of religious extremism and transnational crime (...) (Azizian e Davis, 2007: 1).

Há um grande jogo na Ásia Central cuja peça mais apetecida é o Afeganistão e sem este alcançar estabilidade política, mais tribal do que política, nunca haverá progresso possível nesta vasta área geográfica. Mas os actores intervenientes são ainda mais periclitantes, como é o caso do Paquistão que à mais pequena fagulha mergulhará num mar de chamas de muito difícil extinção. E ainda mais complicado se torna com russos, americanos, chineses e indianos por perto em defesa dos seus interesses geoestratégicos, já para não falar do sempre temido Irão. Ao grande caldeirão junta-se o tráfico de droga e de armas, no valor de milhões de dólares, controlados pela junção entre o extremismo religioso e o crime organizado como forma de financiarem as suas actividades terroristas cujo fim último é a restauração do Califado.

No caminho a percorrer até ao Califado assiste-se a estranhíssimos jogos de poder como o apoio de ricos homens de negócios da Arábia Saudita Sunita a radicais islâmicos xiitas desde que os mesmos desestabilizem certas zonas da Ásia Central de forma a não permitir que americanos e chineses passem a consumir o petróleo e gás natural provindos dessas áreas. Esta é a prova de que as questões religiosas têm sido esquecidas desde que os fins o justifiquem como o exemplo dos Talibans e da Al Qaeda se autofinanciam através do tráfico de droga e de armas. Ou o apoio de países como a Jordânia, o Egipto e a Indonésia, a grupos extremistas como Hizb-ut-Tahrir<sup>11</sup>, o Movimento Islâmico do Uzbequistão e os Uyghurs na China. Estes últimos treinados pela Al Qaeda no Afeganistão. Há todo um conjunto de estranhas empatias políticas, e geoestratégicas, quando interesses que envolvam petróleo e gás natural, negócios lícitos, se cruzam com a geopolítica americana e chinesa entre outras, para questões como os recursos energéticos e militares. Podendo afirmar-se com alguma certeza que a política islâmica, quer os países islâmicos concordem ou não, passa forçosamente, apesar da

---

<sup>11</sup> **Hizb ut-Tahrir** (Arabic: *التَّحْرِيرِ جُزْبُ* *Hizb at-Tahrīr*; English: *Party of Liberation*) is an international pan-Islamist, Sunni, vanguard political party whose goal is to combine all Muslim countries in a unitary Islamic state or caliphate, ruled by Islamic law and with a *caliph* head of state elected by Muslims. Taquuddin al-Nabhani, an Islamic scholar and appeals court judge (*Qadi*) from Ijzim, founded the organization in 1953 in Jerusalem. Since then Hizb ut-Tahrir has spread to more than 40 countries, and by one estimate has about one million members. Hizb ut-Tahrir is very active in the west, particularly in the United Kingdom, and is also active in several Arab and Central Asian countries, despite being banned by most of the local governments. (Wikipedia, 2010).

Revolução Iraniana de 1979, pelo intercâmbio com a política externa americana por mais estranho que possa parecer. E por haver essa simbiose é que Bin Laden nutre pelos americanos um ódio sem precedentes, sendo os interesses americanos os alvos mais apetecíveis em todo o mundo.

Os americanos cometeram três erros geoestratégicos graves, o primeiro foi terem permitido a Revolução Iraniana, o segundo foi terem deixado determinadas forças ocupar o espaço deixado pela União Soviética e o terceiro foi terem derrubado o regime político de Saddam Hussein. São três erros correlativos dado que com a Revolução Iraniana houve uma inspiração expansionista de grupos radicais e de extremistas religiosos além fronteiras, dando azo a que as acções extremistas iniciassem o seu processo de actuação internacional; quanto ao espaço deixado pela queda da União Soviética o mesmo foi o útero donde saíram as forças do revivalismo islâmico a quem negligentemente foi dado espaço e tempo suficientes para se expandirem rumo ao Ocidente a fim de reconstruírem o Califado; e por último foi ter permitido a ascendência do Irão a maior potência regional com o derrube de Saddam Hussein o que deu ao Irão a latitude mais do que suficiente para influenciar politicamente todos os actores com poder de decisão na política islâmica. O que tem possibilitado uma expansão em todos os quadrantes da máquina política iraniana como poderá ser verificado quanto à questão do nuclear, o apoio ao Hezbollah, entre outras influências por todo o mundo islâmico.

No tabuleiro Ásia Central joga-se um perigoso jogo em que à mesma mesa se sentam jogadores americanos, chineses, russos, paquistaneses, indianos, iranianos e turcos, mas com dois baralhos de cartas de forma a estabelecerem empatias tanto nos interesses legais como nos objectivos do submundo, segundo Rouben Azizian e Elizabeth Davis:

(...) the geopolitics of the new Great Game are the positions of the Central Asia republics themselves, which are often left trying to balance great power influences and regional power concerns (...) e (...) increased U.S. military presence in Central Asia after September 11 made the United States the major player (...) (Azizian e Davis, 2007: 8-9).

Nos anos 90 o crime organizado, o terrorismo e o extremismo religioso cresceram na Ásia Central, dado os Talibans terem alcançado o poder e estreitado relações com a Al

Qaeda o que transformou o território afegão num centro de terrorismo e radicalismo religioso com droga e armas à mistura. Este cocktail de matérias inflamáveis (Mikhail A. Konarovsky, 2007: 13) transacciona droga e armas desde o Afeganistão até à Europa. Tendo os extremistas como objectivo primordial a mudança de política na Ásia Central a fim de criar um Califado na região. Estas forças delinearam uma estratégia baseada na junção do político e do religioso em que a Al Qaeda e a Frente Jihadista para o Mundo, incluindo o Movimento Islâmico do Uzbequistão, tentam desestabilizar a região de modo a iniciarem a implementação do Califado. O que tem motivado uma crescente preocupação por parte sobretudo da Rússia que tenta estancar os ímpetus terroristas no interior das suas fronteiras, bem como nas regiões circundantes, dadas as feridas mal saradas por todo o território russo que a qualquer momento poderão causar uma cepticemia política. Aliás, este possível cenário não interessa de maneira nenhuma aos Estados Unidos, nem à China entre outros actores que actuam no palco que é a Ásia Central. Esta coreografia apenas interessa aos movimentos extremistas que com o apoio da Al Qaeda tentam afastar qualquer tentativa ocidental de penetrar na Ásia Central a fim de estabilizar a região. Mas estas acções terroristas envolvem custos que é necessário financiar e por isso é que o Afeganistão se está a transformar no centro mundial do tráfico de droga de acordo com a opinião de Konarovsky “Narcotics began to play a major role as a major currency, which provided regime survival and financed training on its territory to international terrorists (...)” (Konarovsky, 2007: 14).

Tendo todo este mercado de transacções ilícitas sido incentivado quer na Ásia Central, quer em outros pontos do mundo, como forma de suportar financeiramente o caminho para o Califado. O tráfico de droga, e de armas, são parte integrante da geopolítica do Islão. Assim como os políticos ocidentais por vezes alteram as leis para servir interesses, também o Corão é interpretado à medida dos interesses em jogo. Por exemplo, à política islâmica neste momento andam associados o terrorismo, o extremismo político e religioso e o crime organizado transnacional que encetam operações na Ásia Central como ataques bombistas e raptos.

As várias organizações terroristas a operarem na Ásia Central, como por exemplo o exército secreto de muçulmanos mujahidin, sabem que o factor chave para a

estabilização da região é o Afeganistão dado a sua posição geográfica, ligando o Sul, o Centro e o Sudoeste da Ásia, o que o torna um ponto estratégico para o comércio e migração, além do interesse militar. E por isso é que a Al Qaeda tem todo o interesse em manter a região instável para que nenhum desenvolvimento seja possível. E para piorar a já de si frágil situação política da região os americanos invadem o Iraque dando ainda mais força aos Talibans e à Al Qaeda tal como afirmou Konarovsky:

Terrorist formations are also using a growing resentment in different regions of Afghanistan set off by the lingering foreign “man with a gun” presence in the person of the coalition forces, and the U.S. armed forces in particular (...) (Konarovsky, 2007: 17).

Mas os efeitos colaterais da globalização também têm contribuído para o extremar de posições nos meios pobres o que atíça ainda mais os conflitos e as tensões em regiões politicamente frágeis.

O transnacionalizar da actuação dos grupos terroristas levou um “empurrão” com a implosão da União Soviética cujo espaço deixado foi perigosamente ocupado pelo extremismo religioso e político associado ao transbordar de um “novo” tipo de negócios associados como o tráfico de armas, de droga e imigração ilegal. A isto se pode juntar a “ajuda” dos vários erros da política externa americana.

A fim de tentar aplacar o ressurgimento em força do extremismo político e religioso foi criada em 15 de Junho do ano 2001 a Organização de Cooperação de Xangai (sigla inglesa SCO) composta pela Rússia, pela China, pelo Kazaquistão, pelo Quirguistão, pelo Tajiquistão, e pelo Uzbequistão. Através desta propõem-se os Estados membros estabelecer medidas fortes na resolução de problemas na área da segurança, da defesa, policiamento, política externa, economia e cultura. A nenhum dos Estados participantes interessa “ter à porta de casa” problemas como tendências separatistas, a crescente simbiose entre terrorismo e separatismo, a transformação de um palco vital como o Afeganistão num centro de treino para grupos extremistas que colocaram a religião de lado para se transformarem em associações mafiosas que fazem da exportação de droga e de armas os pratos principais do cardápio. Como se não bastasse, a tudo isto se junta o



explosivo Paquistão e a Índia com a velha questão de Caxemira que torna ainda mais explosiva a problemática geografia da zona.

A profunda conexão entre religião e política continua inalterável apesar da metamorfose a que se tem vindo a assistir em alguns grupos extremistas que colocaram a religião de lado e constituíram-se em organizações criminosas que se dedicam a todo o tipo de ilícitos. Essa conexão é o epicentro de ondas de desestabilização que visam a protecção da *Umma* e do ponto de vista político o Califado. Mas o caminho a percorrer inclui múltiplas acções como, sabendo bem a dependência energética do Ocidente do petróleo, a instabilidade almejando problemas para as economias do Ocidente. A dependência ocidental do petróleo e do gás natural da Ásia Central nos próximos anos poderá incrementar o radicalismo islâmico na região como forma de impedir o acesso a essas fontes energéticas. Havendo mais um motivo para o recrudescer do terrorismo e suas organizações locais e transnacionais apoiadas por países como o Bahrein, o Irão, o Iraque, o Kuwait, Oman, Qatar, Arábia Saudita, o Paquistão, os Emirados Árabes Unidos e o Yemen, que não têm interesse nenhum que americanos e chineses desviem o consumo para outros azimutes. Segundo Sergey Lounev “Pratically nothing is being done to stop conservative Muslim regimes such as Saudi Arabia and the United Arab Emirates from financing terrorists (...)” (Lounev, 2007: 183).

Daí o apoio desses países a grupos ou facções que melhor salvaguardem os seus objectivos, desenvolvendo para isso complexas redes de influência com diversos grupos locais como por exemplo o Paquistão, que apoia a maioria Pastun, favorecendo a penetração de grupos islâmicos radicais e o crescimento das máfias ligadas ao tráfico de armas e de droga. O retorno ao glorioso período dos Califados como pano de fundo.

Os próprios grupos radicais negociam com os países ocidentais, que tanto criticam, a fim de verem os seus interesses satisfeitos. É um jogo híbrido a geopolítica do Islão ao potenciar a desordem, o tráfico de droga e o contrabando de armas, a luta entre diversos grupos, agravando a fragmentação étnica o que poderá originar um alastramento a várias regiões como Caxemira, o Curdistão, o Uzbequistão e o Paquistão.

O fim último da política islâmica é a restauração do Califado que será o resultado do choque de civilizações que os islamitas radicais pretendem com a orientação da *Umma* na direcção da unidade civilizacional em ordem a absorver outros grupos civilizacionais. É isto que líderes como Osama Bin Laden e o Emir Abu Bakar Bashir defendem a aplicação restrita da sharia. E o exemplo foi a participação de muçulmanos de toda a *Umma* na jihad afegã.

O século XXI será palco de ataques de extremistas islâmicos que evocam a unidade dos Estados Islâmicos (Pan-islamismo) numa jihad contra todos aqueles que não advogarem os seus objectivos como uma *Umma* politicamente transnacional desde Marrocos, passando por Espanha e por Portugal, indo às Filipinas, à Nigéria, à Mauritânia até ao Uzbequistão. O que pressupõe uma organização à escala planetária (“super Estado” muçulmano) em que a Al Qaeda se associa a outros grupos como a Jemaah Islamiyah (Abu Bakar Bashir) no Sudeste Asiático o que representa claros objectivos políticos para criar um Califado transnacionalizado que englobe todo o mundo muçulmano, nas palavras de Macdonald “ (...) a World in which there will be no non-Muslims at all (...)” (Macdonald, 2007: 4).

A grande estratégia política do islamismo é não colocar limites aos fins necessários para atingir os objectivos traçados. O sistema político extremista baseia-se num sistema totalitário que determinará as linhas orientadoras da vida de todos os muçulmanos, deixando de lado quaisquer outras formas morais, sociais e de pensamento político que não sejam as seguidas no seio da *Umma*.

A geopolítica do Islão teve início com a criação do Estado de Israel. Obrigando os muçulmanos a encontrar uma identidade própria através do revivalismo político o que desde logo principiou guerras entre radicais islâmicos e todos aqueles que não concordavam com o extremar de posições ou seja o “inimigo próximo” nas palavras de Macdonald (Strategic Studies Institute, Title 17, Section 105, 2007, 13). Nessas guerras são utilizados meios tão diversos, na prossecução do objectivo último, como o bombista suicida.

Seguidamente a estratégia de alcançar a *Umma* passa por transnacionalizar os actos que a isso conduzirão como o ataque preparado por Ramzi Yousef<sup>12</sup>, o primeiro ao *World Trade Center* (WTC) em 1993. Vindo em 11 de Setembro de 2001 a ter o desfecho sobejamente conhecido em todo o Mundo. Mas pelo meio houve outros ataques bombistas a interesses americanos espalhados geograficamente como embaixadas, quartéis militares e navios de guerra ou seja o “inimigo longínquo” como a presença Soviética em 1979 no Afeganistão e Americana após 1991.

Nos dias que correm não há dúvida da importância da política muçulmana na criação de redes transnacionais na prossecução dos objectivos em nome do Islão e é em nome deste que foi lançado um “assalto” silencioso à Europa.

Esse “assalto” tem vindo a ser feito por uma parte dos trinta e oito milhões de muçulmanos (5% da população) existentes na Europa, uma espécie de “Exército” de retaguarda que a potência hegemónica Irão engloba na sua geoestratégia. A isto se junta a passividade Europeia face ao fundamentalismo crescente na Europa motivado, segundo algumas opiniões, pela cooperação militar europeia, pelo menos de alguns países, na invasão do Iraque e do Afeganistão. Mas o fundamentalismo cresceria mesmo que não tivesse havido uma coligação internacional, onde participaram alguns países europeus, e a prova disso está nos ataques terroristas em Espanha após a retirada das suas tropas da coligação.

---

<sup>12</sup> Participou em vários atentados terroristas, sendo sua a principal contribuição para o sucesso do 11 de Setembro, actuando como produtor de bombas químicas (a reacção) para a Al-Qaeda e fornecedor nas Filipinas, onde tinha um apartamento na capital das Ilhas (Manila), onde estudava química com seu amigo de infância e escondia as suas bombas.

Em 1994 colocou uma bomba debaixo de um assento que por sorte não se localizava exactamente em cima dos tanques de combustível do Boeing 747 da Philippine Airlines, devido à configuração dos assentos da aeronave. Quatro horas depois de ter deixado a bomba sob o assento 26K a bomba explode na direcção vertical matando o passageiro e danificando os sistemas de direcção do avião. Por experiência do piloto o Voo 434 consegue pousar na ilha de Naka no Pacífico sul.

O terrorista islâmico desaparece.

Youssef pôs uma carga de dinamite em 1993, no subsolo G6 da torre 1, sendo o primeiro ataque às torres gémeas de Nova Iorque, o World Trade Center. Hoje encontra-se preso em segurança máxima no Estado do Colorado, nos Estados Unidos. (Wikipedia, 2010).

A Europa encara de uma forma muito inocente a cada vez maior faixa de população islâmica no velho continente e basta ver os problemas sociais na França e a surpreendente questão do uso do véu por parte das mulheres muçulmanas. É comum na opinião pública europeia encarar a resolução de todos os conflitos de uma forma pacífica, segundo Bawer “(...) European opinion – tended to regard all international disputes as susceptible to peaceful resolution (...)” (Bawer, 2006: 3).

Algumas comunidades imigrantes islâmicas europeias são lideradas por radicais islâmicos que inflamam os seus discursos com o objectivo estabelecer um Califado governado debaixo da sharia. A classe política europeia tem conhecimento destas situações mas receia que ao agir perturbe a tolerância que muitos fingem que existe. A inércia dos europeus é tão grande que no Reino Unido só depois dos atentados é que as forças e serviços de segurança começaram agir junto das vozes mais extremistas islâmicas, mais uma vez Bawer “A fear of inflaming minorities who took their lead from such extremists was one more reason to tread gently” (Bawer, 2006: 3).

O peso da comunidade islâmica (*Umma*) é tanto que em países como a Dinamarca (a polémica dos cartoons) as pessoas já têm receio de expressar as suas opiniões dada a repercussão social junto dos imigrantes, tal como disse Bawer “Has the Netherlands become a country in which you can no longer say what you want, or does the taboo apply only to [comments about] Islam?” (Bawer, 2006: 5).

O poder dos muçulmanos na Europa cresce de dia para dia, cada vez mais têm consciência de que poderão dominar a Europa, transformando-a num Califado, através da taxa de natalidade muito superior à europeia o que lhes permitirá num futuro próximo eleger políticos para os parlamentos nacionais e europeus, infiltrar-se nos serviços de informação e de segurança, e ditar os destinos da Europa como sendo um Califado. Estas intenções políticas omissas têm por base um acérrimo anti-americanismo e anti-sionismo, segundo Mandaville “(...) With a combined Muslim population of over 20 million, Europe is an increasingly important part of the umma (...)” (Mandaville, 2007 *apud* Nielsen, 1995: 292; Hunter, 2002).

E ainda Bawer:

Meanwhile, the number of Muslims will increase dramatically, partly through continued immigration and partly through reproduction (the fertility rate of Muslims in Europe being considerably higher than that of non-Muslims) (...) (Bawer, 2006: 33).

Desenvolve-se um perigoso jogo político na Europa que começa a subjugar as sociedades do velho continente através da imposição dos valores culturais islâmicos e seus usos como a rejeição da liberdade de consciência, a rejeição do papel igualitário da mulher na sociedade, a crítica à separação entre a Igreja e o Estado e que os muçulmanos não devem obedecer às leis dos estados europeus, de acordo com Bawer todos querem a prosperidade do Ocidente mas poucos se preocupam em se adaptar ao modo de vida ocidental (While Europe Slept, 2006, 16). Para as comunidades os seus líderes não são os parlamentares nacionais de cada Estado mas os *imams* que guiam espiritualmente as mesmas, incutindo que o Ocidente é apenas pecado e mal e que é no Islão que encontrarão a pureza de uma sociedade sem vícios.

A ligação aos países de proveniência é muito forte. Por isso enviam os filhos de tenra idade para os países de origem a fim de aí serem educados nos valores do Islão, regressando já adultos à Europa desprovidos de qualquer conhecimento sobre os países que os acolhem e que todos os anos gastam milhares de euros dos orçamentos de Estado a subsidiá-los a todos os níveis para que tenham uma melhor integração, Bawer disse:

(...) to prevent their integration into Western democracy by “reeducating” them in traditional values and fundamentalist interpretations of the Koran. The bills for this “reeducation” are often paid by European mosques (...) they have little connection to mainstream European culture; in their ancestral homelands, they live with relatives who share the Koran school’s goal of preventing them from *ever* developing such a connection (...) (Bawer, 2006: 18-19).

Procedem também ao envio para casa, no Paquistão, entre outros países, do dinheiro ganho na Europa.

A Europa está a ser minada por dentro e países como o Irão sabem-no e por isso é que apoiando este “Exército” de milhões de imigrantes poderão amordaçar o Ocidente sem que haja caminho para mais lado nenhum que não seja a subjugação ao Califado. É tudo

uma questão de tempo até à queda do velho continente nas “garras” de extremistas religiosos. E por isso é que Ahminejad (Presidente do Irão) passou para o Ocidente a imagem de ter cedido na questão do enriquecimento do Urânio pois sabe que isso deixa os ocidentais entretidos com a sua atitude e por trás o Presidente iraniano tem consciência que como potência regional poderá manobrar vários contextos muito prejudiciais aos interesses geoestratégicos do Ocidente tais como o Iraque. Isto, além das células terroristas espalhadas por toda a Europa. É esta a perigosa geopolítica do Islão apoiada na ideia da restituição da glória já tida através de um novo Califado que, a ser alcançado, se materializa através do percurso de personagens como a Al Qaeda que tudo faz para o reerguer de um movimento jihadista global, transnacionalizando as suas acções perpetuadas por redes mundiais de actores pertencentes a vários grupos islamistas violentos, nas palavras de Peter Bergen “(...) is as much a creation of globalization as a response to it (...)” (Bergen, 2001: 200).

Toda esta logística política é materializada no islamismo radical que objectiva instituir as normas do Islão, mais especificamente a Sharia. O islamismo radical abarca vários grupos como a Irmandade Muçulmana no Egipto, a Jama`a-i Islami no Paquistão, os Mujahideen Afegãos, o Hamas na Palestina, o Hizb ut-Tahrir (sem Sede), o Takfir wal-Hijra, com origem no Egipto, a Gemaa Islamiyya na Indonésia e o Hezbollah no Líbano. Ou seja, toda uma teia arquitectada com o objectivo de implementar uma ordem política islâmica. Esta orientação política é radical na rejeição do sistema de territorialidade que define a soberania dos Estados-Nação e que tudo fará para a substituir pela sharia e pelo pan-islamismo, e pelo restabelecimento do Califado.

O campo de batalha afegão foi a incubadora do radicalismo islâmico e a inspiração para a transnacionalização das suas políticas numa jihad ao Ocidente, mobilizando a *Umma* num todo contra o inimigo europeu, americano e israelita. Essa mobilização traduziu-se politicamente em ataques contra interesses ocidentais como o perpetrado contra as Torres Khobar em Dahrán em 1995, os atentados contra as embaixadas no Quênia e na Tanzânia em 1998, o ataque ao USS Cole em 2000, o 11 de Setembro de 2001 em Nova Iorque e no Pentágono em Washington DC, os atentados de Bali em 2002, os ataques

em Marrocos e na Turquia em 2003, em Madrid em 2003 e em 7 de Julho de 2004 em Londres. Provando ainda que a Al Qaeda se encontra bem organizada à escala mundial através de associações com outros grupos extremistas como a Gemaa Islamiyya do Egipto.

A fim de suportar toda a logística de acção a Al Qaeda age como qualquer multinacional, procedendo a investimentos nos mercados ocidentais sob mil e um disfarces, bem como à lavagem de dinheiro, tráfico de droga e de armas. Só desta forma consegue manter de pé uma tão mortífera rede terrorista que actua à escala planetária, nas palavras de Mandaville “Al Qaeda represents a highly extreme form of the more generally recognizable phenomenon of contemporary anti-systemic social activism (...)” (Mandaville, 2007: 271).

### **3. Intensificação das actividades ilícitas na nova geografia internacional**

Com a implosão da União Soviética em 1991 foi deixado à deriva todo um espaço até ali politicamente controlado pela esfera soviética. Espaço esse que atraiu de imediato as atenções de organizações criminosas que aproveitaram a abertura de tão precioso território para expandir o seu raio de actuação.

Mas essas organizações não apareceram do nada só porque uma nova oportunidade de propagação dos já há muito existentes negócios, na área do tráfico de armas, do tráfico de droga, da lavagem de dinheiro, da imigração ilegal, da prostituição, do tráfico de órgãos e de seres humanos, permitiu “colonizar” novas áreas da geografia mundial. As referidas organizações provêm das décadas de 60/70 do século XX quando organizações criminosas perceberam que poderiam alcançar lucros fabulosos, e subsequentemente aumentar o seu poder, com o comércio ilegal de droga entre outras actividades ilícitas. Não só depressa atingiram lucros magníficos como acabam por ser em muitas regiões do globo a única fonte geradora de emprego, criadora de infraestruturas e motivação para investimento de capital:

Today in many of the Third World source and transit countries that provide opium, heroin, and cocaine for Western industrialized consumer nations, the illegal drug industry is a most important source of foreign currency. The industry means jobs and investment capital in countries otherwise characterized by much poverty and unemployment (...) (Martin e Romano, 1992: 55)

Tal como mencionado, as décadas de 60/70 do século XX foram fecundas na intensificação e desenvolvimento do tráfico de drogas onde os Estados Unidos detêm a sua quota parte de culpa no comércio do ópio<sup>13</sup> no Vietname aquando da intervenção militar naquele país. Utilizando, segundo se crê, os corredores de informações militares para o seu tráfico por toda a região, primeiro no seio das tropas americanas como forma de aguentarem psicologicamente os horrores da guerra, e depois na sua exportação para os Estados Unidos com a ajuda, segundo parece, das agências de segurança americanas dado que o esforço de guerra necessitava de avultados financiamentos que o erário público americano já não desejava suportar dada a enormíssima pressão da opinião pública norte americana em não custear mais uma guerra que apenas satisfazia os híbridos e obscuros compromissos da Indústria militar americana. E a de actividades ilícitas no Triângulo Dourado<sup>14</sup> que possibilitaram comprar as lealdades políticas necessárias ao combate contra o Vietname comunista.

A retirada americana do Vietname em 1975 não significou um abrandamento no comércio de droga dado que o Laos, Burma e a Tailândia, intensificaram a sua produção e tráfico a tal ponto que actualmente é uma das maiores ameaças ao Ocidente (Sciolino, 1990). O que prova que o comércio de ópio entre o Ocidente e o Oriente continua altamente lucrativo mas com a diferença de que hoje são as nações do Ocidente que consomem ópio e as nações do Oriente ficam com os lucros através dos seus traficantes em conluio com a alta finança asiática. Daí a extrema preocupação dos Estados Unidos com a geopolítica asiática.

Através das décadas de 80/90 do século XX várias outras actividades ilegais se foram desenvolvendo a par do tráfico de estupefacientes tais como o tráfico de armas, a prostituição, a imigração ilegal, o tráfico de órgãos, o tráfico de seres humanos e a

---

<sup>13</sup> <http://pt.wikipedia.org/wiki>. (Consultado em 07 de Setembro de 2010).

<sup>14</sup> <http://en.wikipedia.org/wiki>. (Consultado em 07 de Setembro de 2010).



lavagem de dinheiro. O que levou as organizações criminosas a estabelecerem as primeiras actuações em rede como o crime organizado em Sydney que recebia a heroína na Austrália proveniente do Triângulo de Ouro e posteriormente a fazia chegar ao mercado americano. Os lucros começaram a ser investidos na Indústria da prostituição em alinhamento com a lavagem de dinheiro proporcionada por instituições bancárias como o *Nugan Hand Bank* of Sydney (desaparecido em 1980 em circunstâncias pouco esclarecidas) que ainda comerciava na área do tráfico de armas com ligações às agências de segurança americanas. Ou seja, aquilo que nos anos 20 do século XX começou com pequenos grupos de rua expandiu-se, ganhando uma estrutura multinacional, dando azo à Máfia americana, aos sindicatos chineses e franceses do crime, entre muitos outros, que no século XXI são poderosíssimos empreendimentos do crime com conexões tão complexas como a simbiose com o terrorismo. Este necessita de avultados financiamentos dado o cada vez maior refinamento na forma de actuar e nada melhor do que o tráfico de estupefacientes para gerar as quantias pecuniárias necessárias e disponíveis em tempo útil; os grupos terroristas carecem de material bélico sofisticado que só no mercado ilegal se encontra através de traficantes de armas com ramificações à China, antigas Repúblicas Soviéticas, Angola e África do Sul. Aliás, um dos maiores negociantes de armas do mundo, o cidadão Pierre Falcone, tinha passaporte e imunidade diplomática angolanas, e foi detido em 2003 no Aeroporto da Portela pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras mas por razões ainda hoje não explicadas, o que é hábito nestes casos, seja em Portugal, seja no resto do mundo, foi libertado, seguindo viagem. As organizações criminosas são estruturas amadurecidas, sofisticadas, com ligações a instituições políticas e económicas de nível nacional e internacional. Chegando inclusivamente, caso do Paquistão, a ter laços ao sector militar, ao sector dos serviços de inteligência e ao corpo diplomático:

It is this covert institutional linkage, which, offering various types of protection across national boundaries, makes de investigation, and certainly the prosecution, of participants in these multinational crime systems difficult and sometimes impossible (...) (Martin e Romano, 1992: 59).

Os países ocidentais têm muita culpa no desenvolvimento das organizações criminosas dado colocarem em prática políticas que apenas contemplam de forma egoísta os interesses ocidentais. Por exemplo, é sabido que na Colômbia a fertilidade dos seus

solos permite produzir grandes quantidades de produtos hortícolas, e mais do que uma vez por ano, e colocá-los nos mercados ocidentais a um custo inferior o que colide com os interesses do sector agrícola europeu. Perante este contexto, os agricultores colombianos preferem cultivar coca que lhes dá mais lucro. Outro erro ocidental é o facto de não haver um empenho eficaz em solucionar as crises bélicas existentes nas zonas de tensão e conflito existentes nos vários pontos do globo como o conflito israelo-palestiniano, a questão dos Balcãs, o Sudão, a Somália, o Iraque, o Afeganistão, entre outros, o que alimenta o tráfico de armas, a imigração ilegal e a prostituição além da lavagem de dinheiro e do tráfico de órgãos e de pessoas. Mas os Estados Unidos, mais uma vez, não estão isentos de culpas no espectro geográfico e basta olhar para as intervenções no Panamá, na Nicarágua e no Médio Oriente, caso Irão-Contras em 1986, para percebermos que os consecutivos erros políticos têm aumentado o poder de organizações criminosas na geopolítica mundial. Chegando ao ponto de os americanos abastecerem os mercados da América Latina de armas e em troca entrar droga nos Estados Unidos:

Thus, in the starkest terms, a deadly two-way illegal trade pattern appears to exist between Latin American and the United States: We are rich in the production of small arms, many of which are sold illegally to meet the market demands of Latin America. In turn, Latin America is rich in cocaine, which is sold illegally to meet the market demands of the United States (...) (Martin e Romano, 1992: 69)

A própria Central Intelligence Agency (CIA) negociava armas e droga com a finalidade de suportar financeiramente operações clandestinas, chegando a situações de a Drug Enforcement Administration (DEA) investigar transportes de droga e de armas, que por trás tinham uma logística montada pela CIA:

Some gunrunners are independent operators, while others are government intelligence agencies, such as the Central Intelligence Agency, the secret intelligence agencies of various Communist governments. In still other countries, such as Algeria and Egypt, special government agencies perform such tasks (...) (Martin e Romano, 1992: 72)

Todas as operações ilegais levadas a cabo pelas organizações criminosas desenvolvem-se em cenários insurgentes onde se combinam terroristas, nações em guerra, estados párias, tráfico de droga, tráfico de armas, entre outras actividades, onde são

desenvolvidos os mais inimagináveis negócios que rendem, como o da droga, 500 bilhões de dólares ao ano o que só por si dará a perceber, ou pelo menos imaginar, o imenso poder destas organizações no sistema financeiro mundial. Podendo influenciar governos na tomada de decisões, colapsar sistemas financeiros, lavar milhões de dólares e inseri-los nos mercados legais e a prova disso são os negócios “legais” das organizações criminosas a coberto das inúmeras vicissitudes jurídicas que as democracias ocidentais permitem através das suas estruturas financeiras e de justiça. Basta recordar que Bin Laden continua a gerar riqueza com os investimentos nos mercados ocidentais sob inúmeras capas apoiadas por bancos *ad hoc* em *offshores* como as ilhas da Madeira, Caimão, Bermuda e de Jersey (Canal da Mancha), para onde são desviados todos os anos milhões de dólares das economias legais e onde todos os anos são criados bancos de forma a lavar milhões oriundos dos quatro cantos do mundo em que apenas se conhecem os proprietários desses lucros fabulosos pela internet. Estes poderão ser as Tríades Chinesas, o Hezbollah, o Hamas, dirigentes iranianos, sauditas, a Máfia Russa, a Máfia Italiana (Cosa Nostra/ Camorra), Yakuza, ou o caso flagrante do apoio dos Estados Unidos e da União Europeia ao KLA (Partido Democrático do Kosovo), com ligações ao crime organizado documentadas pela Interpol, entre inúmeros exemplos.

Estes sistemas clandestinos sempre operaram debaixo da protecção de governos, por exemplo as administrações americanas, governo iraniano, governo paquistanês, governo italiano, governo de Kadafi na Líbia, que lhes permitem movimentar-se desde que os interesses diversos desses governos sejam satisfeitos como o caso de Bin Laden por parte da administração americana de Clinton na década de 90 do século XX em que o governo sudanês “ofereceu” Bin Laden aos americanos e estes ignoraram.

Foi também na década de 90 que se começou a observar a promiscuidade entre grupos terroristas e traficantes de droga nas várias formas de violência contra os governos democráticos de vários países ou pelo menos contra os interesses geoestratégicos americanos e ingleses sobretudo. Um relatório de 1987 das Nações Unidas descreve as primeiras ligações entre o tráfico de droga, de armas, e o terrorismo. E as suas bases de actuação no continente africano, em países como a Índia, o Paquistão, Myanmar

(Burma), Irão e Tailândia. Leslie Cockburn descreve em 1987, no seu livro *Out of Control: The Story of the Reagan Administration's Secret War in Nicaragua, the Illegal Arms Pipeline, and the Contra Drug Connection*, a complexa relação entre o governo americano o tráfico de armas e de droga, com a conivência dos serviços de segurança como a CIA e a DEA e o Departamento de Justiça na pessoa do Procurador-Geral de Miami dado que os transportes de armas saíam da Florida por avião e estes mesmos aviões regressavam com droga, marijuana e cocaína.

Em 1989 o Procurador-Geral dos Estados Unidos afirmou que o tráfico e produção de estupefacientes é e será o problema primeiro em todo o mundo devido à «Joint-venture» entre o crime organizado, o tráfico de droga, o tráfico de armas, onde se verão “iniciativas empresariais” envolvendo os cartéis colombianos, as Tríades asiáticas, criminosos mexicanos, jamaicanos e a Máfia italiana ou seja começaram-se a denotar os primeiros passos para a globalização ao entrar na década de 90 e a expansão dos “negócios” para as zonas abandonadas com a implosão da União Soviética. As mentes do crime organizado compreenderam primeiro que, tal como as suas multinacionais do mercado lícito, o futuro seria diversificar a oferta de uma forma transnacional, global. E por isso passaram a operar de locais tão distintos como a América Latina, Médio Oriente, Europa e outras partes do mundo, actuar em rede. Colocaram de parte o sistema tradicional de actividades ilícitas como o jogo e a extorsão para receberem outros mundos tal como os portugueses com a descoberta do caminho marítimo para a Índia.

A indústria de actividades ilícitas “oferece” no ano 2010 uma nova geografia mundial aos seus clientes espalhados pelas mais diversas e recônditas regiões do globo composta por toda uma gama de produtos que operam em correlação com armas de destruição maciça como o nuclear, biológico e químico. Isto porque os países ocidentais não quiseram perceber que a implosão da União Soviética deixaria disponível todo um arsenal não só bélico mas também intelectual composto por cientistas e funcionários dos antigos serviços de segurança soviéticos profundamente conhecedores das realidades globais e que estavam na disposição de trabalhar para quem mais pagasse. Ora nessas condições estavam as organizações criminosas que inteligentemente viram nesse novo recorte geopolítico forma de transnacionalizar as suas actividades. E prova disso é o

facto de ninguém melhor do que antigos agentes do KGB conhecia os corredores do tráfico de droga, do tráfico de armas, da imigração ilegal, da prostituição e do tráfico de órgãos e de pessoas, as estruturas criminosas que as suportavam e os imprescindíveis contactos.

Com a entrada no século XXI o movimento de pessoas e bens ganhou um significado diferente no submundo do crime dado que a globalização trouxe novos mundos ao mundo das actividades ilegais ou seja não se intensificaram as actividades criminais mas sim amadureceram, atingiram a idade adulta ao extremo de serem consideradas actos de cariz ofensivo dado que adquiriram a capacidade de afectar os objectivos políticos dos Estados de modo a colocarem em causa a sua sobrevivência como unidades políticas e subseqüentemente a própria segurança interna e internacional. E para agravar ainda mais o fraco contexto internacional em termos de segurança a que chegou o mundo devido aos inúmeros erros políticos desde os séculos XIX e XX com as colonizações e nas décadas subseqüentes com as ruinosas descolonizações, os inimigos aprenderam a esconder-se, a caminhar sem rosto, sendo os seus métodos assimétricos, senão vejamos ao ponto a que chegaram as conseqüências da irresponsabilidade das Nações ocidentais, como os Estados Unidos e a Europa, na questão da pirataria na costa da Somália ao observar-se como é possível meia dúzia de seres humanos franzinos e mal armados conseguirem provocar estragos de milhões de dólares no comércio internacional, para além dos gastos nos orçamentos dos vários países envolvidos no combate a essa pirataria.

Há uma clara Nova Ordem Mundial das actividades ilícitas caracterizável pelo colher dos frutos através da pluralidade dos “novos” actores ajudada pela perda de protagonismo dos Estados para as organizações criminosas que poderão ser consideradas no século XXI “Estados” dentro do tradicional conceito de Estados politicamente organizados. E prova disso é criminosos como Dawood Ibrahim (Wikipedia, 2010), padrinho dos padrinhos da Índia, que vive protegido pelo Paquistão, que através da sua organização criminosa “Companhia D” (Wikipedia, 2010) gere negócios como o tráfico de estupefacientes que se estendem desde Bangucoque até ao Dubai. Mais, disponibilizou as suas rotas do contrabando à Al Qaeda, de acordo com os

Estados Unidos, prova da simbiose entre o crime organizado e o terrorismo, ajudou a planejar os atentados de Bombaim em 1993 e financiou o Exército dos Puros (Lashkar-i-Tayyba), outra organização terrorista com ligações à Al Qaeda e que lidera a jihad para a libertação de Caxemira.

Denota-se um crescente poder de organizações transnacionais como as organizações criminosas e os grupos terroristas que na opinião de Luís Fiães Fernandes<sup>15</sup>, “ (...) as actividades das organizações criminosas assumem um importante papel, pois, movidas pela procura do lucro, encontram na globalização o ambiente favorável à sua expansão.” Por outro lado, Adriano Moreira afirma que:

A premissa maior de todas as interpretações da mudança [ocorrida na ordem mundial], que também abrange o terrorismo, é a globalização: esta fez com que a análise identificasse uma série de capítulos, designadamente o crime transnacional organizado e a segurança internacional, o crime transnacional e a globalização económica, a liberalização e o crime financeiro transnacional, a cooperação entre organizações criminosas, tudo originando o crescimento de uma frente jurídica internacional (...) (Moreira, 2006: 335-336).

Esse aumento de poder dos “novos” actores traduz-se no aumento da sua actuação transfronteiriça e do elevado grau de violência das organizações criminosas e dos grupos terroristas. As redes transnacionais unem elementos de redes terroristas e de organizações criminosas como a presença do Hezbollah e do Hamas na Tríplice Fronteira (Brasil, Argentina e Paraguai) na América do Sul e no Canadá.

Após o 11 de Setembro de 2001 surgiu a necessidade de apertar o controlo dos fluxos de pessoas e bens que até ali sempre circularam pelo planeta. Os fatídicos acontecimentos funcionaram como o percutor da munição da criminalidade organizada como a lavagem de dinheiro que nesta crise que o mundo ainda atravessa injectou milhões de dólares das economias paralelas do submundo nos mercados legais. Milhões esses todos os anos desviados das economias nacionais para os Offshores, provenientes de todo o tipo de actividades ilegais.

---

<sup>15</sup> Intendente colocado no Departamento de Informações Policiais (DEPIPOL) da Direcção Nacional da Polícia de Segurança Pública.

Este caos, estes movimentos sociais tumultuosos, é o resultado da falha dos sistemas financeiros e legislativos que as ditas democracias ocidentais tanto apanágio fizeram ao longo de anos junto de outros países que devido a essas políticas se tornaram Estados párias, Estados que servem de base logística às organizações criminosas e terroristas (Somália) e Estados que se tornaram Narco-Estados como a Guiné e o México. É este o resultado das reformas institucionais nas várias economias mundiais. Gargi Bhattacharyya é de opinião que:

(...) this shadow economy consists, largely, of a range of criminal activity. Here we see the illicit traffic in drugs and arms, the trafficking of illegal immigrants, the trafficking of women and children for sex work and other forms of bonded labour, the trade in body parts and the laundering of money (...) its ability to connect this trade to the formal networks of the global economy proper (...) (Bhattacharyya, 2005: 32)

O crime organizado não só lida com o comércio de droga e de armas como também com a imigração ilegal, com materiais nucleares, químicos e biológicos que praticamente adquire com alguma facilidade dadas as debilidades em termos de segurança registadas após a implosão da União Soviética, especialmente a Máfia Russa. Esta actua nos submundos da economia russa, dominando o Estado Russo em alguns aspectos como o do petróleo e da construção civil para além da corrupção de políticos e agentes da justiça. Além disto possui negócios na área do tráfico de estupefacientes provenientes do Afeganistão, tráfico de armas que obtém directamente da estrutura militar desorganizada pelas agruras da queda do comunismo em que milhares de militares ficaram de repente sem rumo e com acesso a toneladas de material bélico. Negoceia ainda na área da imigração ilegal que faz chegar, por exemplo, a Portugal ligada ao sector da construção civil e à prostituição que nefastamente atinge o norte do país. Todos estes milhões de dólares de lucros são lavados através de bancos americanos pois a Máfia Russa possui uma muito bem integrada “comunidade” nos Estados Unidos.

À semelhança do crime organizado russo também outras organizações criminosas actuam da mesma forma, havendo apenas a diferença de que antes da queda do Muro de Berlim e da implosão da União Soviética o crime organizado trabalhava a nível local e regional e depois dos acima descritos eventos, agravados pelo 11 de Setembro, passou a

operar de forma internacional, aproveitando a integração da economia globalmente, segundo Gargi Bhattacharyya:

(...) Money-laundering becomes part of the growth and development of transnational financial services  
(...) (Bhattacharyya, 2005, 54)

O que torna o crime organizado e suas actividades ilícitas cada vez mais poderoso e lucrativo. Isto somado ao facto de haver fortíssimos indícios da sua associação ao terrorismo deixa a arena internacional num estado muito periclitante dado que há Estados que já dependem do crime organizado (Guiné, Gana) outros estão subservientes a organizações terroristas como o Hezbollah (Líbano) e Hamas (Palestina) outros ainda como o Iraque e o Afeganistão estão dependentes de uma potência regional que é o Irão cada vez mais próximo do nuclear. A isto somamos a crescente influência de organizações terroristas como a Al Qaeda que utilizam os lucros do tráfico de droga para financiarem os seus intentos, mais, há grupos radicais no Iraque que colocaram a religião de lado e passaram a agir como organizações criminosas com negócios na área do tráfico de droga e de armas, chegando a dividir o Iraque por zonas de influência. Percebendo que o futuro é dinamizar e adaptar-se às exigências de uma economia global.

Muito do ilícito em que o mundo se está a tornar a todos os níveis deve-se à longa má actuação de instituições como o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional (de ora em diante designado pela sigla FMI) e pelo *General Agreement on Tariffs and Trade* (de ora em diante designado pela sigla GATT) que foram empurrando os países mais necessitados para caminhos cuja única opção é o ilegal, “ (...) we recognize the responsibilities of the richest countries to the poorest countries around the world.” (Gordon Brown, IMFC, November 17, 2001) E a prova disso é a existência de zonas do globo cujas economias dependem dos empregos criados pelo negócio da droga, na opinião de Gargi Bhattacharyya “(...) we are living through a dismantling of national sovereignty as a final defence against international forces and entering a time where a new structure of truly transnational power shapes global relations (...)” (Bhattacharyya, 2005: 59).



Em que o crime organizado substitui o Estado oferecendo a quem nada tem infraestruturas que permitem melhorar a qualidade de vida dos cidadãos:

(...) Criminal networks are exploiting societies, associations, funds and unions. This helps them in several ways: “dirty” money becomes clean, necessary protection is created for criminal associations; symbolic actions create a favourable climate of public opinion (...) (Voronin, 1997: 60).

No século XXI surgiu uma nova Guerra-Fria entre, até ao momento os indícios apontam nesse sentido, os Estados Unidos e o crescente poder do crime organizado e do terrorismo. Esta guerra que os americanos estão a travar contra uma espécie de super-terrorismo que se está a formar com a associação entre o crime organizado e o terrorismo, e que para isso são postas de lado questões étnicas e religiosas, e as suas actividades ilegais que geram lucros fabulosos, é que será o mundo multipolar do século XXI. Onde a verdadeira guerra será contra o intensificar de inúmeros ilícitos como o tráfico de droga, como o tráfico de armas, como a imigração ilegal, como a indústria do sexo, como o tráfico de órgãos e de pessoas, como a lavagem de milhões de dólares de origem criminosa. Gargi Bhattacharyya é de opinião que “(...) organised crime emerges as a key player in the process of change. Here is an alternative type of economic actor (...) (Bhattacharyya, 2005: 73).

Estes ilícitos têm-se vindo a intensificar desde o desmoronar da União Soviética, ao passar repentinamente de um mercado regional para uma latitude só acessível à imaginação do crime organizado que depressa soube agarrar a extrema facilidade com que se obtém capital nas novas economias emergentes e a permissividade das mesmas à injeção de capital de génese duvidosa, segundo Bhattacharyya:

(...) the growth of international financial crime, the emergence of this network of potentially instantaneous and anonymised transactions enables new levels and perhaps even new forms of crime (...) (Bhattacharyya, 2005: 84)

Ao mesmo tempo as organizações criminosas, e terroristas, estão a deslocar as suas bases para Estados falhados, ou cujos governos sejam favoráveis, onde se pode dizer que têm total liberdade de movimentos a fim de confeccionarem os cardápios de

actividades ilegais. São estruturas que movimentam as suas actividades “sem necessidade de passaporte.”

De entre as actividades ilegais o comércio de droga, em conjunto com o crime organizado e o terrorismo, desestabilizará o mundo devido ao enorme poder que os seus lucros fabulosos conferem às organizações que o controlam, Bhattacharyya “The drug trade causes alarm because (...) can be a destructive force (...) (Bhattacharyya, 2005: 93).

E para agravar este contexto as intervenções militares americanas no Iraque e no Afeganistão vieram abrir ainda mais as fissuras nas relações internacionais pois é do conhecimento geral que os americanos estão interessados no petróleo iraquiano, entre outras coisas, e nos proventos geoestratégicos que o Afeganistão trará em relação ao petróleo e Gás Natural da Ásia Central, para além de ficarem mais próximos da esfera de influência da Federação Russa. Pois é sabido que nunca um Exército estrangeiro ganhou uma guerra naquele território e os americanos têm consciência de que nunca alcançarão uma vitória em território afegão. Além disso há os fabulosos lucros do tráfico de ópio que os americanos também querem partilhar tal como fizeram no Vietnã (Wikipédia, 2010). Estando dispostos a ignorar esse comércio ilegal desde que os seus interesses estratégicos na zona não sejam postos em causa como fizeram no Panamá, e na Nicarágua, em relação ao General Manuel Noriega. Tal como disse Chossudovsky:

A heroína é um comércio de vários milhares de milhões de dólares, mantido por poderosos interesses, que requer um fluxo regular de mercadoria. Um dos objectivos da guerra era precisamente o de repor o tráfico da droga, apadrinhado pela CIA, nos seus níveis históricos e exercer um controle directo sobre as rotas da droga (...) A economia afegã da droga foi um projecto minuciosamente concebido pela CIA (...) Um oficial do serviço de informações americano havia confiado ao *Time* que, então, os Estados Unidos fechavam voluntariamente os olhos ao tráfico de heroína no Afeganistão (...) A reciclagem do dinheiro da droga pela CIA era utilizada para financiar as insurreições pós-Guerra Fria na Ásia Central e nos Balcãs, incluindo a Al Qaeda (Chossudovsky, 2004).

Outra questão que também está a ganhar contornos de extrema importância é a questão do nuclear liderada pelo Irão dado o enriquecimento de urânio que este país está a tentar

fazer com vista à produção de armas nucleares de forma a aumentar o seu poder geopolítico na região. E com esse aumento de poder constituir o Califado. Dominando o nuclear gerará em torno de si um negócio de comércio ligado ao nuclear como a cedência, noutros casos venda, de tecnologia na área nuclear a Estados falhados ou a quem esteja disposto a pagar pela mesma como o crime organizado e organizações terroristas como a Al Qaeda. O que está a provocar ainda mais desestabilização na já de si problemática região, “obrigando” outros Estados como Israel a reforçar o seu arsenal nuclear, ou o Paquistão, ou a Índia, e a Arábia Saudita, a correr para o mercado à procura de tecnologia com o mesmo objectivo “(...) Nuclear weapons are not the proverbial “great equalizer” – they are instead the “great destabilizer.” That is the lesson for all nuclear weapon states – real, putative, or potentia (...)” (Dhanapala, 1999: 18).

Uma outra actividade injurídica é o tráfico de pessoas tanto para a prostituição, envolvendo adultos, como a pedofilia, envolvendo crianças, como para a obtenção de órgãos humanos, Bhattacharyya argumenta:

Traffickers abduct their victims and transport them to other places against their will, usually for profit (...) the painful and desperate movement of people in this new era of globalisation (...) (Bhattacharyya, 2005: 154)

O tráfico de pessoas só revela a enorme sede da economia global pelo trabalho humano sem respeito pelos princípios mais elementares da condição humana. É um negócio que envolve, tal como tudo o que é extralegal, inúmeras pessoas, tanto do crime organizado, como funcionários estaduais corruptos, como patrões ávidos de lucros fáceis e a maior parte das vezes com conhecimento por parte dos Estados nacionais mas como o poder económico é muito forte e implica muitas outras coisas é mais fácil fechar os olhos ou olhar para o lado. As más políticas económicas do Ocidente face aos países menos desenvolvidos e as constantes guerras que desestruturam as sociedades em muitos países contribuem para o tráfico de pessoas.

Como já foi dito, os países ocidentais cometaram erros políticos gravíssimos por causa do egoísmo na satisfação dos seus interesses geopolíticos e estratégicos não acautelando que nos tempos verbais também existe o futuro. E por não pensar nesse futuro é que

hoje o Ocidente é assolado por ondas constantes de imigração ilegal e descontrolada que arrasta consigo inúmeros problemas que agravam a criminalidade doméstica e causam muitas despesas às economias nacionais de cada Estado. Portugal é um bom exemplo nas questões da criminalidade, assim como a França e o Reino Unido dada a conexão entre a imigração ilegal e o terrorismo, Bhattacharyya:

(...) Immigration quickly came to be portrayed as another threat to societies which already seemed to be losing their bearings (...) the impact of new wars created more forced migrants, and other forms of desperation, economic, ecological and political, pushed people to move and claim sanctuary however they could (...) enabling illicit movement constituting another extensive underground industry (...) (Bhattacharyya, 2005: 157).

O mundo tornou-se indisciplinado com a globalização ao ser permissivo com todos os actores que reapareceram, e apareceram, no “novo” espaço cénico geográfico. É óbvio que a globalização trouxe coisas boas, mas segundo parece são as más que mais têm beneficiado com os facilitismos criados pela ilusão da globalização como por exemplo a abertura das fronteiras, poder-se-á até dizer que o seu desaparecimento, que deu azo a formas de negócio muito corrosivas para os Estados tal como o tráfico de droga, o tráfico de armas, imigração ilegal, crime organizado e terrorismo, dá-nos uma visão do pesadelo que foi a integração do terceiro mundo na economia global com o agravar das calamidades sociais, o aumento das zonas de tensão e conflito, com o aparecimento de mais Estados falhados absorvidos pelo crime organizado e pelos grupos terroristas como a Al Qaeda. Criaram-se impérios do mal como os traficantes de droga, de armas, imigração ilegal, crime organizado, terrorismo, que as personagens «bons da fita» não estão a saber lidar e nem para lá caminham na descoberta de antídotos possíveis porque esses vírus já há muito que estão nas sociedades (máfias e tráfico de droga, entre outros), apenas aguardaram pelos momentos certos que foram a conjugação do fim da Guerra-Fria com a queda do Muro de Berlim, e a globalização com o 11 de Setembro, sem esquecer a implosão da União Soviética (neste conjuntura optimizaram-se com a globalização). Isto é o contexto ideal para a intensificação do ilícito na nova geografia mundial, como argumenta Bhattacharyya:

(...) Illicit trade is enabled by some of the same structures as respectable trade; and while opening markets may encourage transnational transactions, it can also lock some regions into a dependency on such illicit

trades. Economic liberalisation can allow organised crime to extend its ambition and reach (...) drug trade has also become a more powerful transnational player (...) new wars and battles over sovereignty and status fire new forms of arms race (...) (Bhattacharyya, 2005: 196).

## **II. Questões (Geo) políticas e (Geo) estratégicas**

### **1. O Islão e a violência política**

A arena global tem sido palco de inúmeros actos de violência devido à complexa transformação que caracteriza a ordem mundial em que novas forças entraram em acção. E fizeram-no imbuídas de uma violência sem precedentes na comunidade internacional. Nem mesmo países “habitados” a manifestações de violência política, por exemplo, Inglaterra (*Irish Republican Army, IRA*), Espanha (*Euskadi Ta Askatasun, ETA*), Itália (Brigadas Vermelhas, BR) e Alemanha (*Baader Meinhof, BM*), esperavam ter que lidar com mais uma vertente tão nefasta do terrorismo transnacional. Esta nova vertente é caracterizada por uma motivação religiosa materializada na letalidade, no morticínio, com que interpreta os seus actos, algo um pouco diferente da violência política das décadas de 60 a 90 do século XX. O que coloca em causa a estabilidade política internacional de uma forma para a qual as estruturas dos Estados-Nação não estavam preparadas pois foram muitos anos a lidar com um cenário muito diferente que foi o da Guerra-Fria.

As democracias internacionais, mesmo passados nove anos desde o 11 de Setembro de 2001, ainda não estão preparadas para tratar este novo desafio quer ao nível político, quer ao nível militar e policial, segundo Bruce Hoffman “For the religious terrorist, violence first and foremost is a sacramental act or divine duty executed in direct response to some theological demand or imperative (...)” (Hoffman, 1993: 2).

Pois ao terrorismo religioso está inerente o facto de se lidar com um inimigo assimétrico nas acções, de difícil localização dado não possuir rosto, e ainda a pretensa intenção de fazer uso de armas nucleares, biológicas, químicas, radiológicas, e uma adulteração do Ciberespaço que permite com um simples clique aceder a *sites* onde tudo poderá ser

adquirido sem restrições e na mais completa violação das legislações nacionais e internacionais. Ou seja, não se trata apenas de lidar com a violência política no *latu sensus* da palavra e sim com um conjunto de outras características que tornam essa mesma violência revestida de propósitos de carnificina sem precedentes no palco internacional, ainda Bruce Hoffman “(...) religious terrorists regard such violence not only as morally justified, but as a necessary expedient for the attainment of their goals (...)” (Hoffman, 1993: 2).

A violência política praticada pelos terroristas religiosos islâmicos, não significa que todo o Islão advogue que a única forma de fazer política internacional seja através da violência caracterizada por intenções apocalípticas, guerra total, onde todos os meios justificam o fim último que é o restabelecimento do Califado através da *Umma*. Onde se aplicará a lei islâmica (*sharia*) na sua interpretação mais pura.

O terrorismo religioso islâmico tende a praticar a violência como um fim que justifica todos os meios de forma a provocar mudanças radicais na ordem internacional criada pelas democracias ocidentais que são tidas como inimigas de Ala em que os infiéis, os não crentes, só têm dois caminhos possíveis, ou se convertem ou morrerão. E a prova do aumento da violência no Islão, e subsequentemente a intolerância, é por exemplo o caso das caricaturas de Maomé publicadas no Jornal conservador dinamarquês *Politiken* em 2008, o que causou manifestações violentas por toda a Europa por parte das comunidades muçulmanas residentes, do livro *Versículos Satânicos* do escritor Salman Rushdie em 1989, alvo de uma *fatwa* decretada pelo então líder iraniano Khomeini que o acusou do crime de apostasia, e os mais recentes distúrbios na Indonésia por causa das autoridades locais em Jacarta quererem mexer num cemitério onde se encontra enterrado um líder espiritual religioso muçulmano.

No presente tempo internacional o Islão é violência misturada com religião dado que não esquece a perda do Califado nas cruzadas levadas a cabo pelo Ocidente, a época em que foi colonizado pelos europeus, e a falha dos nacionalismos árabes face ao Ocidente. São humilhações latentes na memória colectiva e que têm que ser vingadas através da expulsão dos infiéis das terras muçulmanas, tal como afirmou Bin Laden ao referir-se

aos americanos estacionados nas bases militares na Arábia Saudita, a limpeza da comunidade dos crentes (*Umma*) de todos os apóstatas, e o restabelecimento do Califado.

Este radicalismo islâmico advém da Irmandade Muçulmana (Egipto) fundada pelo ideólogo Hassan el Banna em 1928 que defendia que a secularização era sinónimo de abandono dos preceitos da fé islâmica e o afastamento de Deus, para além de também considerar que os valores ocidentais adulteravam o Islão. Já nesta época se defendia a resistência à dominação estrangeira, o aplacar da cultura ocidental, o regresso ao Califado e a submissão da sociedade, da política e da cultura ao Islão. Estas ideias foram materializadas nos dias de hoje por grupos terroristas como o Hamas, o Hezbollah e a Jihad islâmica responsáveis por múltiplos atentados à bomba.

Também para o fundamentalismo islâmico que se vive actualmente contribuiu Mawdudi e o Movimento Deobandi (Paquistão) que surgiu na primeira metade do século XX. O *Jama`at al-islami*, partido islâmico do Paquistão, é um dos exemplos de adopção da ideologia Deobandi.

O Movimento Deobandi advogava que tudo o que fosse contrário ao islão deveria de ser expurgado para que pudesse ser instaurado um estado islâmico puro. Dado que o Islão busca o mundo e não parte dele e para isso todos os meios justificam os fins. Mawdudi<sup>16</sup> no seu livro *Jihad in Islam*:

Islam wishes to destroy all states and Governments anywhere on the face of the earth which are opposed to the ideology and programme of Islam regardless of the country or the Nation which rules it. The purpose of Islam is to set up a State on the basis of its own ideology and programme, regardless of which Nation assumes the role of the standard bearer of Islam or the rule of which nation is undermined in the process of the establishment of an ideological Islamic State.

Por este excerto se percebe que o objectivo do Islão, através da violência política agregada a outras formas letais, é a eliminação de todos os Estados, não governados pela lei islâmica, através de uma Revolução Universal. Excluindo de vez o sentimento

---

<sup>16</sup> Sayyid Abul A`la Mawdudi (2006: 8) *Jihad in Islam*, Lahore: Islamic Publications Ltd.

de inferioridade que há muito paira no pensamento colectivo de muitos muçulmanos. Essa elisão dos restantes Estados far-se-á almejando o regresso às origens, ninguém, seja na Europa, seja nos Estados Unidos, tenha dúvidas de que toda esta violência a que se assiste veio para durar e piorar, que é a ideia base da organização terrorista Al Qaeda.

É também visível no excerto a completa rejeição da cultura ocidental, ou outra qualquer que não seja a muçulmana, e a procura de novas formas de identidade e de comunidade.

As profundas alterações criadas pela globalização provocaram a emigração em massa para os países ocidentais onde buscam a satisfação de necessidades, impossíveis de alcançar nos países de origem, que também não vêm satisfeitas o que os empurra para o consolo de uma religião adulterada pelos pensadores fundamentalistas que nas mesquitas, espalhadas pelos países ocidentais, vendem, através de uma retórica contagiante, um mundo que se fosse governado apenas pelo Islão acabaria com todos os seus sofrimentos, caindo-se assim no fundamentalismo religioso e no radicalismo das camadas mais jovens que não se revêem nas sociedades dos países de destino dos seus pais e avós. Um dos exemplos mais flagrantes é o caso francês com vários tumultos e confrontos entre jovens de origem muçulmana e as forças policiais e políticas.

Um dos exemplos mais claros daquilo que é o “retorno às origens” foi o que se passou com a Revolução iraniana em 1979, sendo a invasão da Embaixada dos Estados Unidos uma aula prática daquilo que o Islão pensa fazer ao Ocidente, e nos dias de hoje continuado pelo presidente Mahmud Ahmadinejad apoiado na questão do desenvolvimento nuclear como plataforma para a hegemonia do Irão em termos regionais e maior influência internacional. Porque se a Europa se amedrontou com as questões das caricaturas de Maomé na Dinamarca mais se rebaixará perante um Irão nuclear que busca ser a voz única de todos os muçulmanos no mundo. Re-islamizar as sociedades para materializar a crença na soberania de Ala no mundo e a primazia da *Umma* como uma comunidade planisférica. Este é um dos objectivos básicos da organização terrorista Al Qaeda.



Samuel Huntigton<sup>17</sup> falou de um choque de civilizações devido às diversas identidades culturais e religiosas dos povos que provocarão os maiores conflitos no pós Guerra-Fria, os mais fortes imporão a sua cultura e religião aos mais fracos. O Irão xiita, governado por fundamentalistas desde 1979, cedo percebeu, através do seu actual presidente Mahmud Ahmadinejad, que o factor nuclear será decisivo na sobrevivência do mundo muçulmano e que uma possível aliança à organização terrorista Al Qaeda será sempre viável na prossecução do objectivo último que é a elisão do Ocidente. Um homem que nega a existência do Holocausto também fará outras coisas num Irão na posse de armas nucleares.

É clara e evidente a tensão existente entre o Ocidente e o Islão (desde o século VIII) sendo que a partir do século XV a Civilização Ocidental se sobrepôs. Ora é neste contexto de complexo de inferioridade e de marginalização que as camadas das segundas e terceiras gerações de muçulmanos se motivam para se deixarem levar pelo apelo do motor ideológico de recrutamento. Através deste os muçulmanos incutiram que só pela violência política conseguirão atingir os seus objectivos e que estes não têm fronteiras. Uma parte dos muçulmanos residentes na Europa é apoiante do islamismo (o objectivo final é subjugar o mundo, regendo-o pelas leis islâmicas). Segundo Bruce Bawer:

Across Europe, prisons become centers of evangelism, where non-Muslims are converted to Islam and nonreligious Muslims are indoctrinated into fanaticism (...) in a Salamanca prison (...) they turned the prison library into a prayer room and kept it off limits to non-Muslims (...) cell walls were decorated with pictures of Osama bin Laden (...) a member of the staff told (...) “We say that we’re going to need to carry Maghreb [i.e., North African] passports.” (Bawer, 2006: 57-58).

Estes reflexos globais da guerra das religiões estão bem patentes naquilo que o Ayatollah Khomeini<sup>18</sup> declarou:

We must strive to export our Revolution throughout the world, and must abandon all idea of not doing so, for not only does Islam refuse to recognize any difference between Muslim countries, it is the champion

---

<sup>17</sup> O *Choque de Civilizações* é uma teoria proposta pelo cientista político Samuel Huntington segundo a qual as identidades culturais e religiosas dos povos serão a principal fonte de conflito no mundo pós Guerra-Fria.

<sup>18</sup> Khomeini (1981: 286-287).

of all oppressed people...We must make plain our stance toward the powers and superpowers and demonstrate to them despite the arduous problems that burden us. Our attitude to the world is dictated by our beliefs.

A Revolução iraniana é o exemplo máximo do tipo de postura que todos os muçulmanos estão a adoptar nos países ocidentais contemporâneos como bem ilustrado pelos casos do uso da *burca* e do *niqab* em França que foram proibidos pelo governo francês e os distúrbios ocorridos em Outubro de 2005.

O radicalismo não é novo na cultura muçulmana e prova disso foram as lutas travadas contra as potências coloniais, contra os governos nacionalistas e os sectores mais moderados. O que ilustra bem que o recurso à violência é uma escolha bem pensada e não fruto do acaso. E os motivos alegados pela Al Qaeda<sup>19</sup> na sua *Jihad* contra os países ocidentais deixam transparecer bem a espiral de violência:

First, for seven years the United States has been occupying the lands of Islam in the holiest places, the Arabian Peninsula, plundering its riches, dictating to its rulers, humiliating its people, terrorizing its neighbours, and turning its bases in the peninsula into a spearhead through which to fight the neighbouring Muslim peoples. Second, despite the great devastation inflicted on the Iraq people by the crusader-Zionist alliance, and despite the huge number of those killed, which has exceeded one million (...) despite all this, the Americans are once again trying to repeat the horrific massacres, as though they are not content with the protracted blockade imposed after the ferocious war or the fragmentation and devastation. Third, if the Americans aims behind these wars are religious and economic, the aim is also to serve the Jews`petty state and divert attention from its occupation of Jerusalem and murder of Muslims there. The best proof of this is their eagerness to destroy Iraq, the strongest neighbouring Arab state, and their endeavor to fragment all the states of the region such as Iraq, Saudi Arabia, Egypt and Sudan into paper statelets and through their disunion and weakness to guarantee Israel`s survival and the continuation of the brytal crusade occupation of the peninsula (...) The ruling to kill the Americans and their allies-civil and military-is an individual duty for every Muslim Who can do it in any country in which it is possible to do it, in order to liberate the Al-Aqsa Mosque and the holy mosque, Meca, from their grip, and in order for their armies to threaten any Muslim. This is in accordance with the words of Almighty Allah, “and fight the pagans all together as they fight you all together,” and “fight them until there is no more tumult or oppression, and there prevail justice and faith in Allah.

---

<sup>19</sup> Osama Bin Laden (2004: 411-412) *Jihad Against Jews and Crusaders*, Laqueur, In: Walter (Ed), *Voices of Terror: Manifestos, Writings and Manuals of Al Qaeda, Hamas, and Other Terrorists From Around The World and Throughout the Ages*, New York: Reed Press.

É notório, independentemente das muitas opiniões existentes, o aumento da violência e prova disso são actos terroristas como a explosão de dois carros bombas nas embaixadas americanas em Nairóbi, no Quênia, e Dar es-Salaam, na Tanzânia, o que provocou 244 mortos e os vários atentados na Europa, bem como na Ásia. Mesmo recuando na questão do Iraque, como fez a Espanha ao retirar as suas tropas, sofreu atentados o que é denunciador de que a violência veio para ficar e por muito tempo, Sageman argumentou:

*A new type of terrorism threatens the world, driven by networks of fanatics determined to inflict maximum civilian and economic damages on distant targets in pursuit of their extremist goals. Armed with modern technology, they are capable of devastating destruction worldwide. They target the West, but their operations mercilessly slaughter thousands of people (...)* (Sageman, 2006: 10).

Segundo Abdelwahab Medded:

Quem são estes terroristas senão os filhos da americanização do mundo (...) Filhos que não estão curados da ferida de que se ressentem o sujeito do Islão, por se ter transmutado em dominado depois de ter sido dominador. Filhos que recusam o estado de submissão no qual consideram viver, e que sonham em restaurar a hegemonia da entidade à qual pertencem (...) (Medded, 2002: 17).

Como qualquer CEO (*Chief Executive Officer*) de uma multinacional Ocidental o mundo islâmico percebeu que a procura de uma nova *Umma* terá de passar pela globalização do Islão. Aliás os ataques do 11 de Setembro envolveram várias nacionalidades, uma das características do ser-se global. E só assim atingirá o Califado.

Os dirigentes do mundo ocidental não podem esquecer que a violência, já vezes demais demonstrada, praticada pelo radicalismo islâmico, é para levar a sério em termos de continuidade temporal. É que algo semelhante ao 11 de Setembro acontecerá outra vez mas acrescido de armas químicas, biológicas, radiológicas, nucleares e ataques com vírus informáticos no Ciberespaço poderão criar o caos mundial tal como aconteceu recentemente com a nuvem de cinzas vulcânicas expelidas por um vulcão na Islândia.

Os projectos *Umma* e Califado são para levar até ao fim dado que os muçulmanos sentem que já foram vezes demais inferiorizados. Mais preocupante é a passividade

européia face a estes fenómenos, deixando-se levar pela teoria do “Guarda-Chuva” protector americano. A Europa que não esqueça que o Irão cada vez ganha mais peso internacional, já para não falar regional, os americanos não sabem como lidar com a política iraniana, e que Mahmud Ahmadinejad dispõe de um “Exército” de emigrantes xiitas, espalhados pelo mundo, incluindo o velho continente, que poderá influenciar geoestrategicamente.

### **1.1. Considerações históricas e raízes do terrorismo islâmico**

O terrorismo islâmico remonta, poder-se-á afirmar com alguma certeza, ao tempo do Profeta, sendo o Alcorão uma espécie de manual de instruções que auxilia a sua prática dadas as múltiplas interpretações de que tem sido alvo ao longo de séculos. Mais, o Islão impôs-se pelo conflito permanente que o exigente Caminho de Deus assim obriga. E por acreditar na sacralização da História, que o Alcorão é a palavra de Deus, que Ala ao dirigir-se ao Profeta interveio na História da Humanidade, que o Livro representa a Suprema Autoridade para toda a Humanidade, os muçulmanos desde épocas remotas que partem do princípio que todo o lugar na terra deverá fazer parte da comunidade (*Umma*), o Califado como uma espécie de luz ao fundo do túnel, e que os restantes povos devem obedecer e viver segundo as regras do Corão, pensamento que se estende ao contemporâneo e que através de acções violentas querem implementar. Por isso, o que se passa na actualidade não é nada que não se tenha vindo a passar ao longo dos anos que é o Islão ser uma religião de conquista tal como caracterizado por Dominique Sourdel.<sup>20</sup>

E é nessa intenção de conquista que se observa surgimento de uma Revolução Islâmica no Irão, em 1979, que catapultou um Islão de combate para a arena internacional onde o *Choque de Civilizações* de Samuel P. Huntington é cada vez mais acutilante e menos uma miragem.

É neste contexto de belicismo latente que a partir do 11 de Setembro de 2001 os cidadãos se consciencializaram para a ameaça proveniente da ideologia islamista radical

---

<sup>20</sup> Sourdel (1983:1).

que teve a Revolução iraniana como ponto de partida, o conflito afegão (invasão soviética) como amadurecimento e a Al Qaeda como otimização de todo um manancial de recursos e experiências.

Mas poderemos recuar uns séculos para dizer que foi na Arábia do século VII que o Islão viu o seu berço com o Profeta Maomé como disse Manuel da Silva.<sup>21</sup> Era uma época em que dizimar outras tribos era normal na vida árabe, onde o conceito de *jihad* “ (...) nas partes do Alcorão divulgadas em Medina, aparece explicitamente com o significado acrescido de combate (...) ”<sup>22</sup>, onde já se denota um esforço, através da *jihad* (combate no caminho de Deus), objectivando a comunidade (*Umma*).

No período de 1090 é curioso vislumbrar um conflito entre sunitas e xiitas ismaelitas conhecido por *Assassinos* em que Hassan ibn al-Sabbah promoveu assassinatos selectivos, que constituíam um acto de puro terrorismo como referido por Manuel da Silva<sup>23</sup>. Já nesta altura a doutrinação tinha um papel preponderante na preparação dos operacionais. Outro exemplo curioso é na decorrência do ano 1083, tal como no ano 2010, Abd Allah bem Yassin defendia o regresso às fontes do Islão e a “guerra santa”. Al-Mutamid (terceiro e último rei da dinastia Abábidas que governaram a taifa de Sevilha) afirmou algo que se enquadra no pensamento de Bin Laden tal como pastor de camelos com os almorávidas que guardar porcos com os cristãos. Um facto também curioso, e que não anda nada longe da ideologia radical no século XXI, os almorávidas provaram que através da doutrinação e de actos de terror se faz renascer movimentos radicais. E mais uma vez, no tempo dos Mamelucos, Ibn Taymiya defendeu, tal como Abd Allah bem Yassin em 1083, decorria o ano de 1328, também o regresso às tradições puristas do Islão.

Jamal al-Din al-Afghani<sup>24</sup> no século XIX defendia reestruturações políticas com base no regresso às fontes primárias, Alcorão e Suna, de modo a lutar contra o Ocidente e restabelecer o poder dos muçulmanos. Também Muhammed Abduh defendeu que a única receita para a doença do Islão era o regresso às fontes.

---

<sup>21</sup> Silva (2005: 192).

<sup>22</sup> *Ibidem* (2005: 194).

<sup>23</sup> *Ibidem* (2005:205).

<sup>24</sup> Ramadan (1989: 67).

No século XIX, mais precisamente na segunda metade, surge o Salafismo. Esta corrente era hostil a qualquer interpretação humana. Os salafistas consideravam que a *jihad* era a base para a estruturação do Estado islâmico. É no seio desta corrente que aparece Rashid Rida associado ao puritanismo dos wahhabis com um governo califal no horizonte.

Um movimento que marca a época contemporânea surge no século XVIII devido à inspiração de Muhammad Abd al-Wahhab. Este movimento (Wahhabismo) tornou-se poderoso e nos nossos dias está por trás de muitos grupos radicais espalhados pelo mundo. Patrocinados pelo dinheiro do petróleo saudita num complexo jogo político-religioso que ultrapassa a compreensão do Ocidente.

O Ocidente tem muita culpa no que actualmente se passa dado que países como a Inglaterra, colonizadores, ou com interesses, por exemplo mineiros, como a Alemanha, entraram em jogos políticos perigosos como alterar as estruturas sociais naturais de equilíbrio do mundo árabe como os *ulamas* ou modificar fronteiras em prol de interesses políticos momentâneos, não acautelando o que por exemplo se passa no século XXI. Um dos exemplos bem ilustrativos foi o que se passou em Marrocos aquando da resistência contra os espanhóis em que os radicais receberam dinheiro de britânicos e germânicos por causa dos interesses mineiros. Algo parecido no século XX com o apoio americano aos Taliban no Afeganistão soviético.

A Arábia Saudita é uma complexa teia de equilíbrios entre os poder religioso e o poder político representado pela família real saudita. Pelo meio destes intrincados relacionamentos passam os Estados Unidos que dão protecção militar à Arábia Saudita o que lhe permite funcionar como uma espécie de tampão ao Irão. Claro está que a presença militar americana em solo saudita despertou os mais viscerais ódios por parte da Frente Islâmica Internacional (Al Qaeda) cuja violência dos seus actos têm espalhado um terror ímpio à escala planetária.

Os Irmãos Muçulmanos foram fundados em 1928 por Hassan al-Banna e este depressa deu azo a que fossem criadas células em muitas localidades com vista à restauração do Califado. A irmandade prestou apoio logístico por exemplo à Palestina quando em 1947 se deu a divisão da mesma, enviando voluntários na guerra contra Israel. Estes contextos deram tanto prestígio à irmandade que os Estados Unidos, a França e a Inglaterra fizeram pressão para que fosse dissolvida dado ser uma ameaça aos seus interesses como potências estrangeiras. No ano de 1951 Sayyid Qutb aderiu à irmandade, tornando-se um dos seus principais pensadores com repercussões até ao século XXI. Qutb revelou cedo o seu pensamento jihadista ao apoiar a guerrilha local na questão do Canal do Suez. Mais tarde, nos anos 70 o seu legado literário foi lido pelas gerações mais jovens o que conduziu ao engrossar das bases do radicalismo por todo o mundo.

Com o aumentar do radicalismo a soberania de Ala é para ser reposta e é dessa forma que as democracias ocidentais são vistas, partes integrantes do Califado. No seguimento do radicalismo a luta armada foi incluída como opção de apoio aos objectivos políticos de grupos como Jamaat al-Islamiya, Grupo Islâmico, al-Jihad-al-Islami, Jihad Islâmica do Egipto. Estes grupos almejavam o derrube dos governos nacionalistas, expulsar as potências colonizadoras e como não poderia deixar de ser os Estados Unidos e Israel.

Todas estas organizações insistem que o poder deverá ser alcançado através do terrorismo, sendo no século XXI a Al Qaeda o expoente máximo dessas intenções.

A Revolução iraniana em 1979 assumiu desde o início um carácter anti-ocidental, sendo esta a sua característica mais marcante. Outra é ter sido o apogeu da epopeia islâmica ao longo de séculos.

Desde logo o Irão deixou claro que a violência seria a sua bandeira, começando por dar um exemplo à comunidade internacional com a invasão da Embaixada americana em Teerão. Mostrando aos restantes muçulmanos como deveriam agir se realmente objectivam a *Umma*. O Califado justifica todos os meios.

O Irão passou a agir para que a sua revolução fosse exportada para outros países através de acções terroristas patrocinadas pelo regime. O recurso à jihad como forma de criar uma nova ordem islâmica internacional. O Ayatollah Khomeini<sup>25</sup> expressou “Não afirmamos que o governo deve ser constituído pelo clero, mas antes que o governo deve ser dirigido e organizado de acordo com a Lei Divina, e isso só é possível com a supervisão do clero”.

Com a Revolução iraniana Khomeini deixou bem explanado que só a guerra santa permitirá alcançar Deus ao possibilitar transbordar as fronteiras, criadas pelo Ocidente, e difundir a Sua lei pelo Mundo. Este objectivo concretizou-se no apoio dado ao Hezbollah na Guerra Civil do Líbano (1975-1990) a fim de causar baixas às tropas americanas, francesas e israelitas estacionadas no Líbano. Outro conceito desenvolvido com a Revolução foi a doutrinação e basta ver uma das frases proferidas por Khomeini “A mais pura alegria do Islão é matar ou morrer por Ala (...)” (Silva, 2005: 256).

Uma das teias mais complexas em termos políticos foi, e continua a ser, o Líbano. Este tem sido palco de inúmeros confrontos bélicos onde circulam actores tão diversos como, em 1968, os radicais palestinos que usaram o território libanês para atacar Israel. Mais tarde a Síria entra em cena apoiando a Organização de Libertação da Palestina (OLP) onde o Irão auxilia radicais xiitas contra Israel. Influenciando o Hezbollah. Este acredita “(...) que um dia toda a humanidade viverá unida sob a bandeira do Islão (...)” (Silva, 2005: 259).

E ainda:

Para o Hezbollah, o Alcorão ensina os fiéis a matarem todos aqueles que os hostilizam. Ainda segundo a sua ideologia, a revolução é como um fósforo atirado para uma seara de tirania para que seja ateado um gigantesco incêndio; para se manter a chama, o combustível deve ser a doutrina (...) (Silva, 2005: 260).

Também na Ásia se observou uma tendência para o radicalismo islâmico. Um dos resultados é o movimento salafista Jamaat-e-Islami que “ (...) defendeu um Estado sem

---

<sup>25</sup>Anderson *cit. in* Silva (2005: 254-255).



fronteiras em que qualquer muçulmano, em qualquer local do mundo, deveria ter direito à cidadania (...) (Silva, 2005: 268).

Ainda:

(...) para construir este Estado islâmico era necessário a *jihad* (...) a *jihad* como princípio basilar da religião e subordinada a um objectivo político, a instituição do estado islâmico (...) (Silva, 2005: 268)

O Paquistão vive enredado em complexos jogos de poder sendo, desde a década de 70 do século XX, o epicentro de expansão do islamismo. No seguimento dessa expansão surgiu o grupo Jamaat-e-Ulema-e-Islami (deobânico). Este apostou numa forte educação religiosa nas madrassas que deu origem aos Talibans.

Em 1988 deu-se um surto de movimentos islamistas radicais que questões como a de Caxemira nada abonaram. Registrando-se também um aumento da violência associada ao terrorismo e que mais uma vez conflitos como o afegão só agravaram.

Durante o conflito afegão houve um apelo à *jihad* contra os soviéticos. Neste conflito funcionaram submundos como o apoio americano e paquistanês na formação dos Taliban e de redes islâmicas transnacionais apoiadas por grupos egípcios e sauditas cujo caldeirão de ingredientes tóxicos foi o 11 de Setembro de 2001. Todos os quadrantes geográficos jogaram de acordo com os seus interesses tal como sempre fizeram ao longo dos séculos. Sem nunca adivinhar as surpresas na configuração planetária que a retirada soviética do Afeganistão traria.

Dentro dessa caixinha de surpresas foi a comunidade internacional prendada com a maior ameaça global de todos os tempos que é a Al Qaeda. Esta e os seus CEO's Bin Laden e Al-Zawahiri reconfiguraram o terrorismo, otimizando a *jihad* com experiência militar, política e organizacional, dando ao terrorismo islâmico um efeito ainda mais letal e transnacional.

Abdullah Azzam disse em relação à *jihad* que:

Esta obrigação não termina com a vitória no Afeganistão; a jihad continuará a ser uma obrigação individual até que todas as terras que já pertenceram aos muçulmanos regressem à nossa posse, para que o Islão possa de novo reinar: diante de nós estendem-se a Palestina, Bokhara, o Líbano, o Chade, a Eritreia, a Somália, as Filipinas, a Birmânia, o Iémen do Sul e a Andaluzia [Al-Andalus] (Esposito, 2002 *apud* Silva, 2005: 283).

O movimento islamista radical transnacional (Al Qaeda) através do seu estratega al-Zawahiri planeia aumentar as redes por cidades como Londres e Nova Iorque, em áreas como os Balcãs, e em países como a Somália e a Etiópia, provando que o terrorismo islâmico se espalha por toda o mundo e que nenhum país poderá afirmar que está imune.

A Al Qaeda, como já foi dito, optimizou o terrorismo islâmico, moldando-o com tecnologia de ponta através da utilização da internet e comunicações por satélite o que o transnacionalizou de forma a expulsar, numa primeira fase, poderemos falar assim, os “infieis” dos lugares santos do Islão, e numa segunda fase restabelecer o Califado mas não sem antes reconfigurar a *Umma*.

O relatório *Patterns of Global Terrorism* de 1995 do Departamento de Estado dos EUA referiu:

(...) os terrorismos transnacionais dispunham de meios de comunicação e de transporte modernos, eram financiados a nível global, tinham conhecimentos sobre armamento e explosivos modernos e eram mais difíceis de descobrir e de capturar (...) (Silva, 2005: 298-299).

Ou seja, Bin Laden deu uma nova anatomia ao terrorismo islâmico com consequências ainda não percebidas pela comunidade internacional. Aliás, a única diferença entre os Estados Unidos no século XXI no Afeganistão e os soviéticos no século XX, é que os soviéticos invadiram o Afeganistão convictos de que ganhariam a guerra ao passo que os americanos invadiram o Afeganistão sabedores de que nunca ganharão o que quer que seja.

Nenhum interesse ocidental estará a salvo dos atentados perpetrados pelos vários grupos radicais, agregados ou não à Al Qaeda. Havendo uma clara incitação à *jihad* global. Manuel da Silva afirmou:

Depois do 11 de Setembro, Bin Laden e al-Zawahiri disseram que os EUA tinham sido atacados por Alá nos seus órgãos vitais, e que a sua guerra continuaria até à libertação dos lugares santos por parte dos Americanos e Judeus, desde a Palestina até ao resto do mundo árabe (Silva, 2005: 302).

E ainda:

Estas operações foram planeadas e executadas por radicais árabes de várias nacionalidades (maioritariamente sauditas), o que demonstrou a existência de uma vasta rede multinacional ligando diversas células de radicais islâmicos espalhados pelo mundo (Silva, 2005: 302).

Uma das raízes do terrorismo islâmico:

(...) os serviços de informações tiveram dificuldade em entrar nas redes clandestinas da Al-Qaeda, e porque se verificou uma aparente inércia da estrutura de segurança dos EUA para se adaptar às novas ameaças do pós-Guerra Fria (...) (Silva, 2005: 302).

Foi o desenvolvimento e consolidação das várias raízes do terrorismo islâmico que permitem aos seus actores produzirem ataques nos Estados Unidos e na Indonésia, movimentar-se com relativa facilidade em várias regiões o que lhes permite atacar interesses israelitas, jordanos, ingleses e americanos a qualquer momento. Ou até mesmo recrutar jovens muçulmanos na Virgínia e na Califórnia.

As raízes do terrorismo islâmico encontram-se espalhadas pela Europa onde existem radicais pertencentes a redes islâmicas transnacionais que no Reino Unido exploram o sistema legal de forma a alcançarem os seus objectivos ao coberto de organizações islâmicas de caridade que financiam actividades ilegais. Chegando-se ao extremo de no seio da Inglaterra se apelar nas mesquitas ao combate contra “infiéis” e judeus. A título de exemplo, o Hizb ut-Tahir (Partido da Libertação), estabelecido em Londres, advoga o restabelecimento do Califado.

Bin Laden afirmou em 2002:

Esta guerra está no princípio. Portanto, se formos mortos ou capturados, ou se os inimigos de Alá conseguirem obter uma vitória...não devemos esquecer que o caminho é longo e que os muçulmanos têm de o percorrer até ao dia do juízo final.<sup>26</sup>

Os movimentos radicais consideram que só a violência possibilitará ao Islão libertar-se dos infiéis e recuperar o Califado.

As raízes do terrorismo islâmico não são regadas apenas a partir do século XXI, são-no desde o século VII. É de notar que, não desconsiderando outras opiniões, ao Islão está associado o factor violência pois desde o seu advento que todo o muçulmano tem a consciência de que todos os outros povos devem viver de acordo com a lei islâmica, nem que seja pela força. Daí o Islão viver num devir constante de luta contra o processo de inferiorização que sempre julgou que o Ocidente cultivou em relação à sua cultura, nomeadamente quando a Europa evolui a partir do Renascimento e o Islão regride, fechando-se sobre si mesmo. E para alimentar ainda mais esse complexo de inferioridade o Islão é colonizado pelo Ocidente e falha a luta contra os nacionalismos o que promove o aparecimento de grupos que interpretam o Alcorão de modo a só dessa forma, radical e fundamentalista, poderem impedir a cultura muçulmana da extinção. A fim de evitar esta catástrofe surgem nas sociedades islâmicas de vários países correntes ideológicas fundamentalistas com personagens como Muhammad Ibn Abd al-Wahhab ou Hassan al-Banna, activistas radicais como Ayatollah Khomeini e Osama Bin Laden, ou seja todo um caldeirão ideológico com repercussões até ao século XXI. Estes nomes materializaram o sentimento de inferioridade islâmica face ao Ocidente em actos de uma profunda violência, quer política, quer bélica. Demonstrando ao Ocidente através do terrorismo que o Califado que outrora enobreceu os muçulmanos há-de ser novamente recuperado. Por isso é que no século XXI se assistem a situações como o desejo do Irão em possuir armas nucleares ou a simbiose entre o terrorismo e o crime organizado ou ainda a procura por parte de grupos radicais islâmicos de armas biológicas, químicas, radiológicas e nucleares, segundo Rohan Gunaratna “Se Deus

---

<sup>26</sup> Burke *cit. in* Silva (2005: 413).

quiser, a nossa próxima vitória será em Hejaz e Najd. Faremos com que a América sofra uma derrota pior do que a que sofreu no Líbano e no Vietname” (Gunaratna, 2002: 346).

## **1.2. (Re) aparecimento do Fundamentalismo Islâmico**

Os estrategas da intervenção americana, aquando da invasão do Afeganistão pela União Soviética, ao apoiarem, em conjunto com o Paquistão, a formação de grupos de resistência afegã como os Taliban, estavam longe de imaginar as consequências desastrosas que esse apoio militar traria, anos mais tarde, para o Ocidente, principalmente para os Estados Unidos, sendo o 11 de Setembro de 2001, entre outros atentados na Europa, a prova irrefutável da má conduta política do Ocidente face ao Oriente.

Dessa calamitosa gestão das políticas traçadas para os Estados Árabes, enquanto países colonizados, em função dos interesses ocidentais petrolíferos em que se alteraram linhas de fronteira, resultou o aparecimento de uma política islâmica agressiva, assente em correntes ideológicas fundamentalistas como Muhammad Ibn al-Wahhab, Hassan al-Banna, Hassan el-Tourabi, ou radicais como Ayatollah Khomeini, Musa al-Sadr e Osama Bin Laden, que neste momento se encontra em posição ofensiva em relação ao Ocidente. Basta observar a controversa questão nuclear do Irão que auferiu uma vitória pois os Estados Unidos não sabem como reagir em relação à antiga Pérsia; a vitória do Hamas na Palestina, apoiado pelo Irão; a publicação dos cartoons sobre Mohamed num Jornal dinamarquês que “incendiou” os muçulmanos na Europa, no Médio Oriente e na Ásia, dando a conhecer a capacidade de mobilização dos mesmos em diferentes partes do globo. Algo a que os serviços de segurança ocidentais deveriam prestar muita atenção.

A política fundamentalista islâmica actua a nível das ruas na Europa como os distúrbios registados em França após a morte de dois jovens muçulmanos numa perseguição policial, na questão da imigração ilegal e do tráfico de estupefacientes. Outro dos palcos de intervenção é o internacional com atentados terroristas como os de Madrid e de

Londres, numa espécie de intifada mundial. Há um “novo” fundamentalismo islâmico que não será incentivado pela Al Qaeda, não significa isto que esta esteja a perder força, bem pelo contrário e a prova é a sua reestruturação, novos palcos de actuação como o virtual e “novas” armas como as nucleares, biológicas, radiológicas e químicas, mas pelo Irão na posse de armas nucleares, com a Al Qaeda associada, entre outros grupos, também a simbiose se estenderá a Estados falhados com ramificações globais. O Hamas, por exemplo, sonha com a reconquista de Espanha e com o alargar do poder islâmico para a Europa.

O crescente poder iraniano viu-se quando lhe foram impostas sanções pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas por causa do seu programa nuclear ao influenciar o espalhamento dos protestos, devido aos cartoons dinamarqueses, por vários países e continentes o que deu a conhecer o poder exercido no seio das comunidades de imigrantes na Europa. Estas comunidades funcionam, já foi dito várias vezes, como um “Exército” avançado de que dispõe o Irão no Ocidente. Mais uma vez se reforça a ideia de que os serviços de segurança ocidentais deveriam ter mais atenção a este facto evidente.

Além da capacidade de ingerência nas comunidades imigrantes no Ocidente, o Irão, com a queda de Saddam, tornou-se a maior potência regional no Médio Oriente, controlando o Hamas na Palestina e o Hezbollah no Líbano. O que faz do Irão o epicentro de uma nova política fundamentalista islâmica apoiada no facto de o Irão produzir petróleo e dentro em breve possuir armas nucleares. Essa política violenta, fermentada num ódio visceral que Ahmadinejad coloca em prática ao negar o Holocausto, é dirigida contra Israel, extinguindo-o, e contra o Ocidente, submetendo-o ao islamismo. O fundamentalismo islâmico promove o extermínio étnico-religioso.

No actual momento internacional o Irão é a potência maior da política islâmica em termos de existência geográfica como Estado, a Al Qaeda não possui uma configuração física politicamente organizada, sendo assente numa leitura messiânica do Islão.

O fundamentalismo islâmico, não atinge só a Europa, também penetrou nas fronteiras dos Estados Unidos sob inúmeros rostos que a internet permite como organizações de caridade financiadas pelo tráfico de narcóticos, como explica Paul Sutherland<sup>27</sup> “ (...) the domestic and international ties of radical Islamic fundamentalism, where they are funded, and how narco-terrorism might play a part in their existence.”

Como argumentou Marc Sageman:

(...) the absence of action against the United States will prompt radicals within the United States who would not have normally committed acts of terrorism, to commit them. The threat will come from within (...) these groups (...) will be centered around the internet (...) (Sageman, 2007: 2-3).

Espaço através do qual adoptarão um código de conduta que funciona da mesma maneira em qualquer parte do mundo. Os atentados de Madrid em 2004 foram orquestrados segundo esta nova metodologia. Um dos exemplos perfeitos de que a globalização chegou a todo o lado.

O fundamentalismo islâmico aspira ao domínio do Estado, com base na religião, numa clara intenção de voltar ao tempo do Profeta de modo reaccionário e progressista, sendo a Revolução Iraniana de 1979 um claro exemplo. Materializando através do revivalismo um ataque frontal ao Ocidente que é visto como um ser inferiorizador do Islão ao longo dos séculos, o que produziu sentimentos adversos que se espalham pelo globo na forma de células radicais prontas a infligir uma carnificina como forma de extinguir as chamas alimentadas com ingredientes inflamáveis desde a década de 50 do século XX. A juntar à ira islâmica há a utilização perigosa que o Ocidente fez de grupos radicais fundamentalistas no combate aos comunistas nos países árabes, entre outros gravíssimos erros cometidos pelas democracias ocidentais. No século XXI (res) surge o fundamentalismo não para combater movimentos de esquerda mas para combater quem outrora os manipulou como os Estados Unidos e a Europa.

O fundamentalismo religioso com origem nas madrassas está a sofrer uma metamorfose desde finais do século XX, dando lugar a um neofundamentalismo desprovido de

---

<sup>27</sup> Paul Sutherland, Radical Islamic Fundamentalism, Paper Assignment #5, Professor Kunich, PRO 600A Advanced Counter Terrorism, in <http://pauldoestheweb.com/terrorism/islamicfundamentalism.pdf>, p. 2.

território, sem faces. Utilizando não o livro para fazer passar a sua mensagem mas a internet na tentativa de alcançar uma *Umma* virtual. E é neste virtual que residirá a força destruidora do Islão face ao Ocidente. Onde pregadores de outrora inflamam as massas ao som do teclar de um computador. Segundo Olivier Roy:

Neofundamentalists by definition reject the idea that there can be different schools of thought and consider themselves the only true Muslims, refusing to be labelled as one specific group among the others (Roy, 2004: 232).

O seu palco de actuação é composto de actores como os Taliban no Afeganistão, ou o Ahl-i Hadith no Paquistão, a Ahl al Sunnah wal Jama`at no Reino Unido e nos Estados Unidos. A ala radical inclui os movimentos Qutbistas, a GIA argelina, e a Al Qaeda. E pregadores como Abu Hamza al-Marsi e Omar Bakri Muhammad em Londres. E é nesse palco que conseguem ultrapassar os islamistas dado que a sua coreografia lhes permite viver no Ocidente, mesmo conservando o seu radicalismo religioso e em países árabes cujo regime não é dos mais favoráveis, tal como a Arábia Saudita.

Os neofundamentalistas advogam que embora os muçulmanos devam viver num Estado Islâmico, não devem fazer pender esse objectivo da violência e sim da reislamização da *Ummah* através da desterritorialização. Mais, o inimigo é o Ocidente que deve ser aplacado pela *dawah* e pela *jihad*. A violência política não deve ser opção por agora muito embora alguns neofundamentalistas admirem mensagem política de revolta e acção legada por Sayyid Qutb.

O neofundamentalismo é um processo de desculturação que vê na globalização uma oportunidade de reestruturar a *Ummah* assente na religião. Não podendo o Islão ser conotado com uma única e específica cultura. Como explica Olivier Roy<sup>28</sup> “Neofundamentalists dream of a *tabula rasa*.” em relação ao Islão, numa tentativa de purificar os “maus” muçulmanos caracterizados por viverem um Islão de uma só cultura quando para os neofundamentalistas o Islão deve ser descontextualizado através de uma *jihad* levada a cabo por uma *Ummah* reestruturada através do Ciberespaço. Isto não é sinónimo de os neofundamentalistas desrespeitarem o Corão e os seus ensinamentos, ou

---

<sup>28</sup> Roy (2004: 259).



colocarem em causa séculos de história islâmica. Até porque os neofundamentalistas insistem na aplicação da *sharia*, da *fiqh*, do *hadith* e o *ibadat*. Ensinaamentos que fazem chegarem à comunidade através da internet e de vídeos, tal como disse Olivier Roy “Because it addresses individuals in search of the self, neofundamentalism has a strong appeal for disfranchised youths (...)” (Roy, 2004: 265).

Na Europa o neofundamentalismo atrai as gerações mais novas que não se encontram integradas nas sociedades dos países de acolhimento dos seus pais e agora deles por nascença.

Embora não pareça, o neofundamentalismo cultiva uma disciplina de grupo baseada em regras padronizadas que fomentam a sua aplicação através da individualização, deculturação e desterritorialização. Onde a religião continua a ter um papel muito importante só que com outra face que se adapta a qualquer sociedade onde a comunidade inclui todos os crentes, tal como explicou Olivier Roy “Neofundamentalism refers to an imaginary *ummah*, beyond ethnicity, race, language and culture, on that is no longer embedded in a specific territory (Roy, 2004: 272). E que “(...) neofundamentalists considerer that true Muslims are living as a minority everywhere, in Muslim or in non-Muslim countries (...)” (Roy, 2004: 273). E ainda “Living in the West is a way to extend the ummah beyond a strict geographical definition (Roy, 2004: 273).

A *Ummah* deixou de estar territorializada, podendo a religião ser difundida pelo Ciberespaço, criando uma *Ummah* imaginária.

O Ciberespaço passou desde fins do século XX a ser não só o espaço da comunidade de crentes como também o local mais provável para a realização de novos 11 de Setembro, uma espécie de *jihad* cibernáutica. Meca e Medina transferidas para o 3D.

O neofundamentalismo apenas altera o conceito de território pois segundo Abdelwahab Medded:

Eis agora o Ocidente: após ter semeado a injustiça, a escravidão e a tirania, está perplexo e esperneia nas suas contradições; basta que uma poderosa mão oriental se estenda, à sombra da bandeira de Deus sobre a qual ondulará o estandarte do Alcorão, um pendão dirigido pela armada da fé, poderosa e sólida, e o mundo sob a bandeira do Islão reencontrará a calma e a paz (al Banna, 1946 *apud* Medded, 2002: 106).

Pois a matriz do antiocidentalismo mantém-se. Assim como continua o sentimento de inferioridade que o Islão pensa que o Ocidente sempre infligiu. E que a teoria de Sayyid Qutb sobre a libertação prometida conjugada com o wahhabismo deu lugar a um integrismo letal que serve de base no século XXI a próximos ataques como o do 11 de Setembro de 2001, engendrados em websites que materializarão os novos palcos onde se prepararão ingredientes novos como as armas nucleares, as armas químicas, as armas biológicas e as armas radiológicas. Estas serão utilizadas por uma rede de Estados falhados com o apoio da Al Qaeda e de um Irão nuclear apoiante de grupos fundamentalistas.

### **1.3. Jihad e terror**

Os Estados Unidos poderão eventualmente chegar a um acordo de princípio no que toca ao conflito iraquiano, mas nunca ganharão a guerra nos moldes que desejariam, e no que diz respeito ao Afeganistão desde o início que sabem que nunca alcançarão uma vitória. Ou seja, terão que firmar acordos diplomáticos, como já o fizeram com o Irão, à porta fechada, a fim de alcançarem alguma estabilidade geopolítica que vá ao encontro dos seus interesses geoestratégicos.

Nessa caixa de pandora que são os conflitos em que se encontram envolvidos os Estados Unidos, melhor, Barack Obama e a sua administração, não poderão esquecer que há uma ameaça global, as sucessivas más decisões americanas, e europeias, contribuíram para a sua fecundação, que é o movimento *Jihadista*<sup>29</sup> interplanetário composto por uma panóplia de movimentos que seguem um azimute ideológico de interpretações duvidosas do Islão. Tal como dito, o movimento *Jihadista* é o resultado

---

<sup>29</sup> O movimento *Jihadista* é uma constelação de grupos informais que representam uma ameaça mais séria do que a Al Qaeda, consideram especialistas internacionais como Hoffman e Gunaratna. (Em linha). (Disponível em <http://noticias.uol.com.br/ultnot/afp/2006/08/12/ult34u161081.jhtm>). (Consultado em 2010-09-14).

de vários erros cometidos, a partir dos anos 60 do século XX, como as mutações geográficas impostas pelas políticas inglesas para as colónias, como a Índia, e as alterações sociais no seio do mundo árabe, tal como argumentou Kepel “A crise das sociedades árabo-muçulmanas coincide com o momento em que a primeira geração que não conheceu a dominação colonial, atingiu a idade adulta (...) (Kepel *cit. in* Pinto, 2004: 485).

O movimento *Jihadista* busca uma reislamização das sociedades onde habita o “inimigo próximo”, caso do Egipto e da Arábia Saudita, e subsequentemente o “inimigo longínquo”, caso dos Estados Unidos e aliados europeus. Fá-lo apoiado numa interpretação muito própria do Corão em que recupera o conceito de *jihad* adaptando-o às suas necessidades e ao objectivo primordial que é a *Ummah*.

Toda esta inspiração ideológica provém de actores tão diversos como Hassan al-Banna (Irmandade Muçulmana) e Abul Ala Maududi (Jama`at al-Islami) que projectaram nos seus programas ideológicos o revivalismo religioso. Mas foi a Revolução iraniana de 1979 que catapultou o uso da *Jihad* como um meio de chegar ao poder, contaminando toda região em torno do Irão, bem como o mundo exterior onde houvesse uma comunidade de muçulmanos a residir. Se os responsáveis políticos contemporâneos se debruçassem mais na compreensão da figura de Khomeini talvez se tivessem evitado actos violentos como o do 11 de Setembro de 2001.

A capacidade global demonstrada pelos movimentos *Jihadistas* de actuarem em qualquer parte do mundo desde os Estados Unidos, passando pela Tailândia, até à Indonésia, permite discernir que têm feito um óptimo uso da internet, possibilita um teatro de operações mais vasto que permite fazer chegar a sua mensagem perigosamente mais além, e restantes meios que os incalculáveis orçamentos obtidos através de instituições de caridade de fachada e subtis esquemas bancários.

O mundo ocidental não pode esquecer que na Europa residem entre 15 a 20 milhões de muçulmanos e que nos Estados Unidos vivem 6 milhões. Estes números poderão indiciar que a latitude de recrutamento das organizações *Jihadistas* é muito abrangente.

Aliás o último atentado falhado nos Estados Unidos no dia 01 de Maio vem provar a fertilidade que existe na área do recrutamento. E mais, o autor deste atentado é cidadão americano, embora nascido no Paquistão, devidamente enquadrado na sociedade do país de acolhimento mas também poderia ser um reconvertido o que dificulta a actuação dos serviços de segurança.

Há uma espécie de cultura *Jihadista* resultante do facto de vivermos num mundo global, podendo esse facto ser observado no espaço Europa quanto à polissémica questão dos cartoons dinamarqueses e a morte do realizador Theo van Gogh na Holanda em 2004. O que demonstra que o epicentro da actividade islamita se transferiu para o velho continente, tal como argumentou Maria do Céu Pinto:

(...) a onda islamita actual definiu como prioridade a luta contra os Estados Unidos, Israel e a própria Europa. O movimento da Jihad Global deve-se também aos crescentes laços transnacionais que ligam as diferentes partes do mundo muçulmano e estas à Europa (...) (Céu Pinto, 2004: 493).

Ainda:

Abu Qatada (...) detido pelas autoridades inglesas em Outubro de 2002, na sua fatwa, “A percepção legal islâmica do 11 de Setembro”, justifica aqueles ataques como parte de uma guerra religiosa entre Muçulmanos e o Ocidente (...) (Céu Pinto, 2004: 493-494). Numa “ (...) concepção do mundo como uma guerra cósmica entre o bem e o mal (Burke, 2004: 191).

O complexo de inferioridade, já algures referido, que os muçulmanos nutrem face ao Ocidente, o pensamento latente no colectivo sociológico de que a comunidade internacional tudo fará para os controlar, condu-los a uma solidariedade entre grupos cuja hermenêutica dos textos sagrados é comum em termos de operacionalidade de actos violentos. Embora haja algumas interpretações em contrário, a *Jihad* é um estado de guerra declarado ao Ocidente cuja materialização tem sido os vários atentados nas capitais europeias e nos Estados Unidos. Mas o Ocidente tem a sua quota-parte de culpa quando “Os fundamentalistas radicais acreditam que o Ocidente está apostado em minar a credibilidade do Islão como sistema civilizacional e de governo (Abdelnasser, 1994: 146-172 *apud* Céu Pinto, 2004: 494).

Dada a parcialidade das sucessivas administrações americanas quanto à questão palestina, o facto de apoiarem claramente Israel nas suas políticas agressivas nos territórios ocupados, o terem noticiado a forma como Saddam foi morto, o que se passou em Abu Ghraib e os erros militares que têm morto muitos inocentes nos bombardeamentos mal calculados, quer no Iraque, quer no Afeganistão, e ainda a carnificina praticada pelos mercenários da *Blackwater* (Empresa de mercenários com sede em Moyock na Carolina do Norte, Estados Unidos) que tanta polémica tem gerado internacionalmente. Estas e outras más práticas políticas têm contribuído para a fogueira em que arde o pensamento radical islamita.

A Al Qaeda faz uma utilização das comunidades muçulmanas na Europa, nomeadamente Norte-Africanos e Argelinos:

(...) ben Laden começou a coordenar e a ligar as células já existentes tornando o fenómeno muito mais radicalizado e potente (Crumley, 2001 *apud* Céu Pinto, 2004: 496).

Através da estruturação de complexas redes activistas que fogem à compreensão dos serviços de segurança ocidentais que o máximo que têm conseguido penetrar é através da interpretação empírica

A forma como os fundamentalistas activistas da *Jihad* organizam o seu pensamento é em tudo análoga ao movimento salafita quanto à procura do Islão originário. É aqui que o movimento *Jihadista* ganhou maior consistência pois o Salafismo associou-se ao Wahabismo saudita na guerra santa contra os inimigos do Islão.

Além da estratégia aplicada às comunidades de imigrantes a Al Qaeda fez também um uso sábio das políticas europeias de asilo político o que permitiu introduzir em vários países numerosos radicais e terroristas, Londres é um exemplo, de forma insuspeita e que mais tarde formaram as células que hoje se encontram espalhadas por todo o Velho Continente. As políticas permissivas deram azo a que os extremistas cultivassem:

(...) as raízes do ódio, vociferam ameaças contra a Europa e arquitetam ataques contra alvos no Velho Continente (Céu Pinto, 2004: 497).

Transformando-a:

Na sequência do 11 de Setembro (...) o papel que importantes metrópoles europeias, como Londres, desempenham enquanto centro de operações dos extremistas. Em França, nos meios dos serviços de segurança, Londres era há muito ironicamente apelidada de “Londistão” devido à sua fama de santuário de terroristas árabes (de Estados como o Paquistão, Afeganistão, e em geral, do mundo muçulmano) (Thomas, 2001 *apud* Céu Pinto, 2004: 497-498).

Segundo Kepel:

Juntaram-se em Londres onde muitos obtiveram asilo político e onde puderam organizar as suas actividades. Provavelmente a condição que lhes foi imposta, mas isto nunca ficou claro...foi que não poderiam desenvolver actividades contra os interesses ingleses em solo inglês.<sup>30</sup>

Tal como o Paquistão, e o Afeganistão, a Inglaterra, nomeadamente a sua capital, Londres, funcionou, antes do 11 de Setembro, como campo de treinos doutrinais dos jihadistas treinados pela Al Qaeda o que significa que apenas foram destruídas, pelo menos assim parece, as bases localizadas no Afeganistão e que tanta preocupação deram à comunidade internacional quando no coração europeu também havia espaços “legitimados” para preparar *mujahideens* para implodir o Velho Continente. Como exemplos de “formandos” poderão ser mencionados Zacarias Mousaoui e Djamel Beghal, “Na última década, as organizações islâmicas extremistas cresceram dramaticamente no seio das comunidades imigrantes inglesas. Movimentos extremistas, tais como “Al-Muhajiroun” e os “Apoiantes da Sharia”, usaram a Internet para alistar voluntários para o combate nas jihads de Kashmir, Chechénia e do Afeganistão. Os descobridores de talento da al-Qaeda, homens de confiança com experiência no campo

---

<sup>30</sup> “The Recruiters”, transcrição de um programa CBCNews conduzido por Mckenna (em <http://www.cbc.ca/national/news/recruiters/qatada.html>), *cit. in* Maria do Céu Pinto. (2004). A Jihad Global e o contexto europeu, em *Terrorismo*, Adriano Moreira, coordenador, 2.<sup>a</sup> Edição, Almedina, p. 498.

de batalha, passaram a pente fino as mesquitas onde a mensagem do Islão radical impera.”<sup>31</sup>

As células extremistas estruturaram a sua composição, como qualquer Multinacional, com corredores operacionais laborados pela Al Qaeda que as uniu em torno do objectivo que é submeter o Ocidente ao Islão. Dentro destas poderão ser exemplificadas, “ (...) movimento argelino, “Groupe Salafiste per la Prédication et le Combat” (GSPC) e do grupo egípcio, “Takfir wal-Hijra” (“Excomunhão e Hégira”).”<sup>32</sup>

Os grupos extremistas têm beneficiado não só das novas tecnologias como também da falta de cultura da parte dos Estados Unidos que possuem somas abismais para combater o terrorismo mas não são dos povos com melhor noção da realidade envolvente ao longo da História; os europeus possuem um vasto saber sobre o Islão mas falta vontade política como o provou a crise dos Balcãs e recentemente a crise financeira no que tange à Grécia. A lentidão em reagir, porque no fundo a União Europeia é constituída por países que ainda não cortaram o cordão umbilical que os liga à sua História carregada de individualismo. O número 2 da Al Qaeda, o egípcio al Zawahri, conhece a realidade socio-histórica dos Estados Unidos e da Europa o que lhe permite discernir com alguma certeza o pensamento contemporâneo das populações de cada um dos continentes.

Os movimentos radicais possuem as suas redes espalhadas pela França, Grã-Bretanha e Alemanha, actuando através de células bem integradas nas sociedades europeias. No caso português, o território nacional tem funcionado aparentemente como retiro de passagem de membros de grupos extremistas que utilizam a permissividade das autoridades portuguesas, baixa fiscalização, e a prová-lo está o facto de células da ETA fazerem de Portugal base logística e os serviços de segurança portugueses nada saberem.

Os movimentos *jihadistas* possuem investimentos nos mercados financeiros mundiais assentes em complexas redes de lavagem de dinheiro proveniente do tráfico de droga,

---

<sup>31</sup> *Ibidem* (2004: 498).

<sup>32</sup> Pinto (2004: 499).

entre outros ilícitos, e dos xeques do petróleo saudita e do Qatar (país do Golfo Pérsico), “ (...) uma boa parte do dinheiro dos talibãs vinha do negócio da droga (...) o armazenamento de ópio funciona como uma espécie de sector bancário informal.”,<sup>33</sup> o que resvala para a aparente conexão entre os movimentos radicais e o crime organizado internacional. Basta observar que estes movimentos extremistas necessitam de armas e de explosivos e ninguém melhor, por exemplo, do que as máfias russas para abastecê-los.

Os radicais islamistas objectivam através da Jihad implantar uma ordem política islâmica (Califado) através da luta violenta, “several movements emphasizing volent resistance in the name of Islam-namely the Afghan mujahideen, Hamas in Palestine, and Hizbullah in Lebanon.”.<sup>34</sup> A luta violenta levada a cabo pelos movimentos *Jihadistas* nasceu na geopolítica da Guerra-Fria, passou a sua infância e adolescência no Afeganistão Soviético e atingiu a idade adulta nos finais do século XX onde a Al Qaeda soube otimizar as mais-valias deste *Curriculum Vitae* extremista:

(...) the battlefield of Afghanistan was the religious and social incubator for global radical Islam in that it established contacts among a wide variety of radicals from Muslim antigovernmental and resistance movements and fused them together (Cook, 2005: 128 *apud* Mandaville, 2007: 242).

A fim de tão maquiavélica experiência alcançar:

Islam wishes to destroy all states and governments anywhere on the face of the earth which are opposed to the ideology and programme of Islam regardless of the country or the Nation which rules it. The purpose of Islam is to set up a state on the basis of its own ideology and programme, regardless of which nation assumes the role of the standard-bearer of Islam or the rule of which nation is undermined in the process of the establishment of an ideological Islamic State. Islam requires the earth-not just a portion, but the whole planet (...).<sup>35</sup>

## 2. O crescente poder do sector religioso no apoio à expansão do islamismo

---

<sup>33</sup> Burke (2004: 202).

<sup>34</sup> Mandaville (2007: 239).

<sup>35</sup> Abul A'la Maududi (2006: 6) *Jihad in Islam*, produced by The Holy Koran Publishing House, International Islamic Federation of Student Organizations, Salimiah-Kuwait, (em [www.muhammadanism.org](http://www.muhammadanism.org).)



É notório que a religião detém um poder inigualável em todos dos sectores da sociedade islâmica desde o político ao militar, advindo este controlo da forte doutrinação exercida através das madrassas e da pregação nas mesquitas. E o exemplo mais emblemático do poder religioso é o Irão que através da forte doutrinação desencadeou a Revolução iraniana de 1979 com consequências que ainda no século XXI se fazem sentir, e cada vez mais com a questão nuclear apoiada pelo sector religioso. Aliás as ondas de tumultos desde as últimas eleições têm sido estancadas pelos *Ulema* através dos seus discursos proferidos nas grandes assembleias religiosas. Na área militar tem sido o sector religioso que tem incentivado o desenvolvimento nuclear como forma de expansão do xiismo por inerência da potência regional que já é e com influência na comunidade internacional futuramente.

Foi com o apoio do sector religioso que os xiitas radicais liderados por Khomeini proferiram discursos hostis contra os Estados Unidos em 1964 que vieram a culminar na já falada Revolução iraniana de 1979. Tendo a política iraniana assumido internacionalmente um carácter anti-ocidental à semelhança do que se passa hoje.

O sector religioso acusa o Ocidente de constantemente tentar influenciar a política iraniana o que tem causado fracturas na sociedade civil que por outro lado incentiva a aquisição célere de armas nucleares como forma de resfrear os intentos de ingerência ocidental no Islão. Sendo desta forma que o xiismo se radicalizou como ameaça terrorista internacional a partir do berço que foi a crise dos reféns em Novembro de 1979. Isto enuncia uma clara estratégia revolucionária de exportar a religião xiita através da violência *jihadista* como forma de impor uma nova ordem islâmica internacional cuja aquisição de armas nucleares serve de plataforma de lançamento com vista a almejar a *Umma*.

Como o sector religioso advoga, seja no Irão seja noutra país muçulmano, que nenhum movimento islâmico deva resumir-se a um país deve através da Hégira preparar as forças radicais a fim de destruírem o inimigo.

O trabalho de Mahmoud Ahmadinejad não é se não dar continuidade à expansão do radicalismo xiita a nível internacional através do terrorismo, acrescido do factor nuclear, e a prova disso é o apoio dado ao Hamas e ao Hezbollah como uma das possíveis formas de através da guerra santa desimpedir o caminho até Deus, eliminando Israel do mapa, promovendo a sua lei pelo mundo. E para melhor perceber isso basta prestar atenção ao que disse Khomeini “A mais pura alegria do Islão é matar ou morrer por Ala.”<sup>36</sup>. Daí o sector religioso ter promovido a figura do bombista-suicida a mártir pela causa islâmica.

A Revolução iraniana foi o exemplo inspirador da expansão do radicalismo islâmico da perspectiva regional para a transnacional, a Al Qaeda apenas optimizou o que já existia, quando radicais palestinianos, a partir de 1968, começaram a atacar interesses externos israelitas como o desvio de um avião da *El Al*. Radicais xiitas do Hezbollah “ (...) acredita que um dia toda a humanidade viverá unida sob a bandeira do Islão (...) apressado através da *jihad* (...) o Alcorão ensina os fiéis a matarem todos aqueles que os hostilizam.”<sup>37</sup>

A base da transnacionalização dos movimentos radicais é o forte apoio do sector religioso através da fortíssima doutrinação nas Madrassas e a pregação nas mesquitas espalhadas pelo mundo ocidental como o flagrante caso da capital londrina. Essa doutrinação transformou a violência motivada pela religião num problema através de complexas redes do activismo islamista que desafiam actualmente o equilíbrio de qualquer Estado, assumindo a religião o papel da personagem principal no século XXI.

A expansão do islamismo extremista, assente na componente religiosa, assumiu uma acção metastisada, por meio de células alteradas geneticamente, cujo resultado são as aberrações como resultado da decomposição das interpretações dos textos sagrados. Esse processo de metástase mutabilizou a religião em fundamentalismos, extremismos, radicalismos e jihadismos que a maior organização terrorista de todos os tempos, Al Qaeda, tem sabido geopoliticamente utilizar na tentativa de destruição do Ocidente e sua subsequente islamização:

---

<sup>36</sup> Silva (2005: 256).

<sup>37</sup> Silva (2005: 259-260).

(...) transmissions of global jihadi revolutionaries such as Usama Bin Laden, we are also told that each week in mosques around the world-many of them funded by Saudi Wahhabis-fiery orators preach hatred against non-Muslims, the United States, and the West (...) (Mandaville, 2007: 302).

Sendo notório o revivalismo religioso com características extremistas e violentas materializadas no “auto-sacrifício suicidário.”<sup>38</sup>, em que se busca um regresso às origens por meio de um ritual de purificação do mundo.

O revivalismo religioso deu azo à expansão de um islamismo tumoral maligno cujos actores se sentem divinalmente investidos para travar uma batalha entre o bem e o mal e cujo objectivo último é “ (...) of Islamist movements active today who consider the re-establishment of the caliphate to be a primary goal.”<sup>39</sup>

Isto demonstra que a forte doutrinação religiosa tem inspirado a *Jihad* global rentabilizada pela Al Qaeda na guerra contra os “infiéis”, desbravando o caminho de Deus até ao Califado e à *Umma*.

A doutrinação encontra-se revestida de correntes ideológicas como o Salafismo e o Wahabismo saudita fundado por Ibn Abd ad Wahab. Este assenta na defesa de um Islão estrito e puritano. Outra corrente é o Hanbalismo que se traduz na recusa da intromissão da razão humana na interpretação das fontes primárias do Islão, o Corão e a Sunna. Ainda outra é a Irmandade Muçulmana com Sayyid Qutb que defende a luta contra todas as forças que impediram a submissão a Ala e que o restabelecimento da lei de Deus só pode alcançar-se por meio da *jihad* e por isso o terrorismo é legítimo.

A este objectivo responderam a *al Jihad al Islami* (Ayman al-Zawahiri), Al Qaeda (Osama Bin Laden), *al Gamma` t al Islamiya* (Omar Abd al Rahman), o Grupo Salafista de Prédica e Combate (GSPC), o marroquino *Salafyia Jihadiya*, o Jamaah Islamiya, o Hezbollah e o Hamas.

---

<sup>38</sup> Anes (2006: 88).

<sup>39</sup> Mandaville (2007: 308).

A violência dos actos não é mais do que a forma encontrada pelo terrorismo islâmico para aplacar a ameaça cultural e religiosa que o Ocidente representa. Segundo José Manuel Anes:

Ora, nos países muçulmanos, a sua religião e as formas fundamentalistas e radicais contemporâneas fornecem uma «efervescente» vivência identitária que lhes dá, às massas e aos militantes, um intenso sentido à vida e ao mesmo tempo lhes dá uma grelha absoluta de leitura e de interpretação do mundo. Ora, essa vivência identitária de afirmação e de defesa de valores faz com que eles se sintam parte de uma vasta «nação islâmica» e leva-os a sentirem-se solidários com todos os que sofrem injustiças nesse enorme universo cultural e religioso. E daí a «Jihad», em geral, e o martírio do terrorismo suicida, em particular (Anes, 2006: 105).

Sendo esse martírio a forma encontrada para tornar “legítima” a missão religiosa:

O encontro com Deus é melhor e mais importante que esta vida. Juro por Deus que algures se encontra o Paraíso maior do que os Céus e a Terra...Esta vida dos nossos dias não é mais do que um divertimento, uma distração e a procura de dinheiro...Uma operação Jihad (guerra santa) conduzida por um Mujahid (combatente), de coração repleto de fé e amor...assusta os arrogantes.<sup>40</sup>

Ou seja “Os muçulmanos radicais criticam os ocidentais dizendo que estes, contrariamente aos «jihadistas», têm medo de morrer.”<sup>41</sup>

A formação do Islão parece ser um percurso em “estado de guerra” o que deixa subjacente a propensão para o fundamentalismo ocorrer com uma certa facilidade.

Os *Ulema* (teólogo ou sábio versado em leis e religião, sendo conhecidos como “árbitros” da Sharia) tal como os restantes actores fazem uso do poder inerente às novas tecnologias de comunicação, nomeadamente a Internet e os *Mass Media* como a televisão, para fazerem chegar às comunidades muçulmanas espalhadas pelo mundo os seus ensinamentos. E um dos exemplos mais conhecido é o canal de televisão *Al-Jazeera* através do qual a Al Qaeda tem feito chegar as suas mensagens ao Ocidente em particular aos seus “exércitos”. Permitindo dessa forma aos *Ulema* fazer chegar aos:

---

<sup>40</sup> Comunicado de 11/11/2001, distribuído em Gaza, e assinado pelo mártir, o jovem Hicham Ismail, da «Jihad» Islâmica, citado por José Manuel Anes. (2006: 107). *As Teias do Terror, Novas Ameaças Globais*. O Terrorismo Religioso Contemporâneo: Uma Breve Introdução. Ésquilo.

<sup>41</sup> *Ibidem* (2001: 108).

(...) Muslims living in the West have often sought out ways to find islamically “authentic” solutions to the uniquely modern issues and problems they sometimes face in the West (Mandaville, 2007: 315).

Há autores como Olivier Roy “(...) have spoken about the rise of what he calls “new Islamist intellectuals.”<sup>42</sup> que segundo Peter Mandaville:

These are individuals that are often highly educated, but not trained as religious scholars in the traditional sense. Indeed, they may often be specialists in fields such as science and engineering and capable of formulating a religious discourse that appeals far more effectively than others who share their background than the traditional approach of classically trained ulama (Mandaville, 2007: 317).

Que possibilitam novas interpretações dos textos sagrados na expansão do islamismo como por exemplo Hassan al-Banna, Sayyid Qutb da Irmandade Muçulmana, Ali Shariati, ideólogo da revolução islâmica iraniana, Bin Laden como referência do radicalismo das interpretações do novo intelectualismo islâmico. E ainda, mais recentes, Abdolkarin Soroush no Irão, Fátima Mernissi em Marrocos, Muhammad Shahrur na Síria e Amina Wadud or Ebraim Moosa nos Estados Unidos que têm inovado as interpretações do Islão com o Ocidente.

Estas novas formas de expansionismo do Islão incentivam as gerações mais jovens a participar na vida activa das sociedades de acolhimento como forma de dar a conhecer a cultura islâmica aos ocidentais e até de ganhar convertidos ao islamismo tal como argumentou Tariq Ramadam “ (...) encouraging young Muslims in the West to participate in the mainstream life of their host societies rather than to “ghettorize” themselves (...) ” (Mandaville, 2007: 319).

Mesmo havendo novas correntes interpretativas do Islão as comunidades de muçulmanos no Ocidente estão especialmente preocupadas em ver o Islão do mesmo ponto de vista das autoridades religiosas, não se desviando muito dos seus princípios basilares:

---

<sup>42</sup> Roy *cit. in* Mandaville (2007: 315).

(...) in the case of Muslim communities in Britain, for example, we saw a propensity within the first generation to try as much as possible to reproduce religious practices from the homeland within these new settings. In terms of religious authority, this was manifested in a tendency to stay within and some cases to even intensify sectarian boundaries, and to “import” imams from their countries of origin in order to provide religious services (Mandaville, 2007: 320).

Independentemente da interpretação que se possa fazer dos textos sagrados, mais radical ou menos extremista, é notório que o sector religioso adaptou-se às novas tecnologias de forma a manter a sua autoridade ancestral, apesar dos “novos religiosos”, na expansão do islamismo quer na forma de uma *Umma* mais física ou de uma *Umma* mais virtual “ (...) on the Internet as a space of radical Islamist networking or satellite television as a conduit for Islamic terrorism.”,<sup>43</sup> e basta observar exemplos como o de Jamal al-Din al-Afghani que faz uso do poder dos *Mass Media* para fazer chegar o jornal *Al-Urwat al-Wuthqa* a uma audiência muçulmana transnacional, ou as cassetes utilizadas por Khomeini para divulgar os sermões de preparação da Revolução iraniana de 1979, dentro em breve teremos outra Revolução iraniana com a aquisição de armas nucleares. Ou ainda a estação de televisão *Al-Manar* do Hezbollah. A acrescentar a utilização de sites na Internet por figuras religiosas como o Sheikh Yusuf al-Qaradawi, ([www.qaradawi.net/site/](http://www.qaradawi.net/site/)), ou o Ayatollah Ali Montazeri ([www.amontazeri.com](http://www.amontazeri.com)), Muhammad Hussein Fadlallah guia espiritual do Hezbollah ([www.bayynat.org.ib](http://www.bayynat.org.ib)) e o Ayatollah Ali Sistani no Iraque ([www.sistani.org](http://www.sistani.org)). O que leva a dizer que:

The secret of his success [is] that he positions[s] himself outside the rivalry between political and official Islam, by offering a religious product compatible with the modern expectations of the urban middle classes: a worldly religion that talks about inner peace and spiritual well-being, and rejects religious observance in which rite is an end in itself. It refuses to see Allah as a God of retribution (P. Haenni, 2003 *apud* Mandaville, 2007: 329).

### **III. Organizações Radicais, Terrorismo e Narcotráfico**

---

<sup>43</sup> D. Eickelman, J. Anderson (eds), (2005) op. cit.; P. Mandaville, op. cit.; S. Glasser, S. Coll, “The Web as a Weapon”, *The Washington Post*, August 9 2005, A01, citado por Peter Mandaville. (2007: 322). *Global Political Islam. Who speaks for Islam? Religious authority in the global umma, The role of new media and popular Islam: a virtual ummah?* Routledge, London and New York.

## 1. Organizações radicais islâmicas

Após o fim da Guerra-Fria (1947-1991) e retirada das tropas soviéticas do Afeganistão (1979-1989) e a queda do Muro de Berlim (1989) a comunidade internacional entrou numa nova (des) ordem mundial em que novos actores trouxeram ao teatro de operações que é a diplomacia mundial um conjunto de formas assimétricas de actuar que deixaram os países ocidentais atónitos e sem capacidade de resposta adequada às novas realidades como é o caso da maior organização islâmica radical de todos os tempos que é a Al Qaeda. Etimologicamente a palavra deriva do radical árabe *qaf-ayn-dal* (que poderá significar “a base”).

É a mais inovadora organização terrorista que surpreendeu todos os serviços de segurança ocidentais. Mais, a Al Qaeda aparentemente poder-se-á aliar ao Irão, segundo Gunaratna “ (...) o Irão recebeu quase 10% das chamadas de origem, confirmando a ligação do Hezbollah do Irão à Al-Qaeda (...) ” (Hosenball e Klaidman, 2002: 6 *apud* Gunaratna, 2002: 83).

O Irão na posse de armas nucleares dará azo à segunda Revolução iraniana com uma única diferença da primeira, é que aquela será apimentada pelas armas nucleares, bacteriológicas, radiológicas e químicas, o que resvalará para um segundo 11 de Setembro:

Estou a avisá-los, e Deus é minha testemunha que, consoante os Estados Unidos da América aumentem ou diminuam este conflito, nós pagar-lhe-emos na mesma moeda, se for essa a vontade de Deus. Deus é minha testemunha, a juventude do Islão está a preparar acontecimentos que irão encher os vossos corações de lágrimas. Eles visarão os sectores-chave da vossa economia até que parem com a vossa injustiça e a agressão ou até que o mais pequeno ser vivo dos Estados Unidos morra.<sup>44</sup>

O Ocidente não conseguirá neutralizar a Al Qaeda. E uma das várias provas é que a Europa continua a ser um centro de recrutamento e de apoio ao terrorismo apesar dos vários atentados ocorridos:

---

<sup>44</sup> Transmissão áudio de Osama bin Laden, com a duração de dois minutos, para chamar a atenção para o primeiro aniversário da intervenção dos Estados Unidos no Afeganistão, Al Jazeera, estação árabe de transmissão de televisão por satélite, Qatar, 6 de Outubro de 2002, citada por Rohan Gunaratna (2004: 29) No Interior da Al-Qaeda, Rede Global do Terror, Trad. de Helena Falé Chora, Relógio D`Água.

(...) as células de apoio se encontravam integradas no tecido político, cultural e socioeconómico da comunidade muçulmana migrante e da diáspora, os serviços secretos, de aplicação da lei e de segurança europeus restringiam as suas funções às células operacionais (...) (Gunaratna, 2004: 17).

Os serviços de segurança ocidentais ainda não perceberam, já lá vão nove anos desde o 11 de Setembro, que a Al Qaeda se metamorfoseou, mesmo sem ter sido conhecida a primeira face, num abstracto incorpóreo:

(...) terroristas com planos para atacar podiam sobreviver ao longo de vários anos sem serem detectados, mas ainda assim não foi feita uma avaliação adequada da ameaça nem qualquer esforço significativo para melhorar a qualidade das informações dos serviços secretos, por exemplo através da infiltração de agentes nos segmentos radicalizados e politizados das comunidades migrantes e da diáspora na Europa. Mesmo o facto de três dos quatro pilotos suicidas do 11 de Setembro terem sido recrutados no coração da Europa não foi suficiente para gerar a necessidade de reacção urgente (...) (Gunaratna, 2004: 17-18)

Os serviços continuam padronizados de acordo com as metodologias herdadas da Guerra-Fria, não demonstrando capacidade de estarem à altura do desafio que é a Al Qaeda não existir a não ser como um «estado de espírito». Após o 11 de Setembro a Al Qaeda entrou num processo de adaptação a uma nova realidade de medidas que objectivavam a sua destruição, passando a actuar por meio de “ (...) grupos associados. Apesar desta deslocação da ameaça os serviços secretos e de segurança europeus continuaram a concentrar-se apenas na Al-Qaeda (...)” (Gunaratna, 2004: 18).

Os líderes da Al Qaeda sabem explorar as vicissitudes das várias e contraditórias legislações nacionais de cada Estado membro da União Europeia no que tange à questão dos imigrantes onde as políticas liberais ocidentais são muito permissivas. E tão liberais eram, e ainda são, que muitas vezes países árabes avisaram os governos europeus da perigosidade de certos indivíduos a quem foi concedido asilo político, como por exemplo, pregadores radicais que apelavam à revolta das comunidades muçulmanas em Londres:

(...) era impossível saber o que estava a acontecer nos grupos radicais imiscuídos nas comunidades migrantes e da diáspora. Os países europeus opunham-se radicalmente às prisões preventivas (...) a



adaptação da rede terrorista ao território europeu e a relutância dos europeus em mudar o seu modo de vida por forma a lidar com os grupos terroristas contribuíram para um progressivo aumento da ameaça de um ataque terrorista, bem como para uma maior vulnerabilidade da Europa (Gunaratna, 2004: 18).

A factura de tanta inércia foi os atentados de Madrid e de Londres.

A estratégia da Al Qaeda até ao 11 de Setembro passou por incentivar a luta contra os governos apóstatas, por exemplo Arábia Saudita e Paquistão, e contra os infiéis. Depois do 11 de Setembro houve uma metamorfose na estratégia que passa pelos grupos associados como “ (...) Al Zarkawi, Al Ansar Al Islami, Al Ansar Mujahidin, Jemmah Islamiyah, Salafi Jehadiya, o Grupo Salafista para a Predicação e o Combate e o Grupo Abu Sayyaf (...) ” (Gunaratna, 2004: 19).

Mas os países ocidentais não entenderam que a Al Qaeda deixou de ser um grupo e passou a ser um movimento “O aumento dramático da ameaça terrorista deriva do facto de a Al Qaeda ter deixado de ser um grupo para passar a ser um movimento.”<sup>45</sup>, havendo indícios de que “ (...) a ameaça terrorista está ainda a deslocar-se de pequenos grupos para indivíduos motivados e autónomos.”<sup>46</sup> o que significa que a Al Qaeda está em permanente mutabilidade. E tanto assim é, que a Al Qaeda deslocou-se para áreas onde impera a ausência de lei como a Ásia e o Médio Oriente onde colaboram com vários grupos islamitas como no caso do atentado ao petroleiro francês *Limburg* em 2002 em colaboração com o Exército Islâmico de Abyan (Iémen) ou no Paquistão com a Jaish-e-Mohammed (Exército de Maomé).

O Sudeste Asiático é o novo epicentro do teatro de operações da Al Qaeda onde se infiltrou nas organizações islâmicas locais mas com redes que se estendem da Tailândia até à Austrália. A Al Qaeda tenta criar um Estado islâmico (Califado) que abarque a Tailândia, a Malásia, Singapura, o Brunei, a Indonésia, o Camboja e Mindanau.

A Al Qaeda bebe os seus fundos de apoio financeiro em organizações de fachada criadas no Ocidente como as de caridade, através de redes bancárias secretas como o

---

<sup>45</sup> Gunaratna (2004: 20).

<sup>46</sup> *Ibidem* (2004: 26).

*Hawala* (rede informal de transferência bancária) e por meio da Internet. Além de que há fortes suspeitas de a Al Qaeda, ou os grupos associados, estabelecer ligações ao mundo do crime organizado sobretudo na área do tráfico de estupefacientes e na aquisição de armamento “ Os serviços secretos suspeitam que a Al Qaeda possa ter adquirido os mísseis em grupos de crime organizado (...) ” (Gunaratna, 2004: 51).

E estas simbioses conduzem a outras que mesmo que não envolvam o núcleo duro da Al Qaeda, pelo menos directamente, circundam os grupos associados e indivíduos autónomos. Mesmo havendo um profundo empenho por parte dos países ocidentais em combater a Al Qaeda, a ideologia desta persistirá no futuro próximo sob várias outras faces.

Todo este extremismo observável nas acções tanto da Al Qaeda como de vários outros grupos advém de fundamentalistas como Muhammad Ibn Abd Al-Wahhab (1703-1792), fundador do movimento wahhabia. Este deu lugar ao wahhabismo que é a religião do Estado na Arábia Saudita de Osama Bin Laden. O wahhabismo é a forma puritana do Islão sunita que rejeita qualquer inovação, havendo apenas uma interpretação do Corão e do *Hadith* (corpo de leis). Rege-se pelo princípio basilar da busca da purificação do Islão, não admitindo qualquer desvio aos ensinamentos do Profeta Maomé. Prega o retorno aos fundamentos do Islão e o desprezo por qualquer interpretação humana das escrituras sagradas.

Al-Wahhab prega o retorno à doutrina do Islão puro e converte Muhammad Ibn Saud (fundador da actual Arábia Saudita). Juntos decidem levar a guerra santa a todas as outras formas do Islão.

O Wahhabismo defende a Jihad contra os infiéis baseada no forte sentimento de necessidade de Islamização das sociedades muçulmanas infectadas por “bactérias ocidentais”. Nessa Jihad lançada contra os apóstatas beneficiou dos vastíssimos fundos provenientes do petróleo que permitiram expandir o Wahhabismo através de variadíssimas publicações e da construção de mesquitas pelo mundo fora, espalhando a doutrina religiosa wahhabita de modo a ficar uma só na mente dos muçulmanos.

Osama Bin Laden foi muito influenciado pelos ensinamentos radicais de Qutb e do Wahhabismo, adoptando uma postura idêntica à do radicalismo religioso que prega. E ao incitar a guerra santa contra o Ocidente, donde transparece um ódio contra tudo o que não seja Islão, colocou em prática os ensinamentos radicais dos seus antecessores:

O Wahhabismo trata-se de um fundamentalismo que prega a rejeição de todas as inovações, nomeadamente as confrarias e o culto dos santos. O termo wahhabita alargou-se, na África Ocidental, às correntes militantes anti-ocidentais e anti-confrarias (Mantran, 1990: 264 apud Costa, 2001: 22).

A par do Wahhabismo caminha o Salafismo. Este é caracterizado pela prática de um Islão autêntico onde os muçulmanos devem purificar a sua religião de tudo quanto seja censurável, devem desintoxicá-la. E para isso devem utilizar o Corão, a *Sunna* e o exemplo dos *Salaf* (seguidor de um movimento islâmico sunita que defende o retorno aos exemplos de vida da sociedade de Maomé). Muitos islamistas radicais são descritos actualmente como salafistas ou influenciados pelos ensinamentos salafis. Rejeição do sectarismo e da jurisprudência plural; não admitem diferentes grupos de muçulmanos ou várias interpretações da religião; só existe um Islão; não aceitam que haja várias escolas de jurisprudência; possuem como representantes Jamal al-Din al-Afghani, Muhammad Abdu, Muhammad Iqbal e Muhammad Rashid Rida.

Peter Mandaville argumenta que há um:

Salafi quietists – emphasize the importance to proper thought, practice, and shari`ah, but reject the idea of actively pursuing an Islamic political order as a distinct religious duty (...) Salafi Islamists – believe in the active pursuit of an Islamic political order defined in terms of the salafi method. Violence may be a necessary part of this (...), Salafi jihadis – combine the political imperatives of the Salafi Islamists with a conviction that contemporary circumstances make violent struggle an individual duty incumbent upon all Muslims (...) implement the shari`ah by whatever means possible (...) (Mandaville, 2007: 248-249).

Esta última forma é a que se instala na Europa a partir da década de 80 e a prova está na descoberta pelos serviços de segurança europeus de várias estruturas salafitas *jihadistas* espalhadas por várias cidades. Os principais ideólogos europeus são Abu Mus´ab al-Suri, Abu Qatada al-Filastini, Abu Hamza al-Masri e Omar Bakri Muhammed, que têm

contribuído para a estruturação de redes operacionais que espalham a causa jihadista, reunindo inclusivamente apoios para as causas da Bósnia, Chechénia e Caxemira. Além da formação de células *jihadistas* constituídas por meio da Internet.

O Salafismo *jihadista* é o resultado da mistura entre a ala mais conservadora com o *jihadismo* devido ao carácter transnacional que este último adquiriu. É advogado por esta facção a tomada do poder pela violência, sendo o terrorismo um meio legítimo e que justifica todos os fins na obtenção do fim último que é a re-islamização do mundo.

Uma das géneses do radicalismo islâmico encontra-se na Irmandade Muçulmana criada por Hassan al Banna em 1928 no Egipto “O punhal, o veneno e o revólver...Estas são as armas do Islão contra os seus inimigos”.<sup>47</sup>

Al Banna considerava o secularismo imoral dado ser sinónimo de afastamento dos preceitos da fé islâmica e motivo de desvio do caminho de Deus devido à intoxicação da cultura ocidental. E por isso surgiu a Irmandade Muçulmana com o objectivo de aplacar a dominação estrangeira, barrando as influências da sua cultura, restaurando o Califado islâmico.

A reputação violenta da Irmandade provém dos ensinamentos de Al Banna versados numa componente mais activista da *jihad*. Activismo reforçado pela adopção de preceitos islâmicos que contrariem a tendência para a ocidentalização do Islão que o coloca de fora como personagem principal da política, da sociedade e da cultura islâmicas. Al Banna defendeu que o epicentro da vida muçulmana é a *Sunna* e o Corão.

Posteriormente a Irmandade deu início a treinos na área militar a fim de preparar os seus membros para a luta armada no sentido de transformar, primeiramente, o Egipto num Estado Islâmico e posteriormente transbordar fronteiras.

A partir de 1950 entra em cena Sayyid Qutb que revolucionou o conceito de *Jihad* ao aplicá-lo no sentido de eliminar todo o obstáculo do caminho para a autoridade divina.

---

<sup>47</sup> Tahert *cit. in* Costa (2001: 33).

Qutb estabelece uma ponte com o fundamentalismo ao radicalizar as suas ideias de um Islão puro e verdadeiro como religião. Estas ideias poderão ser observadas no século XXI em organizações terroristas como a Al Qaeda, e grupos associados, dado que Qutb criou as bases do Fundamentalismo Islâmico moderno.

Em 1982 surgiu o *Hezbollah* (Partido de Deus) como resultado da rotura do Amal (batalhões de resistência libanesa, Afwaj al-Muqawwama al-Lubnaniyya). O Hezbollah tem como azimute político a destruição do Estado de Israel. E na prossecução desse objectivo tem levado a cabo vários atentados contra interesses americanos e israelitas.

A fonte de inspiração do *Hezbollah* é a Revolução iraniana de 1979. Sendo uma das faces iranianas quando se trata de atacar interesses estratégicos ocidentais e poderá ser utilizado caso a comunidade internacional decida uma intervenção militar contra o Irão por causa da questão nuclear. Nada de bom resultará da junção de um país cujo líder político nega a existência do holocausto a uma organização terrorista, controversa esta questão, que deseja politicamente a destruição de um Estado.

A ideologia do *Hezbollah* baseia-se na premissa de que toda a humanidade viverá de acordo com os preceitos do Islão e para isso há que recorrer à *jihād*. E que Maomé nunca hesitou em colocar os adversários sob a ameaça da espada:

Para o Hezbollah, o Alcorão ensina os fiéis a matarem todos aqueles que os hostilizam (...) segundo a sua ideologia, a revolução é como um fósforo atirado para uma seara de tirania para que seja ateado um gigantesco incêndio (...) o combustível deve ser a doutrina (Silva, 2005: 260).

O que espelha a violência defendida pela organização assente no factor religioso:

Durante uma manifestação no Líbano, o xeque Hassan Nasrallah, líder do Hezbollah a partir de 1992, declarou que as operações de martírio (operações suicidas com bombas) seriam exportadas da Palestina, encorajando o seu povo a praticar o suicídio noutros países (Silva, 2005: 260).

Tanto é que foram encontrados membros do Hezbollah na Tríplice Fronteira, estando a preparar a reestruturação, desde 1996, dos vários ramos espalhados pelo mundo. E mais grave, com o apoio do Irão que se serve do Hezbollah para atingir países como a França,

a Alemanha, a Grã-Bretanha, a Suíça, os Estados Unidos e a Coreia do Sul, para além de companhias aéreas como a Air France, a TWA e a Kuwait Airways.

O Hezbollah (Líbano) é composto por uma estrutura cujo topo possui um conselho consultivo clérigos xiitas libaneses mas com a anuência de Teerão. Depois seguem-se três conselhos regionais, o de Vale de Bekaa, o de Beirute e o do sul do Líbano.

O Hezbollah é ainda o responsável pela radicalização dos xiitas com o apoio militar e financeiro do Irão. Estando cada vez mais forte e isso ficou bem patenteado no último confronto contra Israel.

Outro dos filhos do Irão é o Hamas (*Harakat al Muqawamah al Islamiyah*). É o actor principal do teatro de operações que tem sido o conflito Israel/Palestina, declarando uma *jihad* contra Israel “Destruir a entidade sionista que ocupa a Palestina e o estabelecimento da Palestina do mar ao rio, baseado nos princípios islâmicos”,<sup>48</sup> o que denota um objectivo comum ao Hezbollah.

O Hamas vive em tensão não só com Israel mas também com a OLP (Organização de Libertação da Palestina). Apanhando de surpresa esta com a rápida expansão tanto na Faixa de Gaza como na Cisjordânia. Recebe financiamento da Arábia Saudita, dos Estados do Golfo e do Irão.

Em 1988 o Hamas, tal como o Hezbollah, envolve-se em actividades terroristas contra Israel, recrudescendo a partir de 1995 os actos de terrorismo contra Israel, desta vez melhor preparados, outro ponto em comum com o Hezbollah, do ponto de vista militar “ Hamas raised the stakes considerably from 2001 with frequent suicide bombings causing large numbers of civilian and military casualties in Israel ” (Mandaville, 2007: 207).

Os Taliban (movimento extremista islamista nacionalista de etnia afegã pashtu) são mais uma das criações diabólicas da geopolítica americana. Aquando da invasão do

---

<sup>48</sup> Site do Grupo Hamas. (Em linha). Disponível em: [http://hamasonline.com/index.php?page=hamas\\_profile](http://hamasonline.com/index.php?page=hamas_profile). (Consultado em: 13 de Maio de 2010).

Afeganistão pelos soviéticos, os serviços secretos americanos (CIA) e os seus congéneres paquistaneses (ISI), com a Arábia Saudita pelo meio, apoiaram financeiramente e militarmente, a criação de um movimento extremista que combatesse o invasor comunista “ (...) they were receiving massive amounts of financial and military aid from the United States and Pakistan, mostly coordinated through the Inter-Services Intelligence (...) (Mandaville, 2007: 223).

Este movimento inspirou-se nos ensinamentos Deobandi que defendem um Islão pautado pelo rigor, pelo puritanismo e pelo conservadorismo. Estando por trás das inúmeras Madrassas existentes no Afeganistão e no Paquistão.

Os Taliban assumiram o controlo do Afeganistão (1996-2001), governando-o segundo Gilles Kepel “ (...) characterizes Taliban governance as being confined to three core areas: morality, commerce and war ” (Kepel: 229 *apud* Mandaville 2007: 227).

Governance under they had been taught out of dusty medieval tomes in madrassas – and, moreover, by implementig *only* what they had been taught and not being willing to think or act outside those boundaries – the Taliban quickly brought an already decimated Afghan state closer to the brink of collapse (Mandaville, 2007: 229).

## **2. Movimentos extremistas no mundo ocidental**

As placas sísmicas do radicalismo islâmico migraram para o Ocidente, localizando-se o seu epicentro na cidade de Londres mais conhecida desde a década de 90 pelo neologismo «Londistão». Foi aqui que se erigiu uma “ (...) geração de líderes radicais islâmicos que almejam derrubar os governos que consideram opressivos e hereges (...) ”,<sup>49</sup> através da doutrinação de grupos extremistas que o Ocidente não pode mais continuar a ver como alvos a reprimir mas sim a combater como se de uma guerra se tratasse. Esta travar-se-á contra grupos assimétricos que vivem em segredo e na profundíssima clandestinidade materializada na forma de protoplasmas.

---

<sup>49</sup> Pinto (2006: 63).

O extremismo é uma teia de aranha cujos ovos se disseminam e eclodem em diferentes zonas do globo, sendo a Europa, e os Estados Unidos, os pratos mais apetecidos do menu. Este é composto por uma variedade de pratos de nacionalidades, etnias, idades e profissões, que conferem às células uma amplitude, e uma envergadura, mortífera na prossecução dos seus objectivos “ligadas por mecanismos sombrios a outras redes sem nome com tentáculos espalhados pelo mundo”.<sup>50</sup>

A guerra afegã foi a incubadora das células que se espalharam pelo tecido do mundo. Células essas que nas décadas de 80 e 90 eram compostas pelos voluntários provindos do teatro de operações que foi a campanha contra a União Soviética e que depois se metastisaram numa *Jihad* noutras frentes:

A maioria volta aos seus países e cria novos movimentos armados, cujo objectivo principal é combater o poder local ímpio: assim foi no Egipto (...) – Médio Oriente, Jama`a Islamiya e Jihad Islâmica, na Argélia, na Jordânia, etc (Bauer e Rauffer, 2003: 122).

As células malignas foram corrompendo os tecidos do mundo como na Jordânia onde vários grupos adoptaram nomes como *Exército de Maomé* (1991) ou *Guarda Avançada Islâmica* (1992):

Outros ficaram no Afeganistão ou, com maior frequência, instalaram-se no Paquistão (cerca de 30.000 homens que vão constituir um verdadeiro reservatório do terrorismo islamita internacional) (Bauer e Rauffer, 2003: 123).

Outros grupos houve que se deslocaram para Caxemira, Bósnia, Tchetchénia, Tajiquistão, Iémen, e China.

Mais tarde a decomposição celular atinge a Europa e os Estados Unidos onde exploram sabiamente as permissividades dos sistemas democráticos do mundo ocidental. Facilidades essas que se traduzem no acesso aos *media* (um exemplo prático é a revista *Al Morabitoune* ser concebida e impressa na Dinamarca), criação de associações,

---

<sup>50</sup> Vegar (2008: 8).



deslocações de um país para outro sem fiscalização “Europe`s largely open borders and previously non-existent or lax terrorism laws have allowed some Islamist terrorists to move around freely.”<sup>51</sup> Aquando dos ataques do 11 de Setembro de 2001 foi verificado pelas entidades governamentais ocidentais que os atacantes provinham de recrutamentos realizados no Ocidente, e treinados no Afeganistão, o inverso da década de 80, sendo que países como a Alemanha, Espanha e Inglaterra serviram de base logística a toda a operação:

(...) foram recrutados na Europa, na África, na América...vêm de todos os continentes: são turcos, bengalis, franceses, americanos, somalis, filipinos, chineses, canadianos (...) recebem uma formação completa (...) certamente a utilizar armas e explosivos, mas também técnicas de guerrilha (...) (Bauer e Rauffer, 2003: 124).

Os ataques de 11 de Março de 2004 em Madrid espelham bem as múltiplas origens da composição das células dado que o grupo era composto por marroquinos residentes em Espanha.

A par desta multietnicidade celular está a Inglaterra como santuário do extremismo islâmico, podendo mesmo falar-se de um centro de comando de operações extremistas transnacionais a partir das mesquitas de Frinsbury Park e Brixton. E a prova está no facto de as autoridades inglesas terem desmantelado várias células ligadas à Al Qaeda entre o ano de 2003 e o ano de 2004. Estes revolucionários *jihadistas* defendem que a luta armada é o único caminho para afastar os inimigos de Deus “Os neo-islamistas, partindo do conceito *jihad fi sabeelillah* (fazer a *jihad* contra o mal), vêm na revolução islâmica o único meio para enfrentar os inimigos de Deus (...)”.<sup>52</sup> Os neo-islamistas possuem como referências os Taliban e o Irão, bebendo a sua inspiração no movimento wahabita-salafita. Se *Wall Street* é o epicentro dos negócios mundiais, a *City* é o centro de comando do Islamismo radical.

No espaço cénico da *City* surgem personagens como Abu Hamza (nacionalidade egípcia) imã da grande Mesquita de Finsbury Park e Omar Bakri (origem síria) criador do *Hiz ut-Tahrir*. Este por sua vez objectiva o Califado. Estes dois actores dão azo a

---

<sup>51</sup> Archick, Rollins, Woehrel (2005: 2).

<sup>52</sup> Pinto (2006: 63).

redes de apoio a acções extremistas ao coberto de instituições de solidariedade social que recolhem fundos que depois são “lavados” em instituições financeiras islâmicas. Mais, Londres é um centro financeiro reputadíssimo a nível mundial o que vem facilitar ainda mais os jogos político-financeiros das instituições bancárias islâmicas. Alain Bauer e Xavier Raufer disseram que “ (...) os islamitas milaneses estão em contacto com uma rede financeira somali informal (“hawala”) gerando um tráfico financeiro ítalo-somali de 500 milhões de euros por ano; rede, ela própria, ligada a uma sociedade financeira do Dubai, “al-Baraqaat” suspeita de ajudar a Al Qaeda a transferir fundos entre o Médio Oriente e para o resto do mundo.” (2003:157). O esquema é o mesmo do tráfico de droga.

A luta dos extremistas é no sentido de abarcar a outrora grandeza que foi o Islão e para isso há que destruir o Ocidente através de acções violentas que possibilitem a reunificação da Umma e a refazimento do Califado:

(...) o objectivo principal dos neo-islamistas não consiste no fortalecimento da sociedade civil muçulmana no Reino Unido e na afirmação da sua identidade e cultura, mas sim na constituição de uma plataforma geral de apoio à *jihad* mobilizada para uma acção externa e global. Ou seja, os neo-islamistas não vêem a comunidade muçulmana do Reino Unido como uma oportunidade de relançar o diálogo civilizacional, mas sim como um centro de recrutamento de jovens *moujahidins* para fazer a guerra santa aos infiéis e aos apóstatas (Pinto, 2006: 65-66).

O Reino Unido é o *hardware* do terrorismo internacional cujo software são:

(...) os grupos radicais islâmicos beneficiam de autonomia suficiente para desenvolver as suas actividades e para implementar os seus próprios centros de difusão e propaganda política radical, sem temer a intervenção do Estado (Céu Pinto, 2006: 66).

Todas as liberdades constitucionais das democracias ocidentais apenas facilitaram a implementação da actividade terrorista na Europa. E só o laxismo legislativo europeu poderia permitir a estruturação de uma teia de apoio de líderes radicais em Londres com repercussões interplanetárias. E o exemplo prático está nos atentados de Madrid, Paris (1994-1995), Londres e Nova Iorque.

Os perigos dos extremistas não se centram apenas em atentados. Há algo também muito grave que é a violência urbana que poderão despoletar a qualquer momento em qualquer cidade da Europa como foram os acontecimentos em França em Outubro e Novembro de 2005:

The European political and media establishment turned a blind eye to all this, selling out women, Jews, gays, and democratic principles generally – even criminalizing free speech – in order to pacify the radical Islamists and preserve the illusion of multicultural harmony (...) Europe’s Muslim communities are powder kegs, brimming with an alienation born of the immigrant’s deep antagonism toward an infidel society that rejects them (...).<sup>53</sup>

Os conflitos a decorrer no Ocidente são instigados por organizações radicais como a Al Qaeda com o recurso a práticas assimétricas que até ao momento tinham sido aplicadas em teatros de operações militares mas que depressa passaram para a rede urbana das cidades na forma de células que aplicam as regras de um jogo de guerrilha para o qual os serviços e as forças de segurança não estavam preparados. As cidades europeias arriscam a transformar-se em verdadeiros campos de batalha como em França em 2005. Poder-se-á transportar a Revolução iraniana de 1979 para as ruas de Paris ou de Londres num ápice e não é tão impossível quanto possa parecer dado que o Irão fará uma segunda revolução islâmica assim que adquirir armas nucleares. Aliás já está a colocar os preliminares em prática com a frontalidade com que ameaça a comunidade internacional.

Os tentáculos do polvo *jihadista* atingem proporções no Ocidente a todos os níveis em todos os quadrantes com novas formas bélicas aliadas às diversas delinquências dos seres actantes do extremismo:

(...) assiste-se à proliferação quase biológica, incontrolável (...) de entidades perigosas complexas, muito difíceis de identificar, de compreender, de definir (...) e mesmo às portas da própria União Europeia, a verdadeira ameaça emana das milícias e das guerrilhas mutantes, de entidades híbridas povoadas de terroristas (...) – Comandados por “profetas” iluminados (...) (Bauer e Rauffer, 2003: 170).

---

<sup>53</sup> Bruce Bawer (2006).

### 3. A natureza do terrorismo islâmico

Um novo palco foi montado à revelia da comunidade internacional onde os novos actores actuam a coberto de mil e uma faces dirigidas por coreógrafos que fogem a qualquer tentativa de enquadramento levada a cabo pelos Estados Nação saídos da Guerra-Fria. Estes novos actores têm vindo a ser confeccionados desde a Revolução iraniana de 1979, em que Khomeini já idealizava o seu alargamento a todo o Ocidente, e restante mundo árabe, em moldes idênticos aos da Al Qaeda e associados. E por isso é que ingleses e americanos apoiaram Saddam numa guerra contra o Irão de forma a enfraquecer os seus intentos revolucionários. Estes tinham que ser aplacados dada a sede petrolífera das sociedades ocidentais em expansão, e foi o apoio a Saddam dado por causa do petróleo e não porque desconfiassem que estava prestes a ocorrer um contexto idêntico ao que a Al Qaeda tem vindo a desenvolver no século XXI. A Revolução Islâmica de 1979 foi o 11 de Setembro do século XX. Representando Bin Laden para o terrorismo o mesmo que Mourinho para o futebol mundial, uma optimização como qualquer Multinacional de todas as suas potencialidades macroeconómicas num contexto global.

As ondas sísmicas da globalização desencadearam diversos factores como a vassalagem das economias mais fracas às mais fortes o que fez aumentar, para além de muitos outros erros advindos da descolonização, os sentimentos de revolta nas sociedades muçulmanas em que os Estados Unidos são vistos como uma máquina diabólica de destruição do Islão, subjugando-o ao sionismo.

O fim dos «Blocos» deu azo a que uma enxurrada de detritos, antes controlados, se disseminasse pelos quatro cantos do mundo de forma aleatória o que possibilitou o aparecimento de um Novo Terrorismo de base Islâmica e inspiração religiosa “O desconhecimento do «outro», e análise a partir de uma perspectiva da civilização ocidental, a que podemos juntar uma certa sobrançeria, levaram a que aumentasse o mal-estar, abrindo, assim, o campo à proliferação de reacções violentas.”<sup>54</sup> Estas

---

<sup>54</sup> Barbosa (2006: 31).

depressa ganharam formas como os ataques às Torres Gémeas, os atentados de Madrid e de Londres.

O terrorismo fundamentalista radical tem a sua génese na Irmandade Muçulmana mas foi em 1989 com a retirada soviética do Afeganistão que os Taliban possibilitam ao fundamentalismo radical um espaço que Bin Laden aproveita para estruturar a Al Qaeda de modo a criar uma rede de grupos islâmicos radicais que quer aproveitar as indiferenças da globalização para se manterem incógnitos e assim actuarem dissemelhantes de forma a desencadearem a “ (...) reconquista de todas as terras do Islão ocupadas por infiéis desde Mindanau às então Repúblicas Soviéticas da Ásia Central passando pela Andaluzia.”<sup>55</sup> No prossecução dessa reconquista os grupos extremistas espalham-se por vários pontos do globo como Caxemira ou a Bósnia onde reacendem anteriores conflitos através da acção *jihadista*, inicialmente regional, e posteriormente volta-se contra o Ocidente como bem patenteiam os atentados contra os marines estacionados em Daharan (1996), contra as Embaixadas dos Estados Unidos na Tanzânia e no Quénia (1998) e contra o *USS Cole* em Aden (2000). Estes ataques dão forma ao terrorismo islâmico de «novo tipo» caracterizado por ligações em rede na forma de células sobretudo da Al Qaeda espalhadas por mais de sessenta países, entre os quais poderemos destacar a Grã-Bretanha, a França, a Alemanha e a Espanha, e continentes como o Americano e o Asiático.

A toda a rede há um desejo comum que é a destruição por meio do emprego de acções violentas de forma aleatória para que todos saibam que são alvos em movimento a qualquer momento, deixando bem patente que os Estados deixaram de ter capacidade para defender os seus cidadãos e instituições. Havendo ainda subjacente a questão religiosa de eliminação pura do infiel e daí o ódio alimentado face ao Estado israelita e seus apoiantes como os americanos e ingleses. Como forma de alimentar este ódio ao infiel criaram-se as madrassas, a divulgação de literatura religiosa e as mesquitas, meios através dos quais se doutrinam as comunidades muçulmanas espalhadas por vários países no sentido de que a luta armada é a única forma de exterminação do não crente.

---

<sup>55</sup> Ramos (2009: 30).

Representando este jugo a humilhação do mundo islâmico, sendo o regresso ao califado a única maneira de obstar a crise de valores que rasga o Islão.

Há uma nova equação que é o terrorismo surgido com a Al Qaeda que, tal como já foi dito várias vezes, se transnacionalizou. Esta incógnita para a qual não há uma solução matemática à vista propõe um coeficiente em que os únicos factores conhecidos são dois mundos em que o Islão impera nos dois como único sistema global “(...) esta “guerra” é uma obrigação de todo o bom muçulmano e deve durar até que o mundo inteiro tenha perfilhado a fé islâmica e esteja subordinado à autoridade do Estado islâmico.”.<sup>56</sup>

O terrorismo islâmico é como um cancro cujas células crescem e se dividem sem respeitar fronteiras, invadem e destroem Estados, podendo espalhar-se para lugares distantes do globo através do processo *jihadista* “(...) uma estrutura de natureza celular difusa propicia a certas células a aquisição de um elevado grau de autonomia, que as leva a assumir identidade própria (...).”<sup>57</sup> Os obstáculos a fim de descortinar estas células devem-se ao seu secretismo no disfarce do fundamentalismo dos seus membros o que lhes proporciona a latitude necessária ao alcance dos seus desígnios:

A construção de uma rede planetária é decisiva para este tipo de organização e os radicais islâmicos revelam uma enorme capacidade de mobilização de apoios em qualquer parte do mundo, recrutando prosélitos junto da comunidade imigrante originária de países muçulmanos e de apátridas e refugiados.<sup>58</sup>

O terrorismo integrista assenta numa das vertentes que são os 15 a 20 milhões de muçulmanos existentes na Europa o que possibilita um apoio logístico e financeiro ao movimento extremista:

(...) o Islão politizado dos fundamentalistas, que procura o confronto violento com a civilização ocidental e aspira um mundo governado pela lei islâmica, defendendo mesmo a ideia de um Estado islâmico não-

---

<sup>56</sup> Sanches (2009: 93).

<sup>57</sup> *Ibidem*, (2009: 93).

<sup>58</sup> *Ibidem* (2009: 95).

territorial, segundo a qual as comunidades muçulmanas do ocidente deveriam ser encaradas como um Estado islâmico, territorialmente descontínuo, mas em que devia vigorar a lei islâmica.<sup>59</sup>

É por entre as comunidades muçulmanas que os radicais pululam “ (...) constituem a base de apoio ideológico e operacional deste terrorismo de novo tipo (...) maior ameaça ao mundo ocidental (...) ”.<sup>60</sup>

Esta nova estirpe virica (Brigadas dos Mártires de Al Aqsa, a Al Fatah, o Hamas, o Hezbollah, Jihad Islâmica, a Gama a al Islamiyya e a Al Qaeda) não pode ter como resposta uma vacina sazonal mas uma reacção atípica dadas as assimetrias que pautam a actuação deste novo terrorismo para o qual ainda não há significado no campo diplomático pois a actuação é ilógica o que tem deixado os países ocidentais às «aranhas» face ao novo inimigo. Mais, este novo terrorismo alimenta-se de Estados fracassados (*failed states*) e não deve ser conotado com nenhuma nacionalidade em concreto dado o seu bilhete de identidade ser apátrida. Mas, pode ser associado à inteligente utilização de meios tecnológicos e recursos financeiros vastos dada a correlação com o mundo do crime organizado com o qual tem muitos pontos em comum como a lavagem de dinheiro e o tráfico de armas, práticas utilizadas pelo polvo pan-islâmico que é a Al Qaeda, uma espécie de máfia sunita composta por terroristas com representações em vários países. O palco de combate é planetário “Os seculares dizem que “o Islão é a religião do amor”. É verdade. Mas o Islão também é a religião da Guerra. Da paz, mas também do terrorismo. Maomé disse: “eu sou o profeta da misericórdia”. Mas também disse: “eu sou o profeta do massacre”. A palavra terrorismo não é nova entre os muçulmanos. Maomé disse mais: “Eu sou o profeta que ri quando mata o seu inimigo”. Não é portanto apenas uma questão de matar. É rir quando se está a matar”.<sup>61</sup>

#### **4. Aproximação das redes extremistas ao crime organizado**

---

<sup>59</sup> *Ibidem* (2009: 95).

<sup>60</sup> *Ibidem* (2009: 95).

<sup>61</sup> Mohammed *cit. in* Tomé (2004: 179).

O Ocidente ganhará de uma forma ou de outra a Guerra no Iraque e no Afeganistão, sem vitória militar no sentido tradicional do termo, mas deparar-se-á com os maiores desafios do século XXI que são a conexão entre o narcotráfico e o crime organizado que já provou possuir poder suficiente para derrubar qualquer democracia, por mais anos de consolidação histórica que possua, quanto mais frágeis estados como o Afeganistão e o Iraque. Este último assistirá a um aumento das tensões sociais com a aplicação de sanções ao Irão devido ao seu programa nuclear.

Estados como o Afeganistão e o Iraque não parecem estar à altura de assumir o maior desafio de todos os tempos da sua precária existência como democracias, já muito mutilados como países desde a época colonial, passando pela invasão soviética e pelo governo dos Taliban (Afeganistão) ou as atrocidades levadas a cabo por Saddam para manter o regime (Iraque) e pelas sanções, pelas guerras e convulsões internas, que é o fenómeno da droga dada a sua internacionalização ao nível da sua produção, tráfico e consumo. E para piorar as coisas houve uma mudança na geopolítica da droga dado que até finais dos anos 80 as *máfias* italianas ou turcas, as tríadas chinesas e os cartéis colombianos controlavam o tráfico mundial de drogas de uma forma muito localizada mas com a globalização tudo se alterou o que provocou uma mudança na produção e distribuição da droga a nível mundial. E com a modificação do espaço cénico há uma entrada em cena de novas personagens como ex-agentes dos serviços secretos russos ou paquistaneses, «alunos» durante a guerra do Afeganistão.

Este hibridismo pulula em ambientes favoráveis a este tipo de estirpe virica como são os estados fracos que encontram no tráfico de droga uma fonte alternativa. Neste contexto encontramos vários estados como o Afeganistão, embrenhado no meio de vários outros países cujas condições geográficas inspiram mentes menos ortodoxas a práticas ilícitas como o cultivo de papoila, seu transporte e escoamento por entre caminhos e lugares escarpados até ao seu destino final que são os mercados ocidentais. Mas o Afeganistão, para além dos graves problemas internos, sobretudo políticos e sociais, sofre ainda de uma mistura explosiva que tem início nos países que o rodeiam, onde se encontram estacionadas máfias que fomentam economias políticas obscuras, passando pela



corrupção anémica que corrói as estruturas basilares dos estados e que garante apoio na aliança entre a política e a criminalidade.

O crime organizado que controla negócio da droga possui características que lhe permitiram adaptar-se aos mercados globais, estando ligado a negócios legais, obtendo uma presença geográfica no Ocidente que se estende através de enormes redes de «lavagem» de dinheiro proveniente de actividades menos legais. A força criminosa entrosa-se na sociedade onde introduz a violência e a miséria no quotidiano, desestabilizando as instituições. Um dos pilares do crime organizado é a correlação entre o narcotráfico e o tráfico de armas numa simbiose levada a cabo por grupos armados que entre si controlam o tráfico de droga e seus proventos com os quais financiam toda uma logística global de actuação através de rotas que utilizam tecnologia de ponta no valor de milhares de milhões de dólares a fim de movimentarem toneladas de droga, alguma dada a «morrer» às forças e serviços de segurança, numa longitude, e noutra latitude introduzindo o dinheiro nos sistemas económicos através de artimanhas financeiras.

A heroína produzida no Afeganistão envolve meios logísticos e humanos só vistos em estruturas militares como a norte-americana, ou em multinacionais como a *Microsoft*, embora não pareça dado o inóspito da região e a falta de tudo. Mas é em ambientes desta natureza que o tráfico de droga se organiza visto o envolvimento da criminalidade organizada compreender várias nacionalidades desde chineses, italianos, libaneses, nigerianos, paquistaneses, iraquianos, russos e turcos. Os russos, tal como os americanos no Vietname, «aprenderam» a traficar heroína durante a guerra do Afeganistão o que os tornou uma das principais organizações criminosas da Europa, controlando parte da sociedade bancária russa. Transportando a heroína produzida no sudoeste asiático para a Rússia.

No sudoeste asiático o Afeganistão é o principal produtor de ópio, sendo a sua maior fonte de rendimentos. O ópio é transformado em morfina no país e esta é enviada para a Turquia, através do Irão onde é processada em heroína.

A maioria da heroína que entra na Europa fá-lo pela «Rota dos Balcãs» que é controlada pelas *máfias* turcas que se apoiam nos emigrantes a residir nas cidades europeias para a sua distribuição. E como a globalização chegou para todos, as *máfias* turcas estabeleceram parcerias com as suas congéneres sicilianas com o objectivo de abastecer o mercado norte-americano, enquanto que as *máfias* kosovares firmaram acordos com as marselesas e da Córsega para fornecimento da França e do Canadá. O que demonstra o colosso logístico que se encontra montado por trás do ópio produzido nas regiões inóspitas, e que desafiam qualquer força militar ou policial de elite, do Afeganistão.

Tal como qualquer projecto financeiro mundial o crime também procura pontos estratégicos a fim de abrir as suas «sucursais» de modo a alcançarem o controlo das economias locais ao nível das instituições financeiras como os bancos para que possam «lavar» os «narco-dólares».

Ao longo da «Rota da Seda» encontramos grupos criminosos turcos, afegãos, paquistaneses e iranianos que transportam a heroína do Afeganistão para a Turquia através do Tajiquistão, Quirguistão, Uzbequistão, Turquemenistão e Kazaquistão. Estes países permitem o fabrico e passagem das substâncias químicas, percursores químicos, necessárias ao fabrico da heroína. Encontrando-se os laboratórios situados entre o Afeganistão e o Irão, na Federação Russa e na Turquia.

Os países da Ásia Central sempre produziram ópio com o Afeganistão no topo da lista. De seguida, transita, por via marítima, para, a partir do Paquistão, a Alemanha, Bélgica e Holanda, por entre a acidentada geografia da fronteira afegã o que dificulta o controlo dos traficantes.

Todo este tráfico tem sido intensamente motivado por grupos islâmicos ligados à Al Qaeda com vista ao financiamento das suas actividades como o tráfico de armas. Daí as *jointventures* entre grupos islâmicos e o crime organizado como é o exemplo da *máfia* siciliana. O narcotráfico e o crime organizado deixaram de ser lojas de comércio tradicional e passaram a grandes superfícies comerciais o que torna a questão grande

demais para ser restringida à segurança pública de um só Estado e sim à cooperação entre estados:

(...) Islamic terrorist and extremist groups have turned to drug trafficking as a source of revenue, rationalizing their involvement as a strategic necessity not only for their existence but also as a way to weaken the enemy.<sup>62</sup>

Denota-se uma internacionalização correlacional crescente da criminalidade organizada com os crimes de tráfico de estupefacientes, «lavagem» de dinheiro e imigração ilegal ou seja o dinheiro ganho num determinado país pode ser movimentado para outro à velocidade de uma tecla. Estando os estados ocidentais perante um tipo de criminalidade transnacional, sem rosto, sendo aqui que o narcotráfico e o crime organizado «deram as mãos» ao dissimularem-se no «meio da multidão» com a ajuda da tecnologia inerente às chamadas sociedades capitalistas e que Bin Laden, muito antes dos ataques ao *World Trade Center*, percebeu ser possível desferir pesados golpes ao mundo Ocidental através da velha fórmula «virar o feitiço contra o feiticeiro».

O antigo Procurador-Geral dos Estados Unidos, John Ascroft, disse que “terrorismo e drogas caminham juntos como o rato e a peste bubónica”. A dispersão do crime, da droga e do terrorismo pelo mundo é dramática e um real exemplo disso são os antigos países da ex. União Soviética em que o crime organizado controla quase noventa por cento dos estados.

Os ataques do 11 de Setembro vieram demonstrar que as forças e os serviços de segurança não estavam, e continuam a não estar, embora haja melhorias significativas, preparados para fazer frente a uma mudança súbita da anatomia da criminalidade organizada e do terrorismo. Aliás esta mudança tem vindo a ocorrer desde que o mundo se tornou global e só não foi percebida pelos organismos de segurança dos Estados-Nação mas da parte de grupos criminosos a globalização foi vista como a oportunidade que há muito os grupos radicais islâmicos acalentavam com vista a expandir as suas actividades quer em latitude, quer em longitude.

---

<sup>62</sup> Berry, Curtis, Hudson and Kollars (2002: 8).

Foi neste analfabetismo hermenêutico da parte dos serviços e das forças de segurança virados para um cenário pós guerra-fria que organizações islâmicas internacionais como a Al Qaeda prosperaram nas «relações políticas internacionais» ao ponto de alterar políticas internas e externas de estados. A Al Qaeda transnacionalizou-se dos mundos subdesenvolvidos, onde ainda possuía um cordão umbilical de ligação afectiva, para os países desenvolvidos onde tudo se encontra assente na tecnologia proporcionada pela internet e que sabiamente utiliza para traficar armas, droga, tráfico de mulheres para fins sexuais e «lavagem» de dinheiro em paraísos fiscais.

A Al Qaeda é um empreendimento internacional que utiliza as modernas técnicas de mercado, tal como qualquer outra multinacional a operar no mercado global, de forma a adaptar-se às exigências do mundo moderno e com isso aparecer em locais tão distantes como na América do Sul ou em ligações «comerciais» com as *máfias* italianas.

À Al Qaeda andam associados os Taliban, entre outros grupos extremistas, que se encontram no epicentro do tráfico de ópio, morfina e heroína procedente do Afeganistão e do Paquistão rumo à Europa. Este associativismo já vem dos tempos em que o regime Taliban controlava o Afeganistão e proporcionava uma importante base logística à Al Qaeda que teve que desviar esse apoio para as zonas rurais paquistanesas, após a invasão norte-americana do Afeganistão, onde o governo central pouca ou nenhuma influência exerce. É este *ground zero*, possibilitado pelas condições geográficas do território paquistanês, que tem permitido aos Taliban reagrupar, definir novas estratégias tácticas, em conluio com a Al Qaeda, de forma a incrementar o cultivo em larga escala da papoila. Parece haver uma clara intenção, talvez seja uma das estratégias, tal como foi a da política norte-americana, aparentemente, na década de sessenta com a implantação do *crack* nos bairros pobres das zonas negras das cidades americanas, da Al Qaeda em minar as gerações futuras dos países dado o crescimento do consumo de drogas nas camadas jovens e os gravíssimos problemas sociais e de saúde nas sociedades europeias e a correlativa astronómica despesa para os cofres dos estados no seu combate policial e médico.

Os avanços tecnológicos do Ocidente facilitam o desenvolvimento da Indústria das drogas no Crescente de Ouro o que põe em causa a segurança nacional dos estados do Ocidente se pensarmos que actualmente à droga anda associada a criminalidade organizada e a imigração ilegal. E que o dinheiro proveniente do narcotráfico alimenta economias e sistemas financeiros debilitados pelo ajuste macroeconómico.

O Crescente de Ouro não podia estar melhor localizado em 650 000 quilómetros quadrados de território «enfiados» entre o Médio Oriente, a Ásia Central e o subcontinente indiano o que naturalmente possibilita o estatuto de grande produtor de ópio protegido localmente pelos Taliban e transnacionalmente por brigadas islâmicas organizadas pela Al Qaeda.

No caso afegão os Taliban usam os lucros da venda do ópio para comprar armas e treinar grupos fundamentalistas no Uzbequistão. Mas há também alegações em como a Al Qaeda bebe no tráfico de droga formas de financiamento das suas actividades mundiais como um sistema internacional do crime organizado. E é este que coloca na Europa mais de 90% da droga produzida no Afeganistão e segundo Askar Akaiev, Presidente da Quirguízia, «Falta-nos tudo para combater as máfias da droga», ou Emomali Rakhonov, Presidente do Tajiquistão, «Mais de uma tonelada de droga passa a fronteira todos os dias vinda do Afeganistão».

Os estrategistas da Al Qaeda concluíram que uma das formas de a organização se desmultiplicar seria através da utilização das técnicas capitalistas das sociedades ocidentais financeiras como o franchising e a prová-lo está a constituição de células terroristas com pessoas de diversas nacionalidades ou angariar, através de parcerias, vários outros grupos terroristas a quem emprestam o nome da organização em troca da projecção dos mesmos nos *mass media* ocidentais. Outra forma de ludibriar os estados ocidentais é criar conexões com empresas legais e sectores corruptos do «novo» mundo globalizado.

Ora a isto chama-se, segundo Loretta Napolioni, «Al Quedismo» dado que a organização que se conhecia saiu de cena e no seu lugar aparece uma ideologia que liga

vários grupos no sistema de *franchising*. Estando perante colónias do terror em que diversos grupos se incubam no seio de estados fracos e aí procedem a metamorfoses viricas para as quais apenas se conhecem anestésicos. O mesmo é dizer que não existem medidas profiláticas e sim placebos.

O fenómeno do tráfico de droga já não é novo para qualquer sociedade, o que possui de novo é a estranha e perigosíssima aliança com as redes radicais islâmicas via organizações criminosas que se metamorfoseiam nas sociedades ocidentais sem que estas consigam travar tamanha estirpe tumoral. Ao ponto de dispersarem os lucros do tráfico de droga, entre outros, com destino ao financiamento das suas actividades:

A fragmentação do financiamento está, sem dúvida, ligada à presença globalizada e celular das entidades terroristas, mas também às necessidades logísticas diferenciadas no tempo que têm de satisfazer. Assim, o financiamento é indispensável para a realização de operações e para o sustento dos membros das células, que, ao contrário do que era comum, estão colocadas, em parte, em países estrangeiros, e das suas famílias no país de origem. Uma outra fatia importante dos gastos relaciona-se com a compra de explosivos, equipamento e documentação falsa. Uma terceira fatia, relativamente recente, é dedicada aos actos inerentes à natureza do terrorismo jihadista, como o recrutamento, a criação e difusão de propaganda através de imagem e de plataformas digitais, e a aquisição de meios digitais e de telecomunicações (Vegar, 2008: 20).

É notória a simbiose entre organizações terroristas e redes de tráfico de droga, como forma de financiamento, mas também participações em outros crimes como a venda de software e de dvd's contrafeitos, a falsificação de cartões de crédito, de documentos de identidade e o tráfico de pessoas. Os lucros obtidos são canalizados para contas offshore e empresas fantasma, sendo as quantias angariadas através de doações depositadas em bancos islâmicos com interesses no Ocidente ou através do sistema muçulmano *Hawala*, como afirmou Loretta Napoleoni:

(...) antes dos eventos do 9/11, o dinheiro gerado por todas as organizações terroristas do mundo atingia os 500 biliões de dólares, e este terá crescido, após o 9/11 à razão de 4 a 6 por cento por ano (...) (Napoleoni, 2007: 13-27 *apud* Vegar, 2008: 22).

A junção do terrorismo transnacional ao crime organizado é como o vírus H1N1 em que a mutação dá lugar a várias estirpes:

(...) that transnational organized crime groups are expanding their global reach, some analysts view the potential confluence of criminal and terrorist actors, skills, resources, and violent tactics as a cause for concern (Rollin, Wylar e Rosen, 2010: 1).

**Ou:**

(...) Islamist networks throughout Europe and the Middle East activated “a large, diverse system for clandestine travel by terrorists...from North Africa, the Middle East, the Balkans, and Western Europe to and from Pakistan, Afghanistan, and to a lesser extent Yemen (Bodansky, 2001: 34 *apud* Berry, Curtis, Hudson e Kollars, 2002: 9).

As redes islamistas firmaram parcerias com o crime organizado “ (...) The support and management echelons of the new Islamist networks operate in conjunction with organized crime” (Bodansky, 2001: 34 *apud* Berry, Curtis, Hudson e Kollars, 2002: 10).

**Ainda:**

Bodansky explains that Iranian intelligence agencies first encouraged Islamic radical groups to participate in the drug trade. Since then, the Islamic terrorism and extremist groups have expanded into myriad criminal activities, to include, in addition to drug trafficking, operating prostitution rings involving mainly Bosnian Muslim and North African women, laundering money, and disseminating high-quality, Iranian-printed \$100 bills. He points out that Hizballah’s original fatwa (...) on the distribution of drugs, has provided a rationale for drug trafficking: We are making these drugs for Satan- America and Jews. If we cannot kill them with guns, so we kill them with drugs (Bodansky, 2001: 34 *apud* Berry, Curtis, Hudson e Kollars, 2002: 9).

O que permite discernir que grupos terroristas poderão procurar junto do crime organizado os parceiros ideais para alcançarem os seus objectivos religiosos como o Califado. E não só como forma de obtenção de lucros com vista ao financiamento de actividades operacionais. E ainda o perigoso envolvimento de serviços secretos como o iraniano e o paquistanês em actividades comuns a grupos extremistas e de criminosos.

Por razões várias, grupos terroristas instalaram-se nos Estados Unidos como o Abu Sayyef, a Al Qaeda, a Ga-mat Islamiya, o Hamas, o Hizbollah, a Hizba-Tahir, a Jihad Islâmica, a Jamat Muslimeen e os Taliban:

As the Al Qaeda affiliate, Armed Islamic Group (GIA), demonstrated in December 2000, when it attempted to smuggle components for a powerful bomb into Washington State from Canada, al Qaeda and its other affiliated terrorist organizations can be expected to attempt to smuggle increasingly deadly weapons into the United States, possibly using drug-smuggling routes (Bodansky, 2001: 34 *apud* Berry, Curtis, Hudson e Kollars, 2002: 10).

No actual panorama mundial os grupos islâmicos fundamentalistas operam de forma transnacional e por isso mesmo não será estranho encontrar células terroristas ligadas ao Hezbollah e à Al Qaeda a actuar na Argentina, no Equador, nas Honduras, no México, na Nicarágua, no Paraguai, no Uruguai e na Venezuela.

Following the September 11, 2001, attacks, U.S. Central Intelligence Agency (CIA) and Federal Bureau of Investigation (FBI) agents reportedly travelled to Uruguay to investigate possible links with the bin Laden network (...) is possibility that lax immigration procedures in various Latin American countries have allowed terrorist «sleepers» to adopt new identities and to infiltrate into the United States, especially from Argentina (Bodansky, 2001: 34 *apud* Berry, Curtis, Hudson e Kollars, 2002: 13).

O que ilustra que grupos extremistas como o Hamas e o Hezbollah encontram-se espalhados a nível planetário como por exemplo na Colômbia ou na Tríplice Fronteira constituída pela Argentina, Brasil e Paraguai, sendo a fronteira com o México uma das mais perigosas do mundo dado ser um santuário para terroristas com ligações ao tráfico de droga, armas e lavagem de dinheiro. Uma espécie de «Afeganistão» do continente americano:

Hizbollah clerics and members of other violent Islamic groups reportedly began planting agents and recruiting sympathizers among the Arab and Muslim immigrants in Latin America (...) (Bodansky, 2001: 34 *apud* Berry, Curtis, Hudson e Kollars, 2002: 13).

O que demonstra que as redes terroristas iniciaram a sua globalização mais cedo, como que antevendo as mudanças que permitiram a sua transnacionalização como o fim da Guerra-Fria, a retirada soviética do Afeganistão e a queda do Muro de Berlim. Tudo



acontecimentos que criaram novos espaços de mercado subterrâneo, permitindo a expansão das economias paralelas com a actividade islâmica radical associada ao tráfico de droga e de armas. Onde o Hamas, o Hezbollah e a Gama'at al Islâmica activamente utilizaram a Tríplice Fronteira como base de apoio logístico:

(...) they use the region to raise revenues through illicit activities that include drug-and arms trafficking, counterfeiting, money laundering, forging travel documents, and even pirating software and music (Bodansky, 2001: 34 apud Berry, Curtis, Hudson e Kollars, 2002: 14).

Todo estas redes radicais possuem um muito bem montado esquema de obtenção de lucros que financiam o terrorismo a nível internacional e nas actividades onde não possuem experiência, como o crime, formam parcerias com o crime organizado como por exemplo o roubo de explosivos em Portugal em Junho de 2010, ou o assalto a uma carrinha de transporte de valores em 2008. Tudo operações conduzidas por profissionais altamente treinados e não pertencentes à criminalidade comum.

A Al Qaeda possui células na Tríplice Fronteira com o objectivo de suportar actividades terroristas com o lucro obtido através do tráfico de droga, de armas, de urânio, lavagem de dinheiro em associação às máfias russa e chinesa, bem como as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC):

The international cooperation between the FARC and al Qaeda was allegedly increasing as a result of the war in Afghanistan (Bodansky, 2001: 34 apud Berry, Curtis, Hudson e Kollars, 2002: 43).

Uruguayan investigations have found links between the Arab Mafia and the Lebanese Mafia, which operates in São Paulo, in connection with drug trafficking (Bodansky, 2001: 34 apud Berry, Curtis, Hudson e Kollars, 2002: 47).

O que faz da América Latina uma base de operações financeiras para o terrorismo internacional.

Um dado de extrema preocupação é a Arábia Saudita registar ligações de grupos terroristas ao crime organizado ao nível da falsificação de documentos, imigração ilegal, tráfico de droga e de armas. Além da tentativa de aquisição de armas nucleares,

químicas e biológicas. Estes factos revestem especial preocupação uma vez o reino saudita ser o berço da Al Qaeda, possuir as maiores reservas de petróleo do mundo e muitos milhões para financiar actividades terroristas como o faz “ Saudi Arabia reported the presence of links between terrorist acts and other forms of crime, particularly the smuggling of weapons and drugs, money laundering and forgery (Dandurand e Chin, 2004: 7).

Podendo afirmar-se que a Arábia Saudita é um dos palcos, outros são a Argélia, o Quirguistão e a Turquia (país que quer fazer parte da União Europeia), onde a transnacionalização do terrorismo possibilitou a sua ligação ao crime internacional “ (...) terrorist groups in question tended to be involved principally in the drug trade and various other forms of smuggling” (Dandurand e Chin, 2004: 9).

Daí observar-se actividades como o tráfico de armas serem comuns às máfias italianas e grupos palestinianos no Médio Oriente:

(...) between Italian crime groups involved in both arms and drug trafficking and various Arab clients through the Syrian Government. Terrorists in Italy are said to have assisted the Sicilian mafia, the Neapolitan Camorra and Calabrian gangsters in smuggling narcotics (Dandurand e Chin, 2004: 13).

Por meio do crime organizado são transportadas armas para o mundo árabe, sendo os lucros do tráfico de droga utilizados para pagar essas armas e o restante dinheiro lavado no Ocidente através de bancos árabes para futuras operações terroristas. Envolvendo esquemas inimagináveis onde a participação de terroristas islâmicos é cada vez mais notória:

(...) Kenya, Kurgystan (...) Saudi Arabia, Turkey (...) Uzbekistan, and Yemen, had observed a link between money laundering activities and terrorism (Dandurand e Chin, 2004: 13).

Os terroristas vendem drogas para obter dinheiro que serve para comprar armas e também, as organizações terroristas protegem os traficantes em troca de honorários ou uma determinada taxa. De qualquer forma, tem se tornado cada vez mais claro que o dinheiro gasto na compra de drogas nas ruas dos Estados Unidos acaba eventualmente por financiar um ataque terrorista neste país (Feinstein, 2002: 107-66 *apud* Ebo, 2008: 213).

## Conclusão

Ao longo de toda a dissertação tentei demonstrar o complexo mundo que é o Islão nas mais variadas vertentes, sejam elas sociais, políticas, económicas ou militares. As estruturas em que assentam as fundações do Islão são constituídas por um emaranhado de jogos políticos que visam a manutenção de rituais e práticas antigas através da doutrinação das comunidades espalhadas pelo Ocidente. Doutrinação essa fundamentada em interpretações radicais dos textos sagrados dispersos, via escrita e via oral, pelas mais variadas mesquitas existentes em toda a Europa e Estados Unidos. Essas correntes mais extremistas do islamismo têm levado a cabo actos de um terror sem precedentes como a destruição do *World Trade Center* no 11 de Setembro de 2001, ou os atentados preconizados em Madrid e em Londres. E ainda a constante tentativa de destruição do Estado de Israel, negando a existência do Holocausto, a intolerância registada por todo o Ocidente aquando das caricaturas dinamarquesas. O que ilustra bem as perigosas misturas de ingredientes tóxicos que compõem o fundamentalismo de inspiração religiosa difundido através das modernas tecnologias como a Internet que é utilizada como meio de difusão do ódio alimentado pelo inculcar constante da dúvida no colectivo social ocidental. É também a Internet que possibilita o acesso a mundos nunca antes conhecidos onde um simples toque numa tecla permite recrutar membros para o esforço de guerra jihadista, adquirir armas de destruição maciça, lavar dinheiro provindo de fundos de origem criminosa como o tráfico de droga e de armas.

A Europa tem agido de forma ingénua face ao descalabro do islamismo nas velhas democracias ao deixar que membros radicais entrem no seu espaço geográfico usando a capa das políticas de asilo, sendo o «Londistão» um flagrante exemplo. O que é caso para perguntar para que servem o *Eurojust*, o *Frontex* e o Sistema de Informação *Shengen* quando temos países europeus que advogam que o Hezbollah não é uma organização terrorista.

Um dos países que marcará a diferença no século XXI é o Irão que dentro em breve realizará uma nova Revolução Islâmica a partir do momento em que dominar a energia nuclear. Poderá ainda surgir a hipótese de partilhar o seu programa nuclear com

organizações extremistas como a Al Qaeda e Estados falhados como o Sudão ou a Eritreia. E para mais ninguém poderá esquecer que a Al Qaeda é muito flexível ideologicamente e os seus objectivos são inúmeros. Segundo Francisco Gonçalves:

(...) caso o Irão desenvolva com sucesso o seu programa nuclear (...) passará a ser muito mais agressivo no apoio a grupos terroristas (...) Aliás, o seu envolvimento com estes grupos terroristas crescerá exponencialmente (...) <sup>63</sup>

Mas entretanto gasta milhões de dólares na aniquilação de outras formas de crença religiosa através de avultados «investimentos» no fornecimento de armamento a organizações terroristas como o Hezbollah e o Hamas. Ou a incutir o ódio nas gerações mais jovens das comunidades muçulmanas espalhadas pelo Ocidente.

Uma das muitas questões polémicas em debate nesta dissertação foi a perigosíssima simbiose que se está a estabelecer entre o terrorismo e o crime organizado em que grupos extremistas islâmicos desenvolvem novas frentes de actividade como o envolvimento no tráfico de droga, no tráfico de armas, no tráfico de seres humanos, na falsificação de documentos, na lavagem de dinheiro, na aquisição de armas nucleares, químicas, biológicas e radioactivas. Há um «mundo novo» no qual a Al Qaeda se está a transformar em algo ainda mais aterrador e do desconhecimento dos serviços de segurança ocidentais assim como o foi a organização terrorista de Bin Laden nos primeiros anos.

Os Estados Unidos continuam a persistir no erro que os soviéticos cometeram quando invadiram o Afeganistão, e que também cometeram no Vietname, ao invadirem o Afeganistão pois nunca nenhuma força de ocupação estrangeira ganhou o que quer que seja naquele território. A própria CIA admite actualmente que está a sentir dificuldades no Afeganistão. Mas os americanos sabem muito bem que não estão ali para ganhar guerra nenhuma, estão ali para aumentar a sua influência na Ásia Central por causa do petróleo e do gás natural.

---

<sup>63</sup> Francisco Jorge A.P.C. Gonçalves. (2008). Tenente do Exército (RC). Relativamente ao seu Programa Nuclear, Deve o Irão ser Apaziguado? (Em linha). Disponível em [www.revistamilitar.pt](http://www.revistamilitar.pt). (Consultado em 2010-09-10).

Vivemos, e viveremos, num século de grandes mutações na anatomia da forma como se desenrolam os conflitos, sejam eles militares, sejam eles policiais. Tendo o Ocidente que fazer uma ginástica estrutural em todos os conceitos sobre segurança interna, e externa, de modo a tentar minorar os efeitos nefastos do detonador que foi o 11 de Setembro de 2001 que arrastou para a comunidade internacional ameaças assimétricas. E para estas o único antídoto conhecido é a acção concertada de todos os Estados no colectivo e não no singular dado que o problema não é reconhecer as ameaças e sim encontrar estratégias adequadas para lhes fazer face.

Ficou provado que o facto de a administração americana ter desenvolvido uma política mais flexível com Obama não significou que as tentativas de atentados desaparecessem como o caso de Nova Iorque em 02 de Maio de 2010. Também o facto de o governo espanhol ter retirado as suas tropas do Iraque não evitou que sofressem atentados e ainda o facto de os sucessivos governos ingleses terem sido permissivos à entrada de radicais islâmicos e estes proferirem discursos inflamadores das massas não impediu que também fossem alvo de atentados. O que significa que o que está em jogo não são valores ou identidades culturais e sim um ódio há muito latente no colectivo muçulmano a quem sucessivos erros geoestratégicos ocidentais permitiram criar as condições ideais para se materializarem nos actos de terror que ultrapassam os limites do humanamente previsível.

## **Bibliografia**

### **Obras de Referência**

Azizian, Rouben & Davis, Elizabeth Van Wie. (2007). *Islam, Oil, and Geopolitics in Central Asia after September 11*. Maryland, Rowman & Littlefield Publishers, Inc.

Anes, José Manuel. (2006). *As Teias do Terror, Novas Ameaças Globais. O Terrorismo Religioso Contemporâneo: Uma Breve Introdução*. Lisboa, Ésquilo.

Abdelnasser, Walid M. (1994). *The Islamic Movement in Egypt*. Londres, Hegan Paul, 1994, pp. 146-172, citada por Pinto, Maria do Céu. (2004). A Jihad Global e o contexto europeu. *Terrorismo*. Adriano Moreira, coordenador, 2.<sup>a</sup> Edição, Almedina.

Anderson, Raymond H. (1989). Ayatollah Ruhollah Khomeini, 89, Relentless Founder of the Islamic Republic. *New York Times*. p.p. 8-11, citado por Silva, Manuel da (2005). *Terrorismo e Guerrilha, Das Origens à Al-Qaeda*. Parte II: A Evolução do Islamismo e do Radicalismo Islamista, Capítulo VII: As diversas tendências no Médio Oriente e Turquia (1923 a 1989): A Pérsia/Irão-a ameaça do radicalismo xiita internacional. Lisboa, Edições Sílabo.

A`la Mawdudi, Sayyid Abul (1939). *Jihad in Islam*. Lahore, Islamic Publications Ltd.

Bauer, Alain & Rauffer, Xavier (2003). *A Globalização do Terrorismo. O Protoplasma Globalizado, Os Homens*. Trad. de Américo Mata. Lisboa, Prefácio.

Bhattacharyya, Gargi. (2005). *Underbelly of the Global in Traffic, The Illicit Movement of People and Things*. London, Pluto Press.

Bawer, Bruce (2006). *While Europe Slept How Radical Islam Is Destroying The West From Within*. New York, Doubleday.

Bergen, Peter (2001). *Holy War. Inc.: Inside the Secret World of Osama Bin Laden*, New York, Touchstone.

Burke, Jason. (2004). *Al-Qaeda, A História do Radicalismo Radical*. Trad. Victor Antunes. Lisboa, Quetzal Editores.

Correia, Pedro de Pezarat (2004). *Manual de Geopolítica e Geoestratégia*. Vol. II – Análise Geoestratégica de um Mundo em Conflito, Lisboa, Quarteto.

Collon, Michel (2001). *A guerra global começou. O Império em Guerra. O mundo depois do 11 de Setembro*, Lisboa, Campo das Letras.

Cook, D. (2005). *Understanding Jihad*. Berkeley, CA: University of California Press, citado por Mandaville, Peter. (2007). *Global Political Islam*. Radical Islamism and jihad beyond the nation-state: Defining and conceptualizing radical Islamism, London, Routledge.

Mandaville, Peter. (2007). *Global Political Islam*. Who speaks for Islam? Religious authority in the global umma. The role of new media and popular Islam: a virtual ummah?, London, Routledge,

Silva, Manuel da. (2005). *Terrorismo e Guerrilha, Das Origens à Al-Qaeda*. Parte II: A Evolução do Islamismo e do Radicalismo Islamista, Capítulo VIII: O radicalismo islamista na Ásia e em África (1923-1989): Afeganistão: O conceito de vanguarda de Azzam e os seus objectivos. Lisboa, Edições Sílabo.

Gomes Barbosa, Pedro. (2006). *As Teias do Terror, Novas Ameaças Globais. Aproximação ao Problema do Terrorismo. O Fim dos «Blocos» e os novos conceitos de Defesa*. Lisboa, Ésquilo.

Gunaratna, Rohan. (2002). *No Interior da Al-Qaeda, Rede Global do Terror*. Trad. Helena Falé Chora, Lisboa, Relógio D`Água.

Hobsbawm, Eric (2002). *A Era dos Extremos*. Lisboa, Editorial Presença.

Hoffman, Bruce. (1993). *Holly Terror: The Implications of Terrorism motivated by a Religious Imperative*, Paper presented at the “Worldwide Department of Defense Combating Terrorism Conference”, Virginia Beach, VA, 8-11 June RAND/ P-7834.

Macdonald, Douglas. (2007). *The New Totalitarians: Social Identities and Radical Islamist Political Grand Strategy*. Strategic Studies Institute, Title 17, United States, Section 105.

John Martin, M. & Romano, T. Anne. (1992). Terrorism, Espionage, Drug & Arms Trafficking. *Multinational Crime, Studies In Crime, Law, And Justice*. Vol. 9, SAGE Publications.

Kagan, Robert. (2003). *O Paraíso e o Poder. A América e a Europa na Nova Ordem Mundial*. Lisboa, Random House, Inc.

Konarovsky, Mikhail A. (2007) Central Asia and the War against Terrorism: A View from Russia. *Islam, Oil, and Geopolitics in Central Asia after September 11*. Maryland, Rowman & Littlefield Publishers, Inc.

Khomeini, Imam. (1981). *Islam and Revolution*. Tradução de Hamid Algar London: KPI, Ltd.

Lounev, Sergey. (2007). Russia-Indian Relations in Central Asia: The impact of the Antiterrorist War For Russia And India. *Islam, Oil, and Geopolitics in Central Asia after September 11*. Maryland, Rowman & Littlefield Publishers, Inc.

Pinto, Maria do Céu. (2004). A Jihad Global e o contexto europeu. *Terrorismo*. Coordenação de Adriano Moreira, 2.<sup>a</sup> Edição. Lisboa, Almedina.



Laden, Osama Bin (2004). Jihad Against Jews and Crusaders, Laqueur, Walter (Ed.), *Voices of Terror: Manifestos, Writings and Manuals of Al Qaeda, Hamas, and Other Terrorists From Around The World and Throughout the Ages*, New York, Reed Press.

Meddeb, Abdelwahab. (2002). *A Doença do Islão*. Primeira Parte: O Islão inconformado com a sua destituição. Tradução de Dóris Graça Dias. Lisboa, Relógio D'Água, Antropos.

Mandaville, Peter (2007). *Radical Islamism and Jihad beyond the nation-state. Global Political Islam*. London, Routledge.

Pinto, Maria do Céu (2004). “A Jihad Global e o contexto europeu”, in: “Terrorismo”, Adriano Moreira, coordenador, 2.<sup>a</sup> Edição, Lisboa, Almedina.

Mantran-Les, Robert (1990). *Grandes dates de l'Islam*. Paris, Larousse, p. 264, citado por Costa, Helder Santos. (2001). *O Revivalismo Islâmico*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Universidade Técnica de Lisboa. Ed. ISCSP.

Ramadan, Tariq (2000). *El reformismo musulmán, Desde sus orígenes hasta los Hermanos Musulmanes*. Barcelona, Bellaterra, Biblioteca del Islam Contemporaneo.

Roy, Olivier (2004). *Globalized Islam. The Search for a new Ummah*, Chapter 6: The Modernity of an Archaic Way of Thinking: Neofundamentalism, New York, Columbia University Press.

Sageman, Marc (2006). *Understanding Terror Networks*. p. vii, citado por Jackson, Richard. (2006). Religion, Politics and Terrorism: A Critical Analysis of Narratives of *Islamic Terrorism*. Centre for International Politics University of Manchester, Working Paper Series No. 21.

Silva, Manuel da (2005). *Terrorismo e Guerrilha. Das Origens à Al-Qaeda*. Parte II: A Evolução do Islamismo e do Radicalismo Islamista, Capítulo V: De Maomé a finais do séc. XIII: Hassan ibn al-Sabbah e os “Assassinos”. Lisboa, Edições Sílabo.

Tahert, Amir (1987). *Holy Terror*. Sphere Books Limited, London, citado por Santos Costa, Helder. (2001). *O Revivalismo Islâmico*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa. Editora ISCSP.

Tomé, L. Luís. (2004). *Novo recorte geopolítico mundial*. Lisboa, UAL.

Tenente-General Ramos, António Fontes (2009). *Terrorismo Transnacional*. Instituto de Estudos Superiores Militares. Estratégias de Prevenção e Resposta. Caracterização e enquadramento político e jurídico do terrorismo transnacional. A nova dimensão do terrorismo transnacional e o seu impacto no sistema político internacional. Lisboa, Prefácio.

Viegas Sanches, Daniel (2009). *Terrorismo Transnacional*. Instituto de Estudos Superiores Militares. Estratégias de Prevenção e Resposta. O carácter multidisciplinar da resposta ao terrorismo transnacional. Terrorismo de matriz islâmica – Papel dos serviços de informação na estratégia de prevenção de actos terroristas. Lisboa, Prefácio.

Vilar, Emílio Rui (2006). *O encerramento de um ciclo*. Terrorismo e Relações Internacionais. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Gradiva.

## **Documentação**

Archick, Kristin, Rollins, John, Woehrel, Steven. (2005). *Islamist Extremism in Europe*. Islamist Extremists in Europe and Links to Terrorist Groups. CRS Report for Congress. Congressional Research Service. The Library of Congress, Order Code RS22211. Disponível em < <http://www.fas.org/sgp/crs/terror/RS22211.pdf>. (Consultado em 2010-09-13).

Bodansky, Jossef. (2001). *Bin Laden: The Man Who Declared War on America*. Roseville, California: Prima Publishing/Random House citado por Berry, La Verle, Curtis, Glenn E., Hudson, Rex A., Kollars, Nina A..(2002). The Library of Congress. *A Global Overview of Narcotics-Funded Terrorist and Other Extremist Groups*. A Report Prepared by the Federal Research Division, Library of Congress under an Interagency Agreement with the Department of Defense. Disponível em < [http://www.loc.gov/rr/frd/pdf-files/NarcsFundedTerrs\\_Extrems.pdf](http://www.loc.gov/rr/frd/pdf-files/NarcsFundedTerrs_Extrems.pdf). (Consultado em 2010-09-11).

Berry, La Verle, Curtis, Glenn E., Hudson, Rex A., Kollars, Nina A. (2002). *A Global Overview of Narcotics-Funded Terrorist and Other Extremist Groups*. A Report Prepared by the Federal Research Division, Library of Congress under an Interagency Agreement with the Department of Defense. Disponível em < [http://www.loc.gov/rr/frd/pdf-files/NarcsFundedTerrs\\_Extrems.pdf](http://www.loc.gov/rr/frd/pdf-files/NarcsFundedTerrs_Extrems.pdf). (Consultado em 2010-09-12).

Comunicado de 11/11/2001, distribuído em Gaza, e assinado pelo mártir, o jovem Hicham Ismail, da «Jihad» Islâmica, citado por Anes, José Manuel. (2006). *As Teias do Terror, Novas Ameaças Globais*. O Terrorismo Religioso Contemporâneo: Uma Breve Introdução, Ésquilo, 1.ª Edição-Maio.

Dandurand, Yvon and Chin, Vivienne. (2004). *Links Between Terrorism and Other Forms of Crime*. International Centre for Criminal Law Reform and Justice Policy. Disponível em < <http://www.icclr.law.ubc.ca/Site%20Map/Publications%20Page/Yvon%20Dandurand.htm>. (Consultado em 2010-08-11).

Feinstein, Dianne. (2002). Senador do Estado da Califórnia. One Hundred Seventh Congress NarcoTerror: *The Worldwide Connection Between Drugs And Terrorism*. Serial No. J-107-66, pp. 1, em [www.usdoj.gov/ola/2002reportl.pdf](http://www.usdoj.gov/ola/2002reportl.pdf), citado por Ebo,

Isabel de Jesus dos Santos. (2008). *A Geopolítica da Droga*. Universidade Técnica de Lisboa, ISCSP, Lisboa.

Hassan al-Banna, Nahwa na-Nûr (Direitos à Luz), discurso enviado pelo autor em 1946 a diversos chefes de Estado Islâmicos, entre os quais o rei Farouk, vide Majmû`at ar-Rasâ`il, p. 72, Alexandria: [s.n.], 1990, citado por Medded, Abdelwahab. (2002). *A Doença do Islão*. Trad. de Dóris Graça Dias. Terceira Parte: O integrismo contra o Ocidente, Relógio de D`Água, Antropos.

Rollin, John, Sun Wyler, Liliana, Rosen, Seth. (2010). *International Terrorism and Transnational Crime: Security Threats*. U.S. Policy and Considerations for Congress. Congressional Research Service 7-5700/R41004. Disponível em <<http://www.fpc.state.gov/documents/organization/134960.pdf>>. (Consultado em 2010-09-11).

Sutherland, Paul. *Radical Islamic Fundamentalism*. Paper Assignment #5. Professor Kunich, PRO 600A Advanced Counter Terrorism. Disponível em <<http://www.pauldoestheweb.com/terrorismfolder/islamicfundamentalism.pdf>>. (Consultado em 2010-09-12).

Sageman, Marc. (2007). *Leaderless Jihad: Terror Networks in the Twenty-First Century*, Philadelphia: University of Pennsylvania Press, citado por Sutherland, Paul, *Radical Islamic Fundamentalism*. Paper Assignment #5. Professor Kunich, PRO 600A Advanced Counter Terrorism. Disponível em <<http://pauldoestheweb.com/terrorismfolder/islamicfundamentalism.pdf>>. (Consultado em 2010-09-12).

Transmissão audio de Osama bin Laden, com a duração de dois minutos, para chamar a atenção para o primeiro aniversário da intervenção dos Estados Unidos no Afeganistão, Al Jazeera, estação árabe de transmissão de televisão por satélite, Qatar, 6 de Outubro de 2002, citada por Gunaratna, Rohan. (2004). *No Interior da AL-Qaeda, Rede Global do Terror*. Trad. de Helena Falé Chora. Lisboa, Relógio D`Água.

Vegar, José. (2008). *A Célula e as Fronteiras, Circulação e Posse de Informação no Terrorismo Jihadista, no Crime Organizado Contemporâneo e na Investigação de Segurança*. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, CIES e-Working Paper N.º 49. Disponível em < <http://repositório-iul.iscte.pt/handle/10071/721>. (Consultado em 2010-09-10).

## **Imprensa**

Jornal *Público* de 2001-10-23. (Em linha). Disponível em < <http://jornal.publico.pt/pages/section.aspx?id=23-10-2001>. (Consultado em 2010-06-23).

Jornal *Público* de 2004-05-20. (Em linha). Disponível em < <http://jornal.publico.pt/?d=20.05.2004>. (Consultado em 2010-06-25).

Thomas, Dominique. (2001). *Explosif Londonistan*. *Le Monde .fr*, 29 de Outubro, citado por Pinto, Maria do Céu. (2004). A Jihad Global e o contexto europeu, em *Terrorismo*, Adriano Moreira, coordenador, 2.<sup>a</sup> Edição, Almedina.

Tammam, H. e Haenni, P. (2003). *Egypt's air-conditioned Islam*, *Le Monde Diplomatique*, citado por Mandaville, Peter. (2007). *Global Political Islam, Who speaks for Islam? Religious authority in the global umma*, Popular Islam: piety, consumption, and public religion, Routledge, London and New York.

## **Internet**

Abul A'la Maududi, Jihad in Islam, produced by The Holy Koran Publishing House, International Islamic Federation of Student Organizations, Salimiah-Kuwait. (em [www.muhammadanism.org](http://www.muhammadanism.org)- March 27, 2006).

Country Reports on Terrorism and Patterns of Global Terrorism. Disponível em < [www.state.gov/documents/organization/45322.pdf](http://www.state.gov/documents/organization/45322.pdf). (Em linha). (Consultado em 2010-07-06).

Global Islamic Media. (2002). Disponível em <http://groups.yahoo.com/group/abubanan>. Referido em: Burke, Jason, *op. cit.*, p. 152, citado por: Silva, Manuel da. (2005). *Terrorismo e Guerrilha, Das Origens à Al-Qaeda*. Parte II: A Evolução do Islamismo e do Radicalismo Islamista, Capítulo V: A (s) Al-Qaeda (s) e a ameaça global: Ideologia, Edições Sílabo.

Site do Grupo Hamas. Disponível em < [http://hamasonline.com/index.php?page=hamas\\_profile](http://hamasonline.com/index.php?page=hamas_profile) . (Em linha). (Consultado em 13 de Maio de 2010).

*The Recruiters*, transcrição de um programa CBCNews conduzido por Mckenna (em <http://www.cbc.ca/national/news/recruiters/qatada.html>), citado por Céu Pinto, Maria do. (2004). A Jihad Global e o contexto europeu, em *Terrorismo*, Moreira, Adriano, coordenador, 2.<sup>a</sup> Edição, Almedina, 2004.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93pio>. (Em linha). (Consultado em 07 de Setembro de 2010).

[http://en.wikipedia.org/wiki/Golden\\_Triangle](http://en.wikipedia.org/wiki/Golden_Triangle). (Em linha). (Consultado em 07 de Setembro de 2010).

[http://en.wikipedia.org/wiki/D\\_Company](http://en.wikipedia.org/wiki/D_Company) .(Em linha). (Consultado em 07 de Setembro de 2010).

[http://en.wikipedia.org/wiki/Dawood\\_Ibrahim](http://en.wikipedia.org/wiki/Dawood_Ibrahim) . (Em linha). (Consultado em 07 de Setembro de 2010).

[http://resistir.info/chossudovsky/afeganistao\\_opio](http://resistir.info/chossudovsky/afeganistao_opio). (Em linha). (Consultado em\_07 de Setembro de 2010).

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Tr%C3%A1fico\\_de\\_droga](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tr%C3%A1fico_de_droga). (Em linha). (07 de Setembro de 2010).

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra\\_Fria](http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Fria). (Em linha). (Consultado em 07 de Setembro de 2010).

### **Artigos e Revistas Especializadas**

Crumley, Bruce et al. *Hate Club*. *Time* (online), v. 158, n.º 18, 5 de Novembro de 2001, p. 3, citado por Pinto, Maria do Céu. (2004). A Jihad Global e o contexto europeu, in *Terrorismo*, Adriano Moreira, coordenador, 2.ª Edição, Almedina.

Mohammed, Bakri. Entrevista publicada na *Pública*, op. Cit., p. 29, citado por Tomé, Luís L. (2004). *Novo recorte geopolítico mundial*. Parte III: A Nova Guerra Mundial contra o Terror, Caracterização do Terrorismo de Novo Tipo. Universidade Autónoma de Lisboa.